

**LINGUAGEM  
ESTUDOS e ESQUISAS**

Revista do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* - Mestrado  
em Estudos da Linguagem – da Unidade Acadêmica Especial de  
Letras e Linguística Letras da Regional Catalão - UFG

---



ISSN 2358-1042

**LINGUAGEM - ESTUDOS E PESQUISAS**

Revista do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Estudos da  
Linguagem – da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da  
Regional Catalão – UFG

Janeiro-Junho/2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

**Reitor da Universidade Federal de Goiás**

Orlando Afonso Valle do Amaral

**Diretor da Regional Catalão/UFG**

Thiago Jabur Bittar

**Coordenador do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* – Mestrado em Estudos da Linguagem**

Luciana Borges

**Chefe do Departamento de Letras da Regional Catalão/UFG**

Alexander Meireles da Silva

**Editores Responsáveis**

Braz José Coelho e Maria Helena de Paula

**Organizadores deste Número**

João Batista Cardoso e Júlio César Machado de Paula

**Comissão Editorial:** Alexander Meireles da Silva; Antônio Fernandes Júnior; Braz José Coelho; Grenissa Bonvino Stafuzza; Luciana Borges; Maria Helena de Paula; Oziris Borges Filho

**Conselho Editorial e Científico:** Alexander Meireles da Silva (Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão); Alicia Duhá Lose (CNPq-Faculdade Mosteiro São Bento da Bahia/Universidade Federal da Bahia); Antônio Fernandes Júnior (Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão); Aparecida Negra Isquerdo (CNPq/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul/Universidade Estadual de Londrina); Braz José Coelho (Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão); Cleudemar Alves Fernandes (Universidade Federal de Uberlândia); Grenissa Bonvino Stafuzza (Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão); Henrique Silvestre Soares (Universidade Federal do Acre); Luciana Borges (Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão); Luzmara Cursino Ferreira (Universidade Federal de São Carlos); Manoel Mourivaldo Santiago Almeida (CNPq/Universidade de São Paulo); Márcio Luiz Corrêa Vilaça (Universidade de Grande Rio); Maria Cândida Trindade Seabra (Universidade Federal de Minas Gerais); Maria Filomena Gonçalves (Universidade de Évora, Portugal); Maria Helena de Paula (Universidade Federal de Goiás/Regional Catalão); Oziris Borges Filho (Universidade Federal do Triângulo Mineiro); Phablo Roberto Marchis Fachin (Universidade de São Paulo); Regma Maria dos Santos (Universidade Federal de Uberlândia/Universidade Federal de Goiás).

**Conselho Consultivo:** Antônio Donizete Pires (Universidade Estadual Paulista - Araraquara); Dominique Maingueneau (Université Paris Est Créteil Val de Marne); Leo M. Wetzels (Vrije Universiteit Amsterdam - Holanda); Márcia Elizabeth Bortone (Universidade de Brasília); Maria Dolores A. Ramirez (Universidade Estadual Paulista - Araraquara); Patrick Charaudeau (Université Paris Nord - Paris XIII); Silvio de Almeida Toledo Neto (Universidade de São Paulo); Solange Fiuza Cardoso Yokozawa (Universidade Federal de Goiás); Sonia Branca-Rosoff (Université Sorbonne Nouvelle - Paris III).

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
REGIONAL CATALÃO  
UNIDADE ACADÊMICA ESPECIAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA

**LINGUAGEM** – ESTUDOS e PESQUISAS

Linguagem – Est. e Pesq., Catalão-GO, v. 20, n. 1. 161 p.  
2016

*Linguagem – Estudos e Pesquisas* é uma publicação semestral do Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Estudos da Linguagem, da Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Regional Catalão, da Universidade Federal de Goiás.

#### **Endereço para correspondência**

Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística – Av. Dr. Lamartine Pinto de Avelar, nº 1120, Sala 2, Bloco E – CEP: 75.704-020 – Caixa Postal 56 – Setor Universitário – Fone: (64) 3441-5304. Catalão-Goiás-Brasil.  
*Linguagem – Estudos e Pesquisas* pode ser acessada no sítio: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/lep/index>

#### **Editores responsáveis**

Braz José Coelho e Maria Helena de Paula

#### **Organizadores deste número**

João Batista Cardoso (UFG/Catalão)  
Júlio César Machado de Paula (UFF)

#### **Diagramação**

Maria Helena de Paula

#### **Revisão dos abstracts**

Alexander Meireles da Silva

#### **Revisão dos resúmenes**

Wellington dos Reis Nascimento

#### **Revisão dos originais**

Os organizadores

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (GPT/BSCAC/UFG)**

---

L755Linguagem – estudos e pesquisas / Revista do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, Mestrado em Estudos da Linguagem, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Regional Catalão – UFG. – Vol. 20, n. 1 (jan./jun. 2016). – Catalão: Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, Departamento de Letras, 1997-  
v.: il.; 21 cm.

Semestral

Publicada pela Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Regional Catalão – UFG, 1997-2011; pelo Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado em Estudos da Linguagem, Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística da Regional Catalão – UFG, 2011-

Editores responsáveis: Braz José Coelho e Maria Helena de Paula.

Organizadores: João Batista Cardoso e Júlio César Machado de Paula

Descrição baseada em: Vol. 20, n. 1 (jan./jun. 2016).

ISSN: 1519-6240 (versão impressa. Cessou em 2015)

ISSN: 2358-1042 (versão *on-line*)

1. Letras – Periódicos. I. Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Instituto de Letras e Linguística. II. Título.

CDU: 8 (05)

---

Aceitam-se colaborações e solicita-se permuta

We Ask For Exchange

On demanche échange

Pèdese canje

## SUMÁRIO

### Editorial

*João Batista Cardoso*

*Júlio César Machado de Paula*.....13

### Textos de autores convidados

**1. Solidariedade e relações comunitárias nas literaturas dos países africanos de língua portuguesa**

*Benjamim Abdala Júnior*.....15

**2. Stanislaw Lem: ficção na encruzilhada da ciência com a metafísica**

*Henryk Siewierski*.....33

**3. Do poema à canção: o lirismo coloquial em *Castigo pro comboio malandro*, de António Jacinto**

*Marta de Oliveira Fróis da Silva & Elisabeth Battista*.....41

### *Dossiê temático Literatura africana em língua portuguesa*

**4. Avaliação da cobertura Nawaat dos assassinatos de políticos na Tunísia depois da Revolução Jasmine**

*Hatem Sebei*.....59

**5. História imaginada, lembrança real**

*Flávia Cristina Bandeca Biazetto*.....87

**6. A ausência de um discurso amoroso nas literaturas africanas de língua portuguesa: o caso Noémia de Sousa**

*Roseleine Vitor Bonini* .....105

### Artigos de temática livre

**7. Identificação de perfis linguísticos no *facebook* durante a investigação policial**

*Alexandre António Timbane*.....115

**8. *Essa terra*: mito e telurismo no universo ficcional de Antônio Torres**

*Roseane Oliveira de Araújo Félix & João Batista Cardoso*.....143

## **Resenha**

### **9. Inferno em digestão: a terra sonâmbula de Mia Couto e de outros moçambicanos**

*Renato Alessandro dos Santos.....157*

# CONTENTS

## Editors Note

*João Batista Cardoso*

*Júlio César Machado de Paula*.....13

## Guest authors articles

### 1. Solidarity and communitarian relations in african portuguese-speaking countries literatures

*Benjamim Abdala Júnior*.....15

### 2. Stanislaw Lem: fiction at the crossroads of science and metaphysics

*Henryk Siewierski*.....33

### 3. Poem to song: the colloquial lyricism castigo pro comboio malandro, of António Jacinto

*Marta de Oliveira Fróis da Silva & Elisabeth Battista* .....41

## Thematic dossier *African literature in portuguese language*

### 4. Evaluation of nawaat coverage of the political assassinations in Tunisia after the Jasmine Revolution

*Hatem Sebei*.....59

### 5. Imaginary story, real memory

*Flávia Cristina Bandeca Biazetto*.....87

### 6. The absence of a loving speech in African Literatures in portuguese: the case Noémia de Sousa

*Roseleine Vitor Bonini*.....105

## General Thematic Articles

### 7. The identification of linguistics profiles on facebook during the police investigation

*Alexandre António Timbane*.....115

### 8. *This Land*, myth and telurismo in the fictional universe of Antonio Torres

*Roseane Oliveira de Araújo Félix & João Batista Cardoso*.....143

## Review

### 9. Hell in digestion: a sleepwalker land Mia Couto and other Mozambicans

*Renato Alessandro dos Santos*.....157

# ÍNDICE

## Editorial

*João Batista Cardoso*

*Júlio César Machado de Paula*.....13

## Textos de autoras invitadas

### 1. Solidariedad y relaciones comunitarias nas literaturas de los países africanos de lengua portuguesa

*Benjamim Abdala Júnior*.....15

### 2. Stanislaw Lem: ficción en la confluencia de la ciencia y la metafísica

*Henryk Siewierski*.....33

### 3. Poema a la canción: el lirismo coloquial en favor de la pena de tren sinvergüenza, António Jacinto

*Marta de Oliveira Fróis da Silva & Elisabeth Battista*.....41

## Dossier temático *Literatura africana en lengua portuguesa*

### 4. Evaluación de la cobertura nawaat de los asesinatos políticos en Túnez después de la Revolución del Jazmín

*Hatem Sebei*.....59

### 5. Historia imaginaria, memoria real

*Flávia Cristina Bandeca Biazetto*.....87

### 6. La ausencia de un discurso amoroso en las literaturas africanas en lengua portuguesa: el caso Noémia de Sousa

*Roseleine Vitor Bonini* .....105

## Artículos de temas libres

### 7. Identificación de los perfiles de idiomas en *facebook* para la investigación policial

*Alexandre António Timbane*.....115

### 8. *Esta tierra*, el mito y telurismo en el universo ficticio de Antonio Torres

*Roseane Oliveira de Araújo Félix & João Batista Cardoso*.....143

## **Crítica**

### **9. Infierno en la digestión: una tierra sonámbula Mia Couto y otros mozambiqueños**

*Renato Alessandro dos Santos*.....157

## EDITORIAL

Este número da Revista *Linguagem - Estudos e Pesquisas* apresenta contribuições de pesquisadores que estudam as literaturas africanas em língua portuguesa, a fim de oferecer a discentes e docentes reflexões teóricas recentes acerca de tais literaturas. Os estudos publicados neste número enriquecerão, portanto, qualitativa e quantitativamente, as questões mais frequentes relacionadas às literaturas africanas no que tange a aspectos formais e temáticos. Neste último quesito, verifica-se certa prevalência da memória, da história e da cultura como elos entre os países da África que tiveram sua colonização efetuada por países ibéricos, com destaque para o registro da violência que caracterizou as iniciativas peninsulares de conquista e manutenção de reinos para além de suas fronteiras europeias. O que se percebe ao longo dos estudos é a ênfase em escritas literárias que focam a luta constante pela formulação das relações sociais em meio à sobrevivência de conflitos de alteridade, não raro pautados por hegemonias discursivas de ordem cultural, como as que se verificam na linguística e na religião.

Antes de dar continuidade a essas ponderações, dirigimos sinceros agradecimentos aos pesquisadores que se sensibilizaram com a chamada pública para o envio de artigos, com especial destaque àqueles que, sendo especialmente convidados, atenderam nosso apelo e enviaram os artigos que abrem esta publicação — Benjamim Abdala Junior (USP), Elisabeth Battista (UNEMAT) e Henryk Siewierski (UnB). Nosso agradecimento se justifica pelo alto nível dos trabalhos enviados, como o próprio leitor pode conferir ao ler as contribuições oriundas da USP, da UNEMAT, da UnB, da UFG, da University of Tunis, Tunisia e do Centro Universitário Moura Lacerda, de Ribeirão Preto.

O presente número é composto de nove contribuições, sendo oito artigos e uma resenha. O dossiê (Literaturas africanas em língua portuguesa) é composto de seis artigos, a parte de temas livres compõe-se de três contribuições. Os autores convidados tiveram a liberdade de produzir artigos para figurar em qualquer sessão (dossiê ou tema livre), entretanto, dois deles contribuíram na parte reservada ao dossiê e um apenas escreveu para a sessão de tema livre, mas seu artigo, pela abrangência do tema, dialoga com toda a produção que resultou neste periódico.

Como já ocorreu e continua a acontecer com os estudos das literaturas africanas em língua portuguesa, as discussões a respeito dos relacionamentos entre a cultura local e a história vêm demonstrando que a pluralidade de representações, dentro ou fora dos circuitos literários, estimula o surgimento de perspectivas que se ajustam a configurações plurais, que se articulam com o conjunto de reflexões de campos como o sociológico, o psicológico, o psicanalítico, o antropológico e outros. Tais ênfases são verificáveis também em textos literários que, a despeito de se originarem de grupos dominados, refletem culturas capazes de resistir à colonização pela sobrevivência de elementos autóctones ligados à religião, à língua, à culinária e às relações afetivas próprias. Tais postulações estão claramente adensadas nos artigos que compõem esta coletânea.

Debruçar-se hoje sobre textos literários que põem em cena e evidenciam novas problematizações em torno das literaturas africanas que se expressam em língua portuguesa significa recorrer a uma série de conceitos diversificados e também recentes sob a perspectiva da história, da memória e do mito. O objetivo desta publicação é, portanto, aprofundar uma reflexão específica em torno do debate sobre tais literaturas entendidas como produções sintonizadas com as expectativas de superação dos estereótipos e dos preconceitos que moveram o interesse do dominador ao longo de séculos de colonialismo e cujas marcas e rasuras permanecem. Os trabalhos aqui publicados são, dessa forma, produtos de pesquisas que se concentram sobre a questão, seja através do olhar dirigido a um *corpus* contemporâneo, mais permeável ao convívio com o impacto da força de culturas que se caracterizam pela persistência, seja através de estudos que revisem as manifestações literárias de outros momentos, desde o começo do século XX, quando já se podia falar em literaturas africanas em vários lugares em que a dominação portuguesa se fez sentir.

*João Batista Cardoso*  
*Júlio César Machado de Paula*  
Regional Catalão - UFG  
Julho de 2016.

## **SOLIDARIEDADE E RELAÇÕES COMUNITÁRIAS NAS LITERATURAS DOS PAÍSES AFRICANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

### **SOLIDARITY AND COMMUNITARIAN RELATIONS IN AFRICAN PORTUGUESE-SPEAKING COUNTRIES LITERATURES**

### **SOLIDARIEDAD Y RELACIONES COMUNITARIAS NAS LITERATURAS DE LOS PAISES AFRICANOS DE LENGUA PORTUGUESA**

*Benjamin ABDALA JUNIOR\**

**Resumo:** Apresentação de questões relativas às histórias literárias dos países africanos de língua oficial portuguesa, construídas a partir da situação colonial. São relevados traços históricos comuns, que apontam para perspectivas supranacionais, de sentido comunitário, quando essas literaturas se voltam para imaginar questões relativas a suas nacionalidades, com horizontes descolonizados; processos de atualização da língua literária portuguesa, cuja plasticidade volta-se para especificidades nacionais; e as redes comunitárias que elas conformam com o conjunto das literaturas de língua portuguesa, em especial com o Brasil.

**Palavras-chave:** Literatura e história. Literatura e política. Literatura e sociedade. Comunitarismo supranacional. Hibridismo cultural.

**Abstract:** Exposure of questions regarding the literary history of African Portuguese-speaking countries, built from its colonial context. This study considers common historical traces that point out supranational communitarian perspectives observed when these literatures aim to imagine their own nationalities from a decolonized point of view; processes of Portuguese literary language improvements, whose plasticity turns to national specificities; the communitarian networks that they conform by the ensemble of Portuguese language literatures, especially in their relationship with Brazilian literature.

**Keywords:** Literature and History. Literature and Politics. Literature and Society. Supranational communitarianism. Cultural Hybridism.

**Resumen:** Presentación de temas relacionados con las historias literarias de los países africanos de lengua oficial portuguesa, construidas bajo la situación colonial. Si ponen

---

\* Professor Titular da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Pesquisador 1 A do CNPq. Contato: benjamin@usp.br.

em evidência os rasgos históricos comuns que apontam a uma perspectiva comunitária supranacional quando estas literaturas tentam imaginar questões com respeito a suas nacionalidades, com uma perspectiva de descolonização; os processos de atualização de a língua literária portuguesa e sua conversão plástica segundo as especificidades nacionais; e as redes comunitárias que tais literaturas configuram em o conjunto de todas as literaturas de língua portuguesa, especialmente a brasileira.

**Palabras llave:** Literatura e História. Literatura e Política. Literatura e sociedade. Comunitarismo supranacional. Hibridismo cultural.

O estudo dos processos de afirmação das literaturas africanas de língua portuguesa leva o crítico a relevar formas em que os escritores, desde a facção da obra, procuram obter sua legitimação, num campo intelectual definido por relações comunitárias. Autor, texto e leitor situam-se nesse horizonte lingüístico-cultural que se pauta pela tendência à supranacionalidade, que se tem mostrado tão importante quanto as adesões empáticas da nacionalidade. Nessa rede, o trabalho literário procurará sua legitimação não apenas em termos de criação, mas também nas esferas de circulação, por onde circulam os principais agentes de seu reconhecimento. Estabelecem-se, assim, a partir de cada obra, relações de solidariedade entre e esses agentes. Para tanto, a inclinação para a inovação artística torna-se correlata ao desejo de se provocar impacto, encontrar ressonância enquanto poder simbólico.

Impõe-se uma observação preliminar, não obstante essa tendência a uma normatização supranacional: as literaturas africanas de língua portuguesa apresentam especificidades nacionais e só um olhar distraído nivela suas diferenças. Do ponto de vista metodológico, sua abordagem pode ser feita como em qualquer série cultural: registros em língua portuguesa, que se articulam supranacionalmente, como foi assinalado, seguindo redes e fluxos da circulação da cultura. Do ponto de vista histórico, essas literaturas, cujos repertórios configuraram-se plasticamente na língua literária portuguesa, trazem marcas que vêm desde a formação de Portugal como estado nacional, mas articulam-se em redes com outros sistemas, em cada situação histórica. Evidentemente, esse reporte às origens das literaturas em português pode ser alongado, pois a experiência literária é obviamente mais ampla, acabando por se associar à própria origem da cultura. Um

patrimônio de todos os povos, que não se reduz às apropriações e matizações politicamente associadas a formações nacionais.

### **Liberalismo e projetos nacionais**

Historicamente, as literaturas africanas de língua portuguesa são recentes e seguem – como aconteceu com o romantismo em escala mundial – os influxos da tomada de consciência nacional por parte da intelectualidade letrada. É por isso que certos vetores encontráveis no romantismo brasileiro podem ser associados às produções africanas, mesmo em produções de até meados do século XX. Os países colonizados por Portugal na África deparam-se com a necessidade de estatuir literaturas nacionais, no quadro da modernidade, tal como ocorreu com o Brasil no século XIX. Tivemos o romantismo propriamente dito e, depois, a Semana de Arte Moderna, como divisora de águas, que propiciou a literatura, dita “regional” e a nossa poesia modernista.

No romantismo, a literatura brasileira veio a inventar mitos da nacionalidade, buscando a “cor local” para uma sintaxe que vinha da Europa. E tanto Portugal, como o Brasil, estavam sob o manto liberal e artístico da França. Pensávamos nossas formas de independência em francês, mediatizando-o por situações locais, o que, por assim dizer, neutralizava o que pudesse de ser explosivo na perspectiva hegemônica no campo intelectual liberal. Há faces diferentes: o liberalismo torna-se dominante, no Brasil, revestindo-se de inclinações para a afirmação nacional; liberalismo em Portugal como estratégia de modernização, contra as formas passadizas associadas ao modo de pensar e sentir o país dos setores conservadores.

A leitura desse processo histórico nos países africanos de língua portuguesa revela que um primeiro momento de fratura do imaginário do colonizador veio a ocorrer pela presença político-cultural de uma burguesia crioula africana, nos últimos vinte anos do século XIX. Foi um período liberal, que pode ser associado à Regeneração portuguesa, e que favoreceu o início de uma intensa atividade jornalística nas então colônias. A imprensa desponta, desse modo, como a força responsável pelo surgimento dos primeiros redutos dos assim chamados “naturais da terra”, capazes de romper o silêncio

imposto pela estrutura colonial. Seriam uma versão africana, correlata ao que havia acontecido com a elite dos crioulos brasileiros (mestiços descendentes de portugueses), que haviam conseguido a libertação da metrópole colonial.

Muitos dos nomes mais significativos na história das idéias em Angola, por exemplo, estão ligados a esse período de fundação e consolidação da imprensa. No campo da literatura, destaca-se Alfredo Troni, autor da novela *Nga Mutúri* (1882), que se correspondia com escritores portugueses da Geração de 70. Sua novela foi publicada em folhetins na *Gazeta de Portugal*, em Lisboa. Nessa narrativa, com ironia que lembra a literatura de Eça de Queirós, Troni já mostra a incorporação de costumes locais e domínio do quimbundo. Se o escritor nasceu e se formou advogado em Portugal, sua identificação maior se fez com a nova terra, ele que era republicano e socialista. Seu ideário - mais forte do que questões de origem - tinha suas bases na Revolução Francesa. Foi um processo de identificação, pois, sua adesão às reivindicações da burguesia crioulista de Angola. Aspirou por formas políticas liberais e, mesmo, com a independência do país. Nos horizontes de seu grupo intelectual, estava o Brasil e sua literatura romântica, antiga colônia que havia conseguido se libertar da metrópole. Seu republicanismo e socialismo proudhoniano o levava mais longe.

As identificações políticas das elites angolanas com o Brasil já eram anteriores. É de se recordar que no tratado de reconhecimento da independência brasileira por parte de Portugal, feito sob mediação inglesa em 1825, o Brasil se comprometeu a não aceitar “proposições” de quaisquer colônias portuguesas de se reunirem a ele. Havia um movimento desencadeado em Angola, nesse sentido, associado a interesses escravocratas, o que contrariava os interesses ingleses, além evidentemente dos portugueses. Nas décadas finais do século XIX, as aspirações eram de outra natureza, de outros setores, os anti-escravocratas. Alfredo Troni foi autor de um regulamento que declarou definitivamente extinta a escravidão em Angola. Acabou por ser destituído de seus cargos públicos e compulsoriamente exilado para Moçambique.

## **Consciência regional e consciência nacional**

Traços neo-românticos, centrados na incorporação da atmosfera cultural da terra, ultrapassariam o século XIX como linhas de força que se projetam, no conjunto dos países africanos de língua portuguesa, até meados do século XX. Essa observação é geral e deve-se considerar também diferenças que matizam esse romantismo que embalou tanto o Brasil como Portugal. Há, entretanto, uma inclinação para o mapeamento sociocultural e mesmo da ambiência natural que permitem aproximações. Aos poucos, nas primeiras décadas do século XX até às vésperas da Segunda Guerra Mundial, afirmaram-se na África colonial portuguesa formas de consciência regional, que já embutiam aspirações nacionais. Nessa nova matização, as imagens românticas são comutadas, em especial, por uma apropriação de repertórios do modernismo brasileiro. Este é o dado novo, tendo em vista que o gesto artístico de nossos escritores procurava afastar paradigmas e mesmo uma sintaxe identificada com dicções evocativas da situação colonial. A língua literária possuía um repertório proviente de experiências comuns, mas que tinham sua especificidade nas apropriações, que eram uma forma de ação comunitária interna, culturalmente também híbrida. A literatura “traduz” em suas formas um conhecimento que vinha de outras áreas: história, filosofia, política, sociologia, antropologia, artes etc.

No período do pós-Segunda Guerra e em torno da afirmação dos princípios de auto-determinação dos povos, proclamada pela carta das Nações Unidas, radicalizaram-se formas de identificação nacional. Se Portugal era associado à Pátria (colonial) dos discursos oficiais, os africanos buscavam a afirmação da Mãtria (a “Mamãe-África”), e, com essa perspectiva, os escritores africanos olharam com ênfase para as produções literárias do Modernismo brasileiro (a Frátria – a antiga colônia que se libertou e construiu um discurso próprio). A fraternidade supranacional se traduz em formas de solidariedade, com simetrias entre gestos: no Brasil, em meados do século, discutia-se a nossa formação história, que deram origem a obras clássicas de nossa cultura, de autoria de Sérgio Buarque de Holanda, Caio Prado Junior e Antonio Candido, por exemplo. Na literatura, os escritores procuravam revelar facetas psicossociais de nossa gente. Sob o jugo colonial

português, a ênfase sociológica e nacional dos escritores africanos encontrava sua radicalidade em formulações discursivas anticoloniais. Eram tempos de literatura engajada e os esses intelectuais mostram-se com facetas especificamente literárias tão radicais como as políticas. O escritor e o cidadão, para eles, não poderiam deixar de caminhar juntos. A grande imagem (neo-romântica) que se firmou após a Revolução Cubana, foi a Che Guevara: numa mão o livro; noutra, o fuzil.

Um bom exemplo dessa problemática é Castro Soromenho. Viveu em período anterior, onde já de desenhava atitudes que irão embalar as lutas de libertação nacional na África de língua oficial portuguesa, que eclodiram depois, nos anos 60. Soromenho situa-se no campo intelectual da intelectualidade de esquerda (a grande frente popular antifascista dos anos 30-40), para quem questões de independência nacional se imbricavam com perspectivas sociais. Esse autor, nascido em Moçambique (1910), filho de português e cabo-verdiana, foi com um ano de idade para Angola, onde viveu de 1911 a 1937. Fez estudos primários e de liceu em Lisboa (1916-1925). Voltou a Portugal em 1937. Em face de perseguições políticas, teve de exilar-se, vivendo na França (1960-1965) e, depois, no Brasil (1965-1968), onde veio a falecer. Foi um dos fundadores do Centro de Estudos Africanos da Universidade de São Paulo, dirigido por Fernando Mourão. O romance *Terra morta* (1978) teve sua primeira edição publicada no Brasil, em 1949, quando o autor residia em Portugal. Nem poderia ser diferente, pois esse romance denuncia o colonialismo português.

Por outro lado, laços de solidariedade eram compactuados com a intelectualidade metropolitana. Os sonhos libertários, advindos do término da Segunda Guerra Mundial e que então embalavam os intelectuais portugueses, eram frustrados pela atmosfera sufocante da guerra fria e pela persistência do regime ditatorial. No mesmo campo, as relações de solidariedade coexistem contrastivamente com as de desigualdade. Há hegemonias e as mais significativas são as que se naturalizam: os não-hegemônicos aceitam com naturalidade a dominação do outro. E, em Portugal, entre africanos e metropolitanos, havia diferenças, pois os primeiros não aceitavam a dominância histórica dos segundos. São tensões que afloraram no campo político,

com ressonâncias na literatura. Questões ideológicas manifestam-se também em nível inconsciente e hábitos coloniais acabam por se manifestar para além da consciência ou intenções, inclusive dos atores do campo intelectual.

### **Mesclagens culturais e olhares em contraste**

A literatura cabo-verdiana pode ser dividida em dois períodos: antes e depois da revista *Claridade* (1936-1960). Os escritores do arquipélago de Cabo Verde, ao procurem voltar as costas para modelos temáticos europeus, fixaram seus olhos no chão crioulo, próprio da mesclagem étnica e cultural de seu país. A criouldade deve ser entendida como uma mescla cultural não unívoca (mestiça), um conjunto híbrido onde pedaços de culturas interagem entre si, ora se aproximando, ora se distanciando. Essa atitude dos intelectuais cabo-verdianos, de oposição aos padrões hegemônicos provenientes da metrópole, era correlata à obsessão de procura de origens - origens étnicas e culturais, que sensibilizavam a intelectualidade africana do continente. Interessante é indicar que essa tomada de consciência regional.

Um bom exemplo dessa trajetória é Osvaldo Alcântara (pseudônimo poético de Baltasar Lopes), que, a exemplo de parte da intelectualidade de seu país, sonha à Manuel Bandeira com uma pasárgada que existiria em outra margem do oceano. Se o poeta brasileiro imagina um reino com um rei bonachão que lhe permitiria todas as “libertinagens” (título da coletânea de Bandeira), Osvaldo Alcântara tem saudade de uma pasárgada futura que encontraria no “caminho de Viseu” (...*indo eu, indo eu,/a caminho de Viseu*). Osvaldo Alcântara estava com os pés em Cabo Verde, mas a cabeça inclina-se para fora, para o sonho da imigração: o “caminho de Viseu” da cantiga de roda portuguesa. Sua perspectiva é aquela que historicamente sempre se colocou para povos de migrantes como os cabo-verdianos, e ele não deixa de ter consciência de que *esta saudade fina de Pasárgada/é um veneno gostoso dentro do meu coração* (Apud ANDRADE, 1975, p. 32).

Mais tarde, já em plena luta de libertação nacional, Ovídio Martins - identificado com os pressupostos ideológicos da Casa dos

Estudantes do Império, em Lisboa - já se coloca no pólo oposto. Não aceita o reino de Pasárgada, para sua geração uma forma de fuga. Em oposição ao que ocorrera no sonho de Bandeira (1997), ele não só não era amigo do rei (*Vou-me embora pra Pasárgada/Lá sou amigo do rei*) como foi perseguido por sua polícia (a polícia política de Salazar). Não conseguindo permanecer em Lisboa, foi obrigado a imigrar para a Holanda. Ovídio Martins, como Osvaldo Alcântara, sonha com o que não tinha: justamente sua terra, Cabo Verde. Se Osvaldo Alcântara olha para horizontes indefinidos do mar, Ovídio Martins adota a perspectiva inversa: procura arremessar-se ao chão (*Pedirei/Suplicarei/Chorarei/Não vou para Pasárgada*).

### **Discursividades supranacionais**

Na prosa de ficção, a presença do romance nordestino brasileiro se mostra bastante forte em romances como *Os flagelados do vento leste* (1960) [1979], de Manuel Lopes e *Chiquinho* (1947 [1974]), de Baltasar Lopes, em diálogo, respectivamente, entre outros, com Graciliano Ramos (*Vidas secas*, 1970) e José Lins do Rego (*Menino de engenho*, 1986). Importa indicar a tomada de consciência dos cabo-verdianos de sua terra teve como um de seus agentes o crítico literário José Osório de Oliveira, que apontou para os cabo-verdianos a necessidade de situarem suas produções na ambiência física e cultural de sua terra (para ele, uma região de Portugal). Outro desses atores foi o poeta-diplomata brasileiro Ribeiro Couto, que fez chegar ao arquipélago os poetas modernistas brasileiros. No fundo, considerava-se idealmente, em Cabo Verde, uma espécie de literatura em língua portuguesa, como um todo, com matizações onde o regional e o nacional pouco diferiam. Logo, uma aspiração comunitária para além de diferenciações, que, não obstante, seriam necessárias por darem veracidade às produções culturais, que deveriam estar fincadas na terra. A perspectiva crítica de José Osório de Oliveira, que caminhava nessa direção, tinha seus limites. Embalado pelos estudos de Gilberto Freyre tendia a exaltar a convivência harmônica, do ponto de vista étnico, social e nacional, no “mundo que o português criou” – perspectiva que foi criticada nas décadas seguintes pela intelectualidade africana, do arquipélago e do continente.

Os fios supranacionais da *Claridade* tiveram origem no movimento socialista francês da “Clarté”, inaugurado por Henri Barbeuf, nos primeiros anos da década de 1920. Articula-se o grupo da revista em Portugal, em especial, ao movimento da *Presença*. Mais tarde, os fluxos da revista – que se afasta da *Presença* – projetam-se, por exemplo, em Manuel Ferreira, neo-realista português identificado com a cabo-verdianidade, cuja obra ensaística consolidou o estudo das literaturas africanas de língua portuguesa, apropriou-se dessa temática da evasão/anti-evasão. O título de seu romance *Hora di bai* (1962) [1980] é referência a uma conhecida morna de Eugênio Tavares. Escritas em crioulo, a cadência dessas composições vai dar ritmo e repertório para os poemas em português e também será referência para os ficcionistas originários da *Claridade*. *Voz de prisão* (1971), o principal romance de Manuel Ferreira, situa-se em Lisboa, e problematiza a questão da oralidade (o então denominado dialeto crioulo, hoje língua cabo-verdiana) e o português-padrão. Orlanda Amarílis, cabo-verdiana vivendo na diáspora lisboeta, problematizará essa condição de migrante, revestindo-se suas produções literárias de grande sentido de atualidade, nestes tempos de deslocamentos da globalização (*Cais-do-Sodré te Salamansa*, 1974). O sentimento de nação, para além dos espartilhos de estado.

No período do após-guerra, ao mesmo tempo em que se desenvolviam formas de organização político-culturais em cada um dos países africanos, como o movimento dos “Novos Intelectuais de Angola”, constituiu-se em Portugal um importante núcleo organizativo: a Casa dos Estudantes do Império. O momento exigia novas estratégias: confluem para a literatura formas discursivas da antropologia, da sociologia, da política, do jornalismo, etc. Espaço de convergência, a literatura (re)descobre cada país africano para (re)imaginá-lo em suas especificidades. Espaço político de notável importância, passaram pela casa dos estudantes líderes como Amílcar Cabral, Alda do Espírito Santo, Marcelino dos Santos, além de Agostinho Neto, todos protagonistas das histórias das independências dos países africanos colonizados por Portugal. No plano cultural, cabe destacar, entre os feitos dessa casa, a antologia *Poesia negra de expressão portuguesa* (1953) [1982], organizada por Mario Pinto de Andrade e por Francisco Tenreiro, e a publicação da

colecção “Autores Ultramarinos”, sob a direcção de Costa Andrade e Carlos Ervedosa.

### **Tudo mesclado**

A afirmação nacional não deixa de imbricar com a supranacionalidade do campo intelectual desses escritores. Essa coletânea poética reúne autores negros, brancos e mestiços. Tratava-se de se publicar uma antologia de poemas de “expressão portuguesa”, mas o escritor, cujo texto serve de uma espécie de pórtico poético é o cubano Nicolás Guillén. Seu poema “Son número 6” não foi traduzido, mas transcrito no original, em língua espanhola. Mais interessante ainda é constatar que esse poeta - a “mais alta voz da negritude hispano-americana”, segundo os organizadores da antologia - releva não a diferença étnica, mas a mestiçagem: (...) *Estamos juntos desde muy lejos,/Jóvenes, viejos,/Negros y blancos, todo mezclado;/Uno mandando y outro mandado,/Todos mezclados(...)*.

Essa inclinação para uma afirmação político-cultural mais ampla vai persistir em autores dessa geração, com produção posterior. É o caso de José Craveirinha, personalidade emblemática para a poética moçambicana, com uma trajetória que vai de *Chigubo* (1964) [1980] a *Maria* (1988), com destaque para a coletânea *Karingana ua Karingana* (1974) [1982]. Craveirinha, como os poetas de Angola, Cabo Verde e de São Tomé, busca formas híbridas, com incorporação de elementos lingüísticos das línguas nacionais. Deve-se considerar o fato de que esses estados nacionais reúnem múltiplas culturas, que afinal confluem para um caldo híbrido das grandes cidades. Nessas circunstâncias, o idioma do colonizador, apropriado nacionalmente, situa-se também como primeira língua de criação literária. O sistema da língua portuguesa, convém recordar, é abstrato. Nesse sentido, ele só existe concretamente sob formas variantes: há variantes africanas, como brasileiras e portuguesas.

Em Angola, a literatura empenhada tem em Costa Andrade um autor programático: *Terras das acácias rubras* (1960); *Poesias com armas* (1975); *Estórias de contratados* (1980). Manuel Rui, poeta e prosador, é autor de canções em parceria com vários conhecidos compositores, inclusive o brasileiro Martinho da Vila: *Cinco vezes*

onze poemas em novembro (1985), *Quem me dera ser onda* (1982) [2005], *O manequim e o piano* (2005).

## Novos tempos

Os caminhos da poética se diversificaram gradativamente, sobretudo após a consolidação dos estados nacionais africanos, com produções expressivas. Em Cabo Verde, desde as buscas de raízes como em Eugênio Tavares (*Mornas-cantigas crioulas*, de 1932 [1969]) até um Corsino Fortes (*Pão & fonema*, 1974 [1980]), com uma poética afim do concretismo. À preocupação com a materialidade dos signos lingüísticos soma-se a questão multifacética das identidades, presente na obra do angolano Ruy Duarte de Carvalho, que mistura gêneros e mostra visão bastante lúcida de seu trabalho literário (*Hábito da terra*, de 1988; *Observação direta*, 2000). Ampliam-se supranacionalmente os horizontes em Arlindo Barbeitos, a partir da tradição oral de seu país, que se associa inclusive a técnicas da poesia chinesa e japonesa (*Angola Angolê Angolema*, de 1975; *Na leveza do luar crescente*, 1998). O trabalho artístico desses escritores pode ser relacionado com as tendências experimentais da poesia brasileira e portuguesa, sobretudo a partir da década de 1960.

Entre as vozes poéticas femininas mais recentes, figuram a são-tomense Maria da Conceição Lima (*A dolorosa raiz do micondó*, de 2006), a cabo-verdiana Vera Duarte (*Amanhã amadrugada*, de 1993), a guineense Odete Semedo (*No fundo do canto*, 2003 [2007]). Particular relevo nessa ascensão do comunitarismo de gênero, merece a obra da angolana Paula Tavares (*Ritos de passagem*, 1985; *Dizes-me coisas amargas como os frutos*, 2001). Suas obras associam-se à série literária nacional e à afirmação supranacional do feminismo. Elas também se colocam como “contadoras de estórias”, no que seus trabalhos literários também se articulam com a antropologia. No romance, singulariza-se, com densidade artística, a primeira romancista de Moçambique, Paulina Chiziane (*Ventos do apocalipse*, de 1995 [1999]; *Niketche*, de 2002).

## Novos registros, novas plasticidades

As literaturas africanas de língua portuguesa apresentam, na atualidade, prosadores vigorosos. José Luandino Vieira ocupa uma posição central. A maior parte de suas “estórias” foram produzidas no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde, onde ficou preso juntamente com outros intelectuais dos países africanos engajados na luta anticolonial. Procurava pensar a língua portuguesa em quimbundo, em suas narrativas, incorporando a oralidade. Um gesto indicativo de estratégia literária que teve em Alfredo Troni um seu precursor. Tal estratégia é análoga à do grupo da *Claridade* em Cabo Verde, com o crioulo matizando os textos em português e ainda com as estratégias poéticas de José Craveirinha, em Moçambique. Pensar a língua portuguesa com estruturas da oralidade, dos crioulos lingüísticos e das línguas nacionais de origem africana.

Não só: Luandino Vieira, ao se deparar com a obra de Guimarães Rosa, identificou-se com ela. Encontrou no escritor brasileiro um respaldo artístico para que avançasse nesses processos de hibridizações, dando asas à criação literária. Sua obra, traduzida em vários países, tendo sido seguidamente reeditada. É de se mencionar, entre outros títulos, *Luuanda*, 1964 [1982]; *A vida verdadeira de Domingos Xavier*, 1974 [1975]; *Velhas estórias*, 1974 [1976]; *No antigamente, na vida*, 1974 [1975]; *Nós, os do Makulusu*, 1975 [1976], *João Vêncio: os seus amores*, de 1987. Essa inclinação de seu trabalho artístico foi importantíssima para os escritores angolanos, como Boaventura Cardoso (*Dizanga dia muenhu*, 1977 [1982]; *Maio, mês de Maria*, 1997), Jofre Rocha (*Estórias do musseque*, 1977 [1980]) e Uanhenga Xitu (“*Mestre*” *Tamoda e Kahitu*, de 1976 [1984]).

Luandino Vieira e Guimarães Rosa, veiculados no campo das literaturas em português, mostram efeitos comunitários, em especial na obra já abrangente do moçambicano Mia Couto. Ao procurar novas margens para a criação literária, ele tensiona discursos antropológicos, sociais, históricos e políticos. Associa-os a formas de um realismo mágico, que tem a ver com a ficção latino-americana, e com a maneira de ver e sentir a realidade dos povos de Moçambique. Em relação a essa literatura, suas produções imprimem novas dimensões à prosa de ficção de seu país, em especial à obra de Luís Bernardo Honwana (*Nós*

*matamos o cão tihoso*, 1964 [1980]). A obra de Mia Couto, como de Luandino e Guimarães, vem encontrando legitimização internacional, e premiações. Ela atende às condições atuais da circulação literária supranacional, por onde o discurso histórico se entremeia com o antropológico. Entre as muitas “estórias” que publicou, podem ser indicadas, em especial: *Vozes anoitecidas*, 1986 [2001]; *Terra sonâmbula*, 1992 [1995]; *Estórias abensonhadas*, 1994 [1996]; *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, 2002 [2003]; *O outro pé da sereia*, 2006).

### **Estórias e histórias**

Nesse contexto dos contadores de “estórias”, situa-se igualmente a obra do cabo-verdiano Germano Almeida, cujo primeiro romance obteve grande impacto crítico (*O testamento do sr. Napomuceno da Silva Araújo*, 1991). Suas “estórias” são sobretudo crônicas da vida cabo-verdiana, algumas inclinadas para comentários em torno da comunidade dos países de língua portuguesa (*Estórias contadas*, 1998). Circulando entre Angola, Portugal e Brasil, situa-se o angolano José Eduardo Agualusa, atestando a força de nosso comunitarismo cultural, onde encontra seu repertório literário (*A conjura*, 1989 [1998]; *Nação crioula*, 1997; *O ano em que Zumbi tomou o Rio*, 2003 [2002]; *Manual prático de levitação*, 2005). Mais jovem e com obra já traduzida para vários idiomas é seu compatriota Ondjaki, com produções, onde associa técnicas que vêm de sua profissão de roteirista e formação em sociologia, com a linguagem do cinema e das artes plásticas (*Bom dia camaradas*, 2000 [2006]; *O assobiador*, 2002).

Para fecho desta breve exposição sobre notas histórico-literárias, que têm em vista destacar articulações entre as literaturas africanas com Brasil e Portugal, convém remeter à obra do angolano Pepetela. Seu romance *A geração da utopia* (1992) apresenta uma auto-crítica, que pode ser de sua geração de intelectuais que se embalsamaram na utopia libertária. Focaliza a trajetória dos estudantes, que se reuniam na Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, e liam literatura brasileira. Vê criticamente as orientações desses atores, como já o fizera em *Mayombe* (1980) [1982]. Sua obra recebeu vários

prêmios, com edições sucessivas e traduções para vários idiomas. Em boa parte dela, o escritor procura recontar ficcionalmente a história de seu país – um projeto literário que lembra o do brasileiro José de Alencar. Seu horizonte é crítico, desenvolvendo estratégias discursivas que questionam situações político-sociais da atualidade, seja em relação a fatos com referenciais históricos mais antigos ou do cotidiano mais próximo (*O cão e os caluandas*, 1985 [1993]; *Yaka*, 1984; *Lueji, o nascimento de um império*, 1990; *A gloriosa família*, 2000; *Jaime Bunda, agente secreto*, 2001 [2002]).

## Referências

AGUALUSA, José Eduardo. **A conjura**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1998.

\_\_\_\_\_. **Nação crioula**. Lisboa: TV Guia Editora, 1997.

\_\_\_\_\_. **O ano em que Zumbi tomou o Rio**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2002.

\_\_\_\_\_. **Manual prático de levitação**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

ALMEIDA, Germano. **O testamento do sr. Napumoceno da Silva Araújo**. Lisboa: Caminho, 1991.

\_\_\_\_\_. **Estórias contadas**. Lisboa: Caminho, 1998.

AMARÍLIS, Orlanda. **Cais-do-Sodré té Salamansa**. Coimbra: Centelha, 1974.

ANDRADE, Costa. **Terras das acácias rubras**. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1960.

\_\_\_\_\_. **Poesias com armas**. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

\_\_\_\_\_. **Estórias de contratados**. Lisboa: Edições 70, 1980.

ANDRADE, Mário Pinto de. **Antologia temática de poesia africana I: na noite grávida de punhais**. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

ANDRADE, Mário Pinto de; TENREIRO, Francisco José. **Poesia negra de expressão portuguesa**. Linda-a-Velha: Literatura, Arte e Cultura, 1982.

BANDEIRA, Manuel. **Itinerário de Pasárgada**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

BARBEITOS, Arlindo. **Angola angolê angolema**. Lisboa: Sá da Costa, 1975.

\_\_\_\_\_. **Na leveza do luar crescente**. Lisboa: Caminho, 1998.

CARDOSO, Boaventura. **Dizanga dia muenhu**. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. **Maio, mês de Maria**. Porto: Campo das Letras, 1997.

CARVALHO, Ruy Duarte de. **Hábito da terra**. Luanda: UEA, 1988.

\_\_\_\_\_. **Observação direta**. Lisboa: Cotovia, 2000.

CASTRO SOROMENHO, Fernando Monteiro de. **Terra morta**. 4. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

CHIZIANE, Paulina. **Ventos do apocalipse**. Lisboa: Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. **Niketche**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2002.

COUTO, Mia. **Vozes anoitecidas**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2001.

\_\_\_\_\_. **Terra sonâmbula**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995

\_\_\_\_\_. **Estórias abensonhadas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

\_\_\_\_\_. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **O outro pé da sereia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CRAVEIRINHA, José. **Chigubo**. 2. ed. Maputo: INLD, 1980.

\_\_\_\_\_. **Maria**. Lisboa: ALAC, 1988.

\_\_\_\_\_. **Karingana ua karingana**. 2. ed. Maputo: INLD, 1982.

DUARTE, Vera. **Amanhã amadrugada**. Lisboa: Vega-ICL, 1993.

FERREIRA, Manuel. **Hora di bai**. São Paulo: Ática, 1980.

\_\_\_\_\_. **Voz de prisão**. Porto: Inova, 1971.

FORTES, Corsino. **Pão & fonema**. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1980.

HONWANA, Luís Bernardo. **Nós matamos o cão tihoso**. São Paulo: Ática, 1980.

LIMA, Conceição. **A dolorosa raiz do micondó**. Lisboa: Caminho, 2006.

LOPES, Baltasar. **Chiquinho**. 4. ed. Lisboa: Prelo Editora, 1974.

LOPES, Manuel. **Os flagelados do vento leste**. São Paulo: Ática, 1979.

ONDJAKI. **Bom dia camaradas**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

\_\_\_\_\_. **O assobiador**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 2002.

PEPETELA. **A geração da utopia**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. **Mayombe**. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. **O cão e os caluandas**. 2. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

\_\_\_\_\_. **Yaka**. São Paulo: Ática, 1984.

\_\_\_\_\_. **Lueji, o nascimento de um império**. Lisboa: Dom Quixote, 1990.

\_\_\_\_\_. **A geração da utopia**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

\_\_\_\_\_. **A gloriosa família**. Lisboa: Dom Quixote, 1997.

\_\_\_\_\_. **Jaime Bunda, agente secreto**. 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2002.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 27. ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1970.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

ROCHA, Jofre. **Estórias do musseque**. São Paulo: Ática, 1980.

RUI, Manuel. **Cinco vezes onze poemas em novembro**. Luanda: UEA, 1985.

\_\_\_\_\_. **Quem me dera ser onda**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2005.

\_\_\_\_\_. **O manequim e o piano**. Lisboa: Cotovia, 2005.

SEMEDO, Odete. **No fundo do canto**. Belo Horizonte: Nandyala, 2007.

SOROMENHO, Castro. **Terra morta**. 4. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

TAVARES, Eugênio. **Mornas – cantigas crioulas**. 2. ed. Luanda: Liga dos Amigos de Cabo Verde, 1969.

TAVARES, Paula. **Ritos de passagem**. Luanda: UEA, 1985.

\_\_\_\_\_. **Dizes-me coisas amargas como os frutos**. Lisboa: Caminho, 2001.

TRONI, Alfredo. **Ngá mutúri**. Lisboa: Edições 70, 1973.

VIEIRA, José Luandino. **Luuanda**. São Paulo: Ática, 1982.

\_\_\_\_\_. **A vida verdadeira de Domingos Xavier**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1975.

\_\_\_\_\_. **Velhas estórias**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1976.

\_\_\_\_\_. **No antigamente, na vida**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1975.

\_\_\_\_\_. **Nós, os do makulusu**. 2. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1976.

\_\_\_\_\_. **João Vêncio: os seus amores**. Lisboa: Edições 70, 1987.

XITU, Uanhenga. **“Mestre” Tamoda e Kahitu**. São Paulo: Ática, 1984.

*Recebido em: 12 de junho de 2016*

*Aceito em: 25 de junho de 20*

## STANISŁAW LEM: FICÇÃO NA ENCRUZILHADA DA CIÊNCIA COM A METAFÍSICA

### STANISŁAW LEM: FICTION AT THE CROSSROADS OF SCIENCE AND METAPHYSICS

### STANISŁAW LEM: FICCIÓN EN LA CONFLUENCIA DE LA CIENCIA Y LA METAFÍSICA

Henryk SIEWIERSKI\*

**Resumo:** Este artigo discute, no âmbito da metafísica, o “eu poroso” e o “eu armado”, partindo uma radiografia das intuições religiosas e ateístas do século XX. A formulação teórica tem como base as conclusões do filósofo canadense Charles Taylor, na sua obra *A Secular Age*, que faz uma antinomia entre duas formulações do eu: o “eu poroso” (ou: self poroso) e o “eu armado” (ou: self protegido). O primeiro caso refere-se a um eu que se fez presente em eras passadas e que se deixava penetrar por crenças, superstições, anjos e demônios. O segundo é a forma contemporânea do eu armado e protegido com as conquistas da razão no campo da ciência e avanços da tecnologia. Ao contrário do *eu poroso* o *eu armado* tem sua autonomia garantida em face de elementos transcendentais e metafísicos. O corpus para a aplicação da teoria exposta é o escritor, filósofo e futurólogo polonês Stanisław Lem (1921, Lvov – 2006, Cracóvia), considerado um dos clássicos da ficção científica do século XX. Em sua obra ficcional, sobretudo, em *Fantástico e futurologia* a interface entre a ciência e a metafísica possibilita demonstrar a proposta de Charles Taylor. Aliás, o propósito deste ensaio é justamente apresentar essa interface, de modo a empregar a ficção como ação privilegiada para se colocar em questão os julgamentos acerca da ausência do “eu poroso”, ou do seu caráter anacrônico, no mundo “desencantado” de hoje.

**Palavras-chave:** Metafísica. Transcendente. Eu poroso. Eu protegido.

**Abstract:** This paper discusses in the context of metaphysics, the “I porous” and “I armed”, leaving an X-ray of religious and atheistic intuitions in the twentieth century. The theoretical formulation is based on the findings of the Canadian philosopher Charles Taylor, in his book *A Secular Age*, which is an antinomy between two formulations of self: the “I porous” (or: Porous self) and “I armed” (or self protected). The first case refers to a self that was present in past ages and that allowed him/herself to be penetrated by beliefs, superstitions, angels and demons. The second is the

---

\* Doutor em Ciências Humanas - Uniwersytet Jagiellonski - Polônia (1980). Professor Titular do Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília (UnB). Contato: hsbrasil@hotmial.com.

contemporary form of self reinforced and protected with the achievements of reason in the field of science and advances of technology. Unlike *I porous the I armed* has one autonomy guarantee before transcendental and metaphysical elements. The corpus for the application of the exposed theory is the Polish writer, philosopher and futurologist Stanisław Lem (1921, Lvov - 2006, Krakow), considered one of the classic science fiction of the twentieth century. In his fiction, especially in *Fantastic and futurology* the interface between science and metaphysics enables demonstrating the proposal of Charles Taylor. In fact, the purpose of this essay is precisely to present this interface in order to use fiction as a privileged action to call into question the judgments about the absence of “I porous”, or its anachronistic character in the present “disenchanted” world.

**Keywords:** Metaphysics. Transcendent. I porous. I protected.

**Resumen:** En este trabajo se analiza en el contexto de la metafísica, el “yo porosa” y “armado”, dejando una placa de rayos X de las intuiciones religiosas y ateas del siglo XX. La formulación teórica se basa en los hallazgos del filósofo canadiense Charles Taylor, en su libro *A Secular Age*, que es una antinomia entre dos formulaciones de uno mismo: el “yo porosa” (o: auto poroso) y “I armado” (o auto protegido). El primer caso se refiere a un auto que estaba presente en los siglos pasados y que hizo que penetrar creencias, supersticiones, ángeles y demonios. La segunda es la forma contemporánea de auto reforzado y protegido con la razón de los logros en el campo de los avances científicos y tecnológicos. A diferencia de lo mismo porosa ha reforzado su autonomía garantizada en la cara de los elementos trascendentales y metafísicos. El corpus para la aplicación de la teoría expuesta es el escritor, filósofo y futurólogo polaco Stanisław Lem (1921, Lvov - 2006, Cracovia), considerado uno de los clásicos de la ciencia ficción del siglo XX. En su ficción, sobre todo en la futurología fantástico y la interfaz entre la ciencia y la metafísica hace que sea posible demostrar la propuesta de Charles Taylor. De hecho, el propósito de este ensayo es precisamente presentar esta interfaz con el fin de utilizar la ficción como una acción privilegiada para poner en cuestión los juicios acerca de la ausencia de “yo porosa”, o su carácter anacrónico en el mundo de hoy “desencantado”

**Palabras clave:** Metafísica. Trascendente. Yo poroso. Yo protegido.

## 1.

Mapeando e radiografando as intuições religiosas e ateístas do homem do século XX, um filósofo canadense Charles Taylor, na sua obra *A Secular Age*<sup>1</sup> serve-se de uma antinomia de *porous self* e

---

<sup>1</sup> TAYLOR, Charles. *A Secular Age*. Cambridge: Harvard University Press, 2007. A tradução Brasileira: *Uma era secular*. Trad. Nélcio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

*buffered self*, ou seja, de “eu poroso” (ou: self poroso) e “eu armado” (ou: self protegido). O primeiro é próprio da situação do homem que vive no mundo “encantado” em que a religião constitui um axioma determinante da ordem social, política e legislativa; os fenômenos da natureza são vistos como efeitos de atuação das forças divinas e em função da existência de Deus são estabelecidas as metas da vida individual e social. Nesse mundo, o do passado, o eu era frágil, exposto à ação das forças externas, os seus “poros” deixavam que no seu interior penetrassem coisas misteriosas, os espíritos, anjos e demônios. Mas o processo de desencantamento, o *Enzauberung* weberiano, fez surgir o “eu impermeável”, “protegido” do que vem de fora e se mostra incompatível com a razão. É o “*buffered self*” próprio do nosso “*Secular Age*”, um *self* que marca a sua presença numa modernidade desencantada e secular, principalmente desde o fim da I Guerra Mundial.

O ateísmo moderno, portanto, armado com as conquistas da razão no campo da ciência e avanços da tecnologia, fez reforçar a armadura protetora, a resistência do homem em seu confronto com o transcendente. O “eu poroso” do mundo encantado passa a ser anacrônico no mundo desencantado do “eu protegido”, “armado”, o mundo do “*Secular Age*”. Mesmo que seja uma diagnose bem fundamentada, não faltam provas de que o “eu poroso” ainda não foi extinto. Talvez as mais instigantes, entre elas, sejam as situações em que os portadores exemplares de “*buffered self*”, ou seja, os agnósticos declarados, impermeáveis ao que se situa fora da razão, vacilam diante do transcendente que não os deixa em paz, e a couraça protetora apresenta sinais de rachadura.

Situações dessas encontramos na obra literária e ensaística da Stanisław Lem, racionalista e ateu declarado, mas também criador dos seres superiores aos humanos, dos deuses hipotéticos e fenômenos misteriosos.

## 2.

Stanisław Lem (1921, Lvov – 2006, Cracóvia), escritor, filósofo e futurólogo polonês, considerado um dos clássicos da ficção científica do século XX, além de romances, escreveu contos filosóficos, textos dramáticos e satíricos, resenhas de livros

inexistentes e ensaios sobre diversos temas de ciência, tecnologia, filosofia, literatura e civilização contemporâneas. No Brasil, onde foram traduzidos seus romances *Solaris* (1971), *O incrível Congresso de Futurologia: das memórias de Ijon Tichy* (1971) e *A Voz do Mestre* (1991), a sua obra ensaística é praticamente desconhecida. Nela se destacam: *Summa technologiae* (1964), uma avaliação das possibilidades que surgem com as novas tecnologias para a amplificação das capacidades humanas e a *Filosofia do acaso* (1970), que propõe “teoria empírica da literatura”, com a aplicação da teoria dos jogos, *O Fantástico e a futurologia* (1970), obra que congrega a da história, a teoria e a crítica da ficção científica.

Nos últimos anos de sua vida, algumas das suas ousadas visões futurológicas passaram do campo da ficção para a realidade. O poder da razão humana surpreende, mas também gera uma crise de confiança diante dos perigos em que os seus sucessos colocam o homem e o planeta, diante dos sinais da decadência e da crise dos valores éticos. O autor da *Summa technologiae* chega cada vez mais a confrontar as conquistas e as perspectivas do desenvolvimento científico e tecnológico com a situação do mundo real, com as perspectivas, perigos e desafios do homem em sua relação consigo mesmo e com o Universo.

### 3.

Em sua obra Lem explora bastante os temas metafísicos, criando hipóteses, inclusive, da vida eterna (geralmente que lembra histórias grotescas de Wolter), nunca declara guerra à religião, mas deixa claro que Deus para ele não existe, que por opção não acredita no que lhe parece irracional e contrária aos dados empíricos. Os deuses são para se acreditar ou não neles e, acreditando, para adorar e não justificar filosoficamente ou cientificamente a sua existência. Para Lem, basta a existência de deus ser inconciliável com a razão e com a experiência, mas também com o sofrimento sempre presente na evolução da vida e na história do homem, para se colocar na posição de quem não acredita.

4.

“Tornar a fé independente de qualquer reflexão lógico-empírica, poderia ser a chance de sua salvação a longo prazo”<sup>2</sup> – diz Lem em *Fantástica e futurologia* (SZPAKOWSKA, 1996, p. 44). A religião não pode confiar nem se apoiar na ciência, porque as verdades da fé, seus dogmas devem ser eternos, enquanto as verdades da ciência mudam com o tempo. “Se alguém acredita por alguns motivos ou causas, a sua fé não é totalmente soberana; que dois e dois é quatro sei com certeza, então disso não preciso acreditar” – lemos em *Viagem XXI* de Ijon Tichy, (LEM, 1976, p. 250). Há quem diante da secularização da cultura lamenta, há quem vê a salvação da religião em sua aliança com a ciência. Lem, que não tem fé, acredita que os homens com a sua necessidade da metafísica, nunca deixarão que a cultura se secularize completamente. E será que este agnóstico declarado nunca tem fé? Eis o que confessa numa das suas entrevistas:

As crenças tipo religiosos [...] são com certeza necessárias para a vida, de outro modo do que os corações e intestinos, mas são necessárias, e eu também algumas crenças assim, não empíricas e não reduzíveis à empiria, tenho. Mas só nos momentos de fraqueza da mente posso pensar que o Mal e o Bem não sejam apenas qualidades locais, que coexistem com os seres humanos e que com eles desaparecem, mas que existem além ou acima de nós (BEREŚ, 1987, s. 170-171).

5.

É impossível descartar a hipótese da existência de outros moradores do Universo. Assim tem sentido a pergunta que Lem faz em *Fantástico e futurologia*, acerca do ensino e das atitudes da Igreja católica, apostólica e ecumênica, caso chegássemos a fazer contato com eles. Certamente haverá necessidade de profundas mudanças. A resposta não muito séria (as muito sérias não seriam engraçadas e o humor é um ingrediente indissociável da sua obra) encontramos na *XXI viagem de Ijon Tichy*. O viajante chega ao planeta Dictionia de uma civilização muito avançada em relação a Terra, onde encontra os

---

<sup>2</sup> Todas as citações neste artigo são traduções do autor, dos textos originais em polonês.

destruccianos, padres missionários que vivem à margem da civilização, anacrônicos, escondidos nas catacumbas, sem chance de continuar a sua missão, mas sem abrirem mão da fé. Um deles, o padre Lacymon, reclama das dificuldades do trabalho missionário no Cosmos e dá alguns exemplos: os moradores de Arpetuza, que ao obedecer ao mandamento de castidade deixaram de se reproduzir; os Pentagêmeos que vivem na temperatura acima de seiscentos graus Celsius, em vez de temerem dos fogos do inferno, sonham com eles; os Mnemongos foram tão gratos ao padre Orybazy por tê-los convertido, que lhe proporcionaram a morte de mártir.

Neste planeta altamente avançado onde até a engenharia auti-evolucioista funciona produzindo seres dantes inimagináveis, onde as técnicas de manipulação da consciência são aplicadas em massa, Ijon Tichy faz uma espécie de retiro com os padres clandestinos cujo trabalho missionário perdeu sentido. Durante as refeições no refúgio dos destruccianos, o seu superior, padre Memnar, dá aulas de teologia aos derrotados defensores da fé, que vivem o paradoxo da fé necessária e impossível ao mesmo tempo. A teologia racional perdeu a sustentação no mundo em que já não é possível conciliar a religião com a ciência. A religião institucional não tem mais razão de ser, só resta a fé, mas a fé absurda, completamente desinteressada, sem expectativa de qualquer recompensa: “Não exigimos de Deus qualquer remuneração pela fé, não lhe apresentamos qualquer reivindicação, porque enterramos a teodicéia baseada no modelo de uma transação comercial e troca de serviços: eu te faço existir, e tu vai me servir e glorificar” (LEM, 1976, s. 249).

Małgorzata Szpakowska, em seu livro *Discussões com Stanisław Lem* (Dyskusje ze Stanisławem Lemem), fala sobre o drama e a heroicidade dessa fé:

Em sua [dos padres destruccianos] decisão de perseverar porque assim é preciso, em fidelidade a uma vez tomada decisão, em determinação com que levam a sua existência subterrânea — soa nitidamente a nota conradiana. Eles também têm algumas simples verdades, que dispensam justificação e que é preciso defender até o fim — apesar da ausência do Absoluto, apesar do relativismo das normas, apesar da inevitabilidade da evolução e apesar do poder irrestrito do acaso (SZPAKOWSKA, 1996, p. 55).

## 6.

Como é, enfim, Deus de quem não crê em Deus, para quem o Deus do cristianismo é inaceitável, quem não O acha nem todo poderoso nem justo, quem não quer confessar um credo *quia absurdum est*. Mais fácil é contestá-lo, do que se livrar dele. A presença de Deus na obra ensaística e ficcional de Lem impressiona e chama a atenção dos críticos. Um deles, Jerzy Jarzębski, tomando em consideração as diversas manifestações dessa presença, conclui:

[Deus de Lem], está tratado com toda a seriedade, não tem traços nítidos, não se deixa analisar, não conversa com as suas criaturas, nem lhes dá ordens. Também não promete uma vida depois da morte, nem um prêmio nem um castigo. A sua função é ser, existir além do nosso mundo, sancioná-lo e fornecer um ponto de referência. E os homens? Os que nele acreditam — na fase madura da sua obra, diferente do que nos seus primeiros escritos — não provocam uma repulsão, mas antes uma simpatia. Lem não exige deles as provas da existência de Deus, não denuncia as antinomias no seio da teologia, mas antes admira o apego a certos princípios que extrapolam qualquer moralidade calculista, como o apelo: “Amai a vossos inimigos!”. A conversão? Isso não, da conversão Lem está longe. Talvez somente a fé como uma possibilidade [...] tem passado nele um teste de maturidade: de um entendimento primário de “ópio para o povo” passou a ser uma opção de visão do mundo que não dá para menosprezar (JARZĘBSKI, 1997, p. 17-33).

A seriedade com que Deus é tratado e a reflexão metafísica tão presentes na obra de Lem, um dos escritores ateus declarados do nosso “*Secular Age*”, assim como a sua vacilação diante do transcendente (mesmo que seja “só nos momentos de fraqueza da mente”) que chega a confessar, colocam em questão os julgamentos muito categóricos acerca da ausência do “eu poroso”, ou do seu caráter anacrônico, no mundo “desencantado” de hoje.

## Referências

BEREŚ, Stanisław. **Rozmowy ze Stanisławem Lemem**, Kraków: Wydawnictwo Literackie, 1987.

JARZĘBSKI, Jerzy. **Bóg ateistów**: Schulz, Gombrowicz, Lem. “Znak” (Cracóvia), 1997, no. 2, p. 17-33.

LEM, Stanisław. **Dzienniki gwiazdowe**. Warszawa: Czytelnik, 1976.

SZPAKOWSKA, Małgorzata. **Dyskusje ze Stanisławem Lemem**. Warszawa: Open, 1996, p. 53.

TAYLOR, Charles. **A Secular Age**. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

\_\_\_\_\_. **Uma era secular**. Trad. Nélio Schneider e Luiza Araújo. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2010.

*Recebido em: 10 de maio de 2016*

*Aceito em: 15 de junho de 2016*

**DO POEMA À CANÇÃO: O LIRISMO COLOQUIAL EM  
*CASTIGO PRO COMBOIO MALANDRO*, DE ANTÓNIO  
JACINTO**

**POEM TO SONG: THE COLLOQUIAL LYRICISM *CASTIGO PRO  
COMBOIO MALANDRO*, OF ANTÓNIO JACINTO**

**POEMA A LA CANCIÓN: EL LIRISMO COLOQUIAL *CASTIGO PRO  
COMBOIO MALANDRO*, DE ANTÓNIO JACINTO**

*Marta de Oliveira Fróis da SILVA\**  
*Elisabeth BATTISTA\*\**

**Resumo:** Em um contexto de resistência, em 1948, em Angola ainda sob a égide do regime colonial, vários escritores se uniram para se opor ao contexto opressor da colonização por meio do Movimento dos Novos Intelectuais de Angola – o MNIA, tendo como lema o brado “Vamos descobrir Angola”. Entre eles estava António Jacinto e a defesa pela redescoberta da nacionalidade africana com uma identidade angolana própria. António Jacinto escreve o poema “Castigo pro Comboio Malandro” (1961), apresentando na forma e no conteúdo a musicalidade realçando a resistência ao contexto histórico vigente. Através do ritmo, oralidade, musicalidade e de figuras de linguagem o poeta capta os ritmos africanos por meio das pausas intensas e do uso do Kimbundo, língua africana mesclada ao português. Importante ressaltar que este poema foi musicado por Fausto Bordalo Dias em 1974, de forma que os versos de António Jacinto são, constantemente, revisitados pela/na memória do povo angolano.

**Palavras-chave:** Literatura. António Jacinto. Musicalidade. Oralidade.

**Abstract:** In a context of resistance, in 1948, under the aegis of the colonial regime, several writers have come together to oppose the oppressive context of colonization through the Movement of the New Intellectuals from Angola - the MNIA, whose motto is the cry “Let’s discover Angola”. Among these intellectuals was António Jacinto and the defense of the rediscovery of African nationality with an Angolan identity. António Jacinto writes the poem “Punishment by Train Trickster” (1961), presenting in form and content the musicality enhancing the resistance to current historical context. Through rhythm, orality, musicality and figures of speech the poet

---

\* Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil. Contato: marfrois@hotmail.com.

\*\* Docente no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários da UNEMAT – Universidade do Estado de Mato Grosso – Brasil. Pós-doutoramento pela Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa. Contato: lisbatys@gmail.com.

captures the African rhythms by means of intense pauses and the use of Kimbundo, African language merged with the Portuguese. It is important to note that this poem was set to music by Fausto Bordalo Dias in 1974, so that António Jacinto's verses are constantly revisited by / in memory of the Angolan people.

**Keywords:** Literature. António Jacinto. Musicality. Orality.

**Resumen:** En un contexto de resistencia en 1948, Angola todavía bajo los auspicios del régimen colonial, varios escritores han unido para oponerse a la opresión contexto de la colonización por el Movimiento de jóvenes intelectuales de Angola - la MNIA, con el lema *Vamos a ver Angola*. Entre ellos se encontraba Antonio Jacinto y la defensa por el redescubrimiento de nacionalidad africana con su propia identidad de la Angola. António Jacinto escribe el poema "Castigo pro Comboio Malandro" (1961), con la forma y el contenido de la musicalidad de resistencia a la mejora del contexto histórico actual. A través del ritmo, la oralidad, la musicalidad y figuras del lenguaje del poeta captura los ritmos africanos a través de las pausas intensos y el uso de kimbundo, lengua africana mezclada con el portugués. Es importante destacar que este poema fue puesto en música por Fausto Bordalo Dias en 1974, por lo que los versos António Jacinto son constantemente revisados por / en la memoria del pueblo angoleño.

**Palabras clave:** Literatura. António Jacinto. Musicalidade. La oralidad.

## **Considerações preliminares**

O estudo e a compreensão da obra literária não prescindem da consideração dos elementos inicialmente não-literários e, neste sentido, pertinente se faz fornecer aspectos da vida social e do contexto a fim de nos imbuirmos de um certo espírito de jornada.

As Literaturas Africanas de Língua Portuguesa começaram a se firmar antes mesmo da independência de seus países, de maneira a buscar com mais liberdade uma identidade própria africana e não mais modelada nos parâmetros europeus como era no período colonial.

Muitos países africanos, ainda sob o domínio português, começavam a lutar por sua independência criando vários movimentos como forma de resistência à dominação portuguesa. Um destes movimentos surgiu em Angola – o MNIA – o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola de 1948, em que tinham como lema, o brado "Vamos descobrir Angola", no sentido de redescobrir uma nacionalidade africana, na tentativa de fortalecer uma identidade

angolana própria, a fim de serem protagonistas de sua historicidade. Conforme Benjamin Abdala Junior (2006), “Por meio de atividades marcadamente coletivas, procura-se reatar o combativismo dos escritores do século XIX, com uma diferença: a busca da cultura popular com o olhar centrado na própria maneira de ser de Angola, afastando-se, enfim, do padrão eurocêntrico” (ABDALA JUNIOR, 2006, p. 213).

Os intelectuais angolanos tentavam se desvencilhar deste padrão europeu, pois queriam reafirmar que a África poderia ser autêntica e capaz de ter uma literatura própria. Para Abdala Junior (2006), nesta altura emerge no panorama cultural dois fatos que ligam e redimensionam a trajetória dessa literatura: a fundação da Casa dos Estudantes do Império (CEI), em Portugal, e a eclosão do movimento dos Novos Intelectuais de Angola. Portanto:

As atividades da CEI venciam a distância física e ecoavam no território angolano, contribuindo para consolidar o movimento dos “Novos Intelectuais de Angola”. Na sequência daquele movimento aglutinado em torno da frase: “Vamos descobrir Angola!”, no ano de 1948, criam-se as condições para a emergência de uma atividade literária mais enraizada. (ABDALA JUNIOR, 2006, p. 213).

Desta forma, conforme destaca Abdala Junior (2006), se definia uma afirmação do projeto liberal burguês (ou pequena burguesia) angolano, um sentimento de identificação com a terra, no qual se aproxima muito do que ocorreu no Brasil no processo de formação do sentimento nacional que envolvia a elite intelectual, logo após a independência. Os atores dessa etapa histórica em Angola, dentro deste movimento foram: Agostinho Neto, António Jacinto e Viriato da Cruz, entre outros que viriam inscrever o seu nome na história das letras e da república angolana.

Fruto deste movimento os Novos Intelectuais, pelo departamento cultural da Associação dos Naturais de Angola, iniciam, em 1951, a publicação da revista “Mensagem” – a voz dos naturais de Angola. Segundo Abdala Junior (2006) mesmo que reduzido a apenas dois números, essa revista pode ser vista como um marco no itinerário da literatura angolana, pois, em suas páginas, reuniam-se obras e

nomes que representavam a produção angolana e inauguravam a modernidade em sua poesia. Para o referido autor esta geração, essencialmente de poetas, investiu na constituição de uma *verdadeira* dicção angolana.

Diante da organização coletiva supramencionada a metrópole portuguesa começa a lançar instrumentos de coerção a fim de extinguir os movimentos, bem como, a revista “Mensagem”, utilizando-se da repressão policial. Com esta atitude das estruturas coloniais, o efeito foi contrário, pois com a repressão o aspecto político do movimento se acentuou e impôs mais dificuldades ao poder português. Portanto, anos depois surgiria o MPLA – o Movimento Popular para a Libertação de Angola de forma mais ampla e aglutinada com uma proposta política mais consistente.

Com toda a efervescência cultural, a metrópole respondeu de forma arbitrária ao movimento, mandando prender os intelectuais militantes. Como enfatiza Abdala Junior (2006), “[...] os escritores, como atores da angolanidade, foram para a cadeia da polícia política. Muitos, inclusive, não puderam escapar ao campo de concentração do Tarrafal no arquipélago de Cabo Verde”. (2006, pg. 214). António Jacinto foi um destes intelectuais presos conforme veremos a seguir.

O poeta António Jacinto do Amaral Martins, era filho de um casal de colonos da Alfândega da Fé, nasceu em Luanda em 1924 e faleceu em Lisboa em 1991, aos 67 anos de idade. Jacinto foi reconhecido como poeta de protesto, além de escrever vários contos nos quais utilizava-se do pseudônimo Orlando Távora para assinar.

Devido à sua militância política contra o regime fascista e o colonialismo, foi condenado a 14 anos de prisão, dez dos quais cumpridos no campo de concentração do Tarrafal, em Cabo Verde. Para Manuel Ferreira “quando solto, o poeta, fixa residência em Lisboa, ilude as malhas da P.I.D.E e vai ao reencontro de seus camaradas de luta nas matas de Angola” (1987, p. 20). Logo após a independência de Angola, em 1975, António Jacinto foi nomeado Ministro da Educação e Cultura, cargo que ocupou até 1978. As obras do poeta são: “Poemas” (1961), “Vôvô Bartolomeu” (1979), “Poemas” (1982, ed. Alargada), “Em Kilunjedo Golungo” (1984), “Sobreviver em Tarrafal de Santiago” (1985); “Prometeu” (1987) e “Fábulas de Sanji” (1988). (JACINTO, 2004, p. 52).

Desta forma, ao buscar uma autonomia angolana, os poetas vão ser os principais agentes ativos de resistência e luta ao escrever uma poesia comprometida com o contexto histórico do país. Desta forma, António Jacinto escreve o poema “Castigo pro Comboio Malandro”, que foi publicado no livro “Poemas” em 1961. Os poemas encontrados nesta obra esboçam narrativas, temas, cenários e personagens que vivem a miséria angolana nos musseques associada ao sofrimento e a angústia do contratado que, em busca de uma vida melhor, vão trabalhar nas roças de São Tomé e Príncipe, e até mesmo trabalham para pagar os altos impostos cobrados pela coroa portuguesa. Esta primeira fase poética de António Jacinto trazem:

Entre os títulos mais conhecidos, [...] os poemas “Monangamba”, “Poema da Alienação”, “Castigo Pro Comboio Malandro”, “O Grande Desafio”, “Carta Dum Contratado” nos quais a denúncia social se evidencia de forma mais explícita e veemente [...] Nesta óptica, esta poesia de cariz militante, configura-se como uma via possível de combate e de resistência às contradições sociais e raciais no contexto da sociedade colonial angolana, nos anos quarenta e cinquenta. (BRITO, 2015, p. 227)

“Castigo Pro Comboio Malandro” traz um comprometimento social muito forte com a situação angolana, é quase um manifesto do poeta contra a opressão vivenciada pelo seu povo. É a representação de uma realidade por meio de um trem que traz as alegrias e as tristezas do povo angolano, marcado pelo ritmo e pela repetição dos sons, o poema traz a musicalidade, a oralidade e ao mesmo tempo a resistência do povo diante da colonização, além de mostrar, no final de seus versos, a esperança da independência de sua nação.

Vejam os o poema na íntegra a fim de observarmos melhor o domínio do seu campo semântico, seu construto estilístico e força de sua liricidade coloquial:

### **Castigo pro Comboio Malandro**

Esse comboio malandro  
passa  
passa sempre com a força dele

ué ué ué  
hii hii hii  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

O comboio malandro  
passa

Nas janelas muita gente  
ai bô viaje  
adeujo homéé  
nganas bonitas  
quitadeiras de lenço encarnado  
levam cana no Luanda pra vender  
hiii hiii hiii  
aquele vagon de grades tem bois  
múu múu múu

Tem outro  
igual como este bois  
leva gente,  
muita gente como eu  
cheio de poeira  
gente triste como os bois  
gente que vai no contrato

Tem bois que morre no viaje  
mas o preto não morre  
canta só sua tristeza  
“Mulonde uá Kessua uadibale  
uadibalé uadibalé...”

Esse comboio malandro  
sozinho na estrada de ferro  
passa  
passa  
sem respeito  
ué ué ué

Com muito fumo na trás

hii hii hii  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem

Comboio malandro  
o fogo que vai no corpo dele  
vai na casa dos pretos e queima  
    Esse comboio malandro  
    Já queimou o meu milho

Se na lavra do milho tem pacassas  
eu faço armadilhas no chão,  
se na lavra tem kiombos  
eu tiro a espingarda de kimbundo  
e mato neles  
mas se vai lá fogo do comboio malandro  
\_ deixa! \_

    Uué ué ué  
te-quem-tem te-quem-tem te-quem-tem  
só fica fumo,  
muito fumo mesmo.

    Mas espera só  
Quando esse comboio malandro descarrilar  
e os brancos chamar os pretos pra empurrar  
eu vou  
mas não empurro  
    \_ nem faço força \_  
finjo só que faço força  
    aka!

Comboio malandro  
você vai ver só o castigo  
vai dormir mesmo no meio do caminho.

Segundo Glória de Brito o poeta concebe várias situações que representam as injustiças vividas pelo povo angolano, visando assim a denúncia social. Para Brito:

No poema “Castigo Pro Comboio Malandro”, o enunciador imagina um comboio “malandro” e “sem respeito” que leva os contratados (“gente triste como os bois”) para o contrato. Aqui, a representação da denúncia dirigida ao colono branco é transferida para o comboio, acusado de desumano e depois castigado, através do jogo metonímico e metafórico. No entanto, o recurso a estas figuras, bem como à ironia e à onomatopeia cria um efeito cômico, atenuando a intensidade da acusação. Este poema, como outros incluídos em “Poemas”, é revelador do estilo de António Jacinto na sua primeira fase poética, em que os elementos narrativos e descritivos se associam para sugerir contextos e ambientes diferenciados (BRITO, 2015, p. 227).

Dessa forma, compreendemos a criatividade do poeta ao unificar pela linguagem os dramas vividos pelo povo angolano. Jacinto revelou, por meio da lírica, a denúncia mas também a esperança de que um dia esse sistema político da colonização terminaria, conforme vimos nas últimas estrofes do poema.

Pelo título do poema é possível identificarmos a intenção do autor em contemplar a linguagem coloquial, a oralidade na palavra “pro” por ser uma distinção da linguagem indicativo do português oral, da linguagem coloquial usualmente falada nas situações informais. O poema, aliás, foi musicado e gravado por Fausto Bordalo Dias, compositor e cantor português, com o título “Comboio Malandro”, em seu álbum “P’ró Que Der e Vier” (1974); acreditamos que o fato do poema ter sido musicado ajudou o povo angolano na identificação e afirmação da cultura de seu país, pois muitos deles eram analfabetos e, portanto, iletrados, estavam impedidos de acessar a cultura erudita e, deriva dessa condição, a impossibilidade de participar da efervescência cultural de sua nação.

Neste sentido, a canção sendo por si só produtora de significado, “reforça”, por assim dizer, o poema, que será, repetidas vezes, cantada pelo povo, com a voz modulada pela musicalidade de sua letra. Isto porque a canção contribui para desentranhar a sonoridade e o ritmo das palavras. Este fato corrobora com o que defende Paul Valery, porque se formos pensar bem, em toda a poesia escrita verifica-se a dialética entre música e palavra, ou, no dizer

valéryano, de som e sentido. Por isso torna-se imprescindível a sonoridade na poesia.

No processo de criação, o poeta utilizou a oralidade transposta nos versos do poema para criar uma perspectiva do leitor/ouvinte, fato que contribuía para estar junto do processo cultural e literário angolano, ao ser musicado o poema possibilitou um revisitar a cultura angolana, na medida em que contemplou a produção criativa e o repertório da literatura produzida em Angola, que tem o português como língua de comunicação, bem como, propiciou uma maior interação e difusão dos escritos de António Jacinto.

A produção lírica veio para registrar a visão do autor e a sua versão acerca da realidade do contexto de colonização vivenciado pelos países africanos, especialmente em Angola. A contribuição lírica fornece, em certa medida elementos que promovem a inquietação e estimulam a mudança de comportamento dos seus pares perante os empreendimentos coloniais. Essa ideia foi desenvolvida num breve ensaio jornalístico, de nossa autoria, intitulado “Literatura e canção – entre o prazer e a inquietação”. “Univercidades”, (2008: 02).

Isto deriva para aquilo que afirma Alfredo Bosi (2002), “a narrativa lírica, quando atinge certo grau de intensidade e profundidade, supera a rotina da percepção cotidiana e liberta a voz de tudo quanto esta abafou ou apartou da conversa[...]” (2002, p. 135). Neste sentido, o autor vai enfatizar que a literatura descortina interfaces, antes ocultas, da vida social, descobre a vida verdadeira e, esta abraça e transcende a vida real. Destaca ainda que, esta por sua vez resistirá à mentira e neste horizonte o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente. Esta voz abafada da lírica é a voz do contratado que de dentro do comboio se revela por intermédio da voz do eu lírico: “tem outro / igual como este dos bois/ leva gente, / muita gente como eu/ cheio de poeira”. Este eu lírico se coloca como um deles, o contratado; que está no trânsito para seus longos dias de trabalho – na condição de prestador de serviços sazonal e, portanto, trabalhador braçal – nas plantações de milho.

O poema faz um registro social da vida do contratado ao utilizar um lugar-comum que é do trabalhador visto como uma máquina e/ou como animais ao serem colocados em “vagon” com grades, iguais aos

bois que também estão sendo transportados, “gente triste como os bois/ gente que vai no contrato”. Porém, a resistência física do contratado é grande, pois “tem bois que morre no viaje / mas o preto não morre / canta só sua tristeza / “Mulonde uá Kessua uadibale / uadibalé uadibalé...” e que como tradução temos: A ponte do Kessua caiu, caiu, caiu. O emprego da variante coloquial, fixa a oralidade do povo angolano, pois, em momentos desafiadores como estes, eles cantam sua língua materna, o Kimbundo, com a letra de uma canção, com elementos geograficamente identificáveis na sua realidade, Kessua é nome de um rio de Angola.

O kimbundo está muito presente no poema, como nos versos: “Se na lavra do milho tem pacassas<sup>3</sup> / eu faço armadilhas no chão, / se na lavra tem kiombos<sup>4</sup> / eu tiro a espingarda de kimbundo / e mato neles” desta forma o poeta trouxe, também, a língua materna, e não apenas a língua do colonizador. Tal opção já deriva da intenção de demarcar território pela língua falada no seu país. Antônio Jacinto traz expressões bem típicas da oralidade do povo angolano ao unificar o português com o kimbundo. Afirmativa que pode ser observada nas expressões: “ai bô viaje / adeujo homéé”, “levam cana no Luanda pra vender”, “eu tiro a espingarda de kimbundo/ e mato neles”. (JACINTO, 2004, p. 23-24). São termos orais que o contratado apresenta por intermédio do eu lírico, de modo a demonstrar a fuga do português padrão, uma das formas de resistência à colonização portuguesa.

As estrofes do poema vão aumentando de tamanho à medida que o poema continua, e a repetição do termo “te- quem-tem-te- quem-tem-te- quem-tem” – uma tentativa de reproduzir a sonoridade e o ritmo gerados pela movimentação do comboio, além de fixar por meio da representação lírica, a voz imperativa do colonizador, como se este dissesse: “quem-te-tem quem-te-tem quem-te-tem”, é um reforço da opressão social que o português mantinha sobre o povo angolano. A expressão “quem-te-tem” exerce a dominação que o colonizador mantinha sobre o contratado, reforça a ideia de que este continua sob o jugo do opressor e que não conseguia, ainda, se libertar.

---

<sup>3</sup> Espécie de búfalo, porém de menor porte.

<sup>4</sup> Javali, porco do mato.

Ao lermos o poema em voz alta identificamos com expressividade a presença das onomatopeias, que misturadas ao ritmo trazem para o leitor a ideia do comboio, do trem em movimento. Os sons e apitos do trem se misturam aos mugidos dos bois marcando a noção de movimento: “hiii hiii hiii”, “muú, muú, muú”, “Te-quem-tem-Te-quem-tem-Te-quem-tem”. (JACINTO, 2004, p. 24). A opção do poeta por marcar o ritmo do poema com as onomatopeias enriquece o poema e acentua a sua musicalidade e ritmo.

Alfredo Bosi vai trazer a noção de ritmo como sendo as vibrações da matéria viva que forjam a corrente vocal. Os ritmos poéticos vão nascer na linguagem do corpo, na dança dos sons, nas modulações da fala. (2000, p. 103). Para Bosi, o uso do ritmo aconteceu por vários modos: “Historicamente, o uso poético do ritmo deu-se de várias maneiras, mas podem-se destacar, pelo menos, três: o ritmo no poema primitivo ou arcaico; o ritmo no poema clássico e, mais tarde, acadêmico; e o ritmo no poema moderno” (BOSI, 2000, p. 82).

Portanto, para Alfredo Bosi, no poema primitivo o ritmo vai retomar, concentrar e realçar os acentos da linguagem oral, de forma que Antônio Jacinto ao optar por esta variante linguística, caracteriza bem seu poema como uma escrita oral e o deixa permanecer numa linguagem próxima de seu povo.

As imagens suscitadas pelo poema por meio do seu campo lexical trazem o comboio que carrega os bois, mas também o contratado, com imagens que se misturam de modo a apresentar pela linguagem que o eu lírico chama a atenção para a situação degradante em que o contratado vivia, mas que pelo ritmo e pela oralidade denota poeticidade ao contexto e musicaliza por intermédio da sonoridade. Octávio Paz (2009) ao trabalhar a imagem no poema, ressalta que:

As imagens dos poetas têm sentido em diversos níveis. Em primeiro lugar, possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência do mundo. Trata-se de uma verdade psicológica. Em segundo lugar, essas imagens constituem uma realidade uma realidade objetiva, válida por si mesma: são obras. (PAZ, 2009, p. 45).

O poema é aquele que remete a um sistema geral, ao escritor e também à sociedade. António Jacinto captou estas imagens da realidade em que viu ou ouviu, e criou o poema como forma de representação da realidade angolana. Para Paz, “a poesia é ainda nossa melhor parceria para exprimir o outro e representar o mundo. Ela o faz aliando num só lance verbal sentimento e memória, figura e som”. (2009, p. 271). O poeta faz, portanto, uma denúncia ao contexto social da época em que Angola vivenciava utilizando-se dos recursos da linguagem oral e escrita.

O comboio transporta as pessoas, leva o progresso; mas também apresenta o seu lado adverso, pois no poema este também contribui para botar fogo nas casas, nas plantações. Ele está entre a ordem e a desordem, acreditamos que por isso o poeta o chamou de “comboio malandro”, ao mesmo tempo que está para o bem, também está para o mal ao destruir tudo o que vê em sua frente, pois “o fogo que vai no corpo dele / vai na casa dos pretos e queima / Esse comboio malandro / Já queimou o meu milho”. O eu lírico se põe como um contratado, especialmente ao relatar que até seu milho foi queimado pelo comboio. (JACINTO, 2004, p. 24).

O poema apresenta o comprometimento com aspectos da vida social que foi perenizada pela oralidade e pelo ritmo e musicalidade com que António Jacinto magistralmente apresentou o *comboio malandro*. A realidade de Angola, contemplada na letra viva dos versos, ao ser musicalizada por Fausto Bordalo Dias, será perenizada na voz modulada pelo som e pelo sentido lírico das palavras, mantendo acesa a chama e alimentando o desejo de libertação na mente do povo angolano.

Na esteira da relação poesia/poeta de um lado e de outro poesia/vida social, identificamos, naquilo que defende Octávio Paz em “O Labirinto da Solidão” (1976), na qual focaliza as relações entre poesia e poetas, de um lado, e a sociedade, de outro e defende que, no mundo constituído a partir da instalação da sociedade burguesa as relações são contraditórias e antagônicas: “A poesia é desterrada do mundo burguês”, diz, em uma afirmação que seria reiterada ao longo de toda a sua obra. Passadas mais de três décadas, em “A outra voz”, (1990, p. 31), voltaria a afirmar: “A discórdia entre poesia e modernidade não é acidental e sim consubstancial. A oposição entre

ambas aparece desde o começo da nossa época, com os primeiros românticos”.

Octávio Paz que, ao proceder como ensaísta pensa como poeta, isto pode ser constatado no fato de haver, em seus ensaios, muita prosa poética, defende a necessidade de certo isolamento do poeta com relação à sociedade – quase equivalente a um exílio em sua própria terra, e aponta para o caso de Mallarmé, conforme observa em “O Arco e a Lira” (1982):

O poema hermético proclama a grandeza da poesia e a miséria da história. [...] Cada vez que surge um grande poeta hermético ou movimento de poesia em rebelião contra os valores de uma sociedade determinada, deve-se suspeitar de que essa sociedade, e não a poesia, sofre de males incuráveis. [...] A solidão do poeta mostra a queda social. A criação, sempre na mesma altura, acusa a descida do nível histórico. Daí que às vezes nos pareçam mais elevados os poetas difíceis. Trata-se de um erro de perspectiva. Não são mais elevados; simplesmente, o mundo que os cerca é mais baixo. (PAZ, 1982, p 23).

Neste sentido, partindo do pressuposto de que António Jacinto foi um intelectual ativo e atuante “no movimento de poesia em rebelião”, posicionando-se na resistência aos valores eurocêtricos António Jacinto não enclausura-se, muito pelo contrário, coloca sua produção em favor da libertação de Angola e, aposta incondicionalmente no encontro de um elo de coesão entre poesia/poeta/vida social, pois, no estudo do poema selecionado identificamos o empenho no entrelace de três instâncias: a captação do olhar do poeta, a voz lírica e a voz modula pela linguagem coloquial falada nas ruas, exemplar da vida social. Um movimento dos três elementos, como se fossem peças na mão de um malabarista, um jogo de cuja fusão, nasce “uma outra voz”, identificada à *outra voz* no ensaio otaviano com o mesmo título: “Entre a revolução e a religião, a poesia é a outra voz. Sua voz é outra porque é a voz das paixões e das visões; é de outro mundo e é deste mundo, é antiga e é de hoje mesmo, antiguidade sem datas”. (PAZ, 1990, p. 35). O estudo e a análise do poema “Castigo pro Comboio Malandro” coloca-se, como mais um

esforço no sentido de constituir-se como “a outra voz”, uma forma de resistência do poeta em relação ao contexto da colonização em que Angola vivenciou em determinado momento histórico.

### Considerações finais

O engendramento da reflexão sob o título: “Do poema à canção: o lirismo coloquial em Castigo pro comboio malandro, de António Jacinto” colocou-nos em contato com o termo grego *aedo* que, na acepção da origem da palavra, significa, ao mesmo tempo, poeta e cantor, indissociavelmente ligados. Indo mais a fundo, e aprofundando as considerações extraliterárias, percebemos que toda a existência do ser humano é regida por sistemas e ritmos, tanto na vida quanto no corpo: O corpo é regido por sistemas: respiratório, digestivo, circulatório, etc. A respiração, regida pelo movimento de expansão/retração deriva daí, os processos de inspirar e expirar; as batidas do pulsar do coração, o caminho que o sangue percorre nas veias. Tudo obedece a um ritmo e, é por isso que o ritmo musical nos envolve tão visceralmente: porque a modulação do ritmo musical tem muito a ver com a esfera orgânica do ser.

Ao examinar o *corpus* selecionado para este estudo observamos que o eu poemático constitui-se um sujeito que também sofre a ação do comboio, é um *eu* que sofre junto com o contratado naquele vagão do trem. Enquanto poema lírico, mas ao mesmo tempo, um poema épico, na qual captamos a presença de uma instância narrante ao contar a história do negro contratado. Esta forma de produção criativa configura-se como uma das características da Literatura Angolana que os poetas tanto queriam reafirmar quando se reuniram para lutar no Movimento dos Novos Intelectuais de Angola em 1948.

Conforme registramos no início da nossa reflexão, por meio do brado Vamos descobrir Angola, os intelectuais tentavam uma descoberta da nação angolana, buscavam romper com os moldes do mundo europeu, no qual por muitos anos tiveram que se submeter. Para Tânia Macedo (2002) este movimento “propunha-se a uma redescoberta de seu país, ao mesmo tempo em que a sua produção

visava a uma produção para o povo, com a expressão dos interesses populares e da autêntica natureza africana” (2002, p. 44).

António Jacinto escreveu o poema em análise em um momento que a poesia inaugurava uma época de resistência e denúncia, assim:

Os poetas tiveram que criar novos códigos, novas semânticas e novos gêneros para traduzir uma nova realidade e despertar a atenção do leitor para a necessidade de uma mudança social e política. No caso de António Jacinto, as novas expressões adoptadas pelo grupo “Mensagem” associam-se a um jogo de sonoridades, reforçando a capacidade denunciativa e a consciencialização social e política, e nessa perspectiva, alguns poemas prestam-se a ser musicados. (BRITO, 2015, p. 237-238).

Assim, segundo Glória de Brito a primeira obra de Jacinto *Poemas* (1961) foi marcada pela sonoridade de tonalidade oral, conforme os contadores de histórias, como forma de imprimir na mente do povo angolano a história pela qual vivenciavam.

António Jacinto, decisivamente, enquanto intelectual consciente do seu papel e sua função histórica produz uma literatura empenhada com vistas a alimentar o esforço de construção de um país livre do jugo colonial. Neste sentido, o poema “Castigo pro Comboio Malandro” volta-se para a articulação entre as instâncias: poesia/poeta/vida social, na medida em que a representação lírica favoreceu a expressão da voz oprimida, dando vez a quem não tinha voz no período colonial – o negro contratado. Por meio de seus versos representou a situação de seu povo, especialmente, ao utilizar como recurso estilístico do ritmo, conferindo beleza, liricidade e revitalizando expressões coloquiais, que posteriormente, foi potencializada pela força da musicalidade e poder da canção. Aliás, a articulação entre poesia e musicalidade se fez tradição poética desde os gregos, na antiguidade clássica.

## Referências

ABDALA JÚNIOR, Benjamim. Panorama histórico da literatura angolana. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). **Marcas da diferença**: as literaturas africanas de língua portuguesa. São Paulo: Alameda, 2006. p. 211-225.

ANTÓNIO, Jacinto. (António Jacinto do Amaral Martins) **Poemas** / António Jacinto. Luanda. Maianga, 2004.

BATTISTA, Elisabeth. **Literatura e canção – entre o prazer e a inquietação. Universidades – periódico da Universidade do Estado de Mato Grosso**. Unemat Editora 2008, (Suplemento de cultura), p. 02.

BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRITO, Glória de. A actualidade da poesia de António Jacinto. IN: TAVARES, Ana Paula, SILVA, Fabio Mario da e PINHEIRO, Luís da Cunha (Org.). **António Jacinto e a sua época**: a modernidade nas literaturas africanas em língua portuguesa. Lisboa. Instituto Europeu de Ciências da Cultura Padre Manuel Antunes. 2015. P.221-238.

FERREIRA, Manuel. **Literaturas africanas de expressão portuguesa**. Editora Ática, São Paulo, 1987.

MACEDO, Tania. **Angola e Brasil – estudos comparados** / Tania Macêdo. São Paulo: Arte& Ciência, 2002.

PAZ, Octávio. **A outra voz**. Wladir Dupont (tradução), Siciliano, São Paulo, 1990.

\_\_\_\_\_. **O Labirinto da Solidão e post-scriptum**. Eliane Zagury (tradução), Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1976.

**Plataforma de apoio ao estudo da língua portuguesa no mundo.**  
Disponível em: <[http://lusofonia.com.sapo.pt/glossario\\_africano.htm](http://lusofonia.com.sapo.pt/glossario_africano.htm)>.  
Acesso em: 08 dez. de 2015.

**Página online consultada**

<http://falasaoacaso.blogspot.com.br/2013/02/antonio-jacinto-castigo-pro-comboio.html>

**Bibliografia consultada**

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador.** Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1967.

MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **A sociedade angolana através da literatura.** São Paulo. Ática, 1978.

*Recebido em: 10 de junho de 2016*

*Aceito em: 30 de junho de 2016*



**EVALUATION OF NAWAAT COVERAGE OF THE  
POLITICAL ASSASSINATIONS IN TUNISIA AFTER THE  
JASMINE REVOLUTION**

**AVALIAÇÃO DA COBERTURA NAWAAT DOS ASSASSINATOS DE  
POLÍTICOS NA TUNÍSIA DEPOIS DA REVOLUÇÃO JASMINE**

**EVALUACIÓN DE LA COBERTURA NAWAAT DE LOS  
ASESINATOS POLÍTICOS EN TÚNEZ DESPUÉS DE LA  
REVOLUCIÓN DEL JAZMÍN**

*Hatem SEBEI\**

**Abstract:** This paper adopts a systemic functional linguistics as a paradigm to analyse postings on social media. This paradigmatic relationship is based on a combination of form and meaning. It adopts a Bakhtinian dialogic view of language and discourse. His viewpoint is built on the idea that every's speaker voice is imbued with traces of previous voices and is in anticipation of other voices. This research shows how bloggers engage readers, how they negotiate and position themselves vis-à-vis the other voices. The current study adopts the Engagement framework as an analytical tool to evaluate the language used in Nawaat to cover the political assassinations in Tunisia. The current research focuses on the writer's comments, description of the political assassinations. It also focuses on the writer's comments, description and claims of external voices. Building solidarity and entente with readers who share and hold the same vision is also a matter of concern.

**Keywords:** Appraisal. Nawaat. Voice. Contract and expand

**Resumo:** Este artigo adota uma linguística sistêmico-funcional como um paradigma para analisar postagens em mídias sociais. Esta relação paradigmática baseia-se numa combinação de forma e significado. Ela adota uma visão dialógica bakhtiniana da linguagem e do discurso. Seu ponto de vista é construído sobre a idéia de que todo discurso do falante está impregnada com traços de vozes anteriores e está na expectativa de outras vozes. A pesquisa mostrará como os blogueiros envolvem os leitores, como eles negociam e se posicionam com relação às outras vozes. O presente estudo adota a estrutura de avaliação como uma ferramenta analítica para avaliar a linguagem utilizada na Nawaat para cobrir os assassinatos de políticos na Tunísia. Este trabalho utiliza uma sub-categoria de avaliação que é engagement. A presente pesquisa

---

\* PhD researcher of Faculty of Letters Arts and Humanities Manouba. PhD researcher in discourse analysis and Contractuel assistant ; University of Tunis, Tunisia. Contact : hatemsebei\_78@yahoo.fr.

concentra-se em comentários do escritor, descrição dos assassinatos políticos. A pesquisa levanta os comentários, descreve as reivindicações de vozes externas. Há uma construção da solidariedade e entente com os leitores que compartilham e mantêm a mesma visão também o que é uma questão que preocupa.

**Palavras-chave:** Avaliação. Nawaat. Voz. Contrato e expandir

**Resumen:** En este artículo se adopta una lingüística sistémica funcional como un paradigma para analizar publicaciones en medios de comunicación social. Este paradigma se basa en una combinación equilibrada de forma y significado. Se necesita una visión dialógica Bakhtiniana del lenguaje y el discurso. Su punto de vista se basa en la idea de que el discurso de cada voz está impregnado con restos de voces del pasado y espera otras voces. La investigación muestra cómo los bloggers involucran a los lectores a medida que negocian y se posicionan en relación con otras voces. En este estudio se adopta el marco de evaluación como una herramienta analítica para evaluar el lenguaje utilizado en Nawaat para cubrir el asesinato político en Túnez. Este trabajo utiliza una evaluación subcategoría que es el compromiso. Esta investigación se centra en los comentarios del escritor, descripción de los asesinatos políticos. La investigación plantea los comentarios, describe los reclamos de voces externas. Hay una solidaridad construcción y entente con los lectores que compartir y mantener el mismo punto de vista también es un motivo de preocupación.

**Palabras clave:** Evaluación. Nawaat. Voz. Contraen y se expanden

## **Introduction**

Before the revolution, Tunisian media was tightly controlled by the regime in the sense that print media was subdivided between state newspapers like (La Presse, Essahafa), the ruling party (Al-Urriya, Le Renouveau) and those that were private but maintained close links with the regime through relationship, family or the de facto nepotism of the industry (Al-Chourouk, Assabeh, Le Temps, Le Quotidien, Assarih). Meanwhile few opposition press like (Tariq-el Jadid, El-Fajr and Al-Mouatinoun). The broadcast sector was dominated by two state television channels (Channel 7 and Channel 21) later name as Wataniya 1 and Wataniya 2). During the last decade two private television channels (Nessma TV and Hannibal TV) close to the ruling family emerged. Also twelve radio stations existed (EL-ISSAWI, 2012, p. 4). All private media broadcast outlets were forbidden from tackling political issues. Although the Ministry of

communication is in charge of Tunisian media, the ministry of interior was in charge of approving applications of new print media. In Contrast to such mainstream media, social media opened the space for a pluralist and diverse opinions. For many young people, the internet was seen as an alternative to resist bias and manipulation. After the revolution, journalists, activists and students thought that freedom of expression was one of the key achievements. But after the 2014 presidential election, crackdown on bloggers and activists has gradually increased. As state discourse focuses on questions of security, the rule of law and terrorism and not protecting civil liberties. Indeed, a growing enthusiasm or hysteria among politicians left (Nida Tunis and the Popular Front) or right (Nahda Party) to re-introduce the 2003 anti-terror law. Although the Constitution was seen as very progressive, many activists were harrassed under the pretext of national security and terrorism.

The purpose of the paper is to evaluate the language of social media. It draws on the work of Hunston and Thompson (2000), Swales (1990), Hyland (2005), Martin and White (2005), White (2011) and Martin (2014). Hunston and Thompson (2000) identified three main functions of language in social context: to express the writer's opinion, to construct and maintain relations between the speaker/writer and hearer/ reader, and to organize discourse as meaningful text known as metafunction (HUNSTON and THOMPSON, 2000, p. 6). This work aims at measuring the frequencies of the engagement contract and expand in *Nawaat*. To count the frequency of modals, the adjuncts, epithet, cognitive verbs and pronouns. To show how bloggers in *Nawaat* engage their voters, how they negotiate and position themselves vis-à-vis the other voices.

The current paper focuses on the writer's comments, description and claims of his/theirs previous policies. It also focuses on the writer's comments, description and claims of external voices. Building solidarity and entente with readers who share and hold the same vision is also a matter of concern. (WHITE, 2003, p. 263). The research raises two issues that question the research: Do authors in *Nawaat* use the engagement contract or expand? And how do authors in *Nawaat* present information, description and comments on the political assassinations? This research aims at measuring the

frequencies of the engagement contract and expand in Nawaat; To count the frequency of modals, the adjuncts, epithete, cognitive verbs and pronouns; and to show how bloggers engage their readers, how they negotiate and position themselves vis-à-vis the other voices.

This thesis consists of five major parts. The section one is an introduction to this paper. It reviews previous literature on evaluation and voice. The Second section deals with the theoretical framework. It introduces Martin and White's engagement framework (2005). The Third section presents the methodology. The section Four deals with discussion and analysis and discusses the questions of monogloss or heterogloss in Nawaat. Lastly and not the least, this work ends up with the fifth section. Voice and the interplay between the "self-representation" and the "other" representation.

Analyzing rationally, the internet played a major role in the Arab Spring and it was a subject of concern for many scholars. Honwana (2012), Farmanfarmaian (2014) and Webb (2014) studied the push factors that precipitated the Tunisian revolution and the Arab spring. Also I used an English source as the Simple Concordance Program (SCP) can not be applied to an Arabic text.

## **I Literature Review**

The current study adopts the Appraisal framework as an analytical tool to evaluate Nawaat. Two major questions are subject of concern for Appraisal. It is concerned mainly with questions of attitude. i.e. How texts activate positive or negative views concerning participants' feelings, comments or descriptions of ideas. It is also concerned with how texts adopt a stance. Appraisal consists of three interacting domains named as 'attitude', 'engagement' and 'graduation'. This work employs a sub-category of Appraisal which is engagement. The first rationale that has driven me to adopt the Engagement framework is that evaluation is a dialogic phenomenon. The current study draws partly on Bakhtin concept of heteroglossia. The rationale behind the choice of the system is that studies of language from the Bakhtinian and dialogistic angle of meaning and structures have limited their concerns to the individual, psychological

and self- expressive function of language. However, they play down the role of social relationship to make meaning.

## **1.0. Voice**

### **1.1 Voice in the Bakhtinian tradition**

The present thesis deals with notion of voice which derives from the fundamental works of Bakhtin (1981, 1986) on heteroglossia.

For Bakhtin (1981), heteroglossia is the use of another's voice: "serving to express authorial intentions but in a refracted way" (Bakhtin, 1981, p.324). To Bakhtin all verbal communication written or spoken is dialogic.

Bakhtin (1984) stated that all utterances/written texts are multi-voiced since the speaker borrows words marked by another voice. He stated many ways in which the speaker/writer can appropriate and transform.

Each utterance is filled with echoes and reverberations of other utterances...Each utterance refutes, affirms, supplements, and relies on the others, presupposes them to be known and somehow takes them into account...each utterance is filled with various kinds of responsive reactions to other utterances of the given sphere of speech communication (BAKHTIN, 1986, p. 91).

### **1.2 Voice in academic writing**

During the last two decades there has been a growing interest in the evaluative and interactive features of language. The way writers/speakers transmit their personal feelings and assessments was a matter of concern for linguists. Such studies have been conducted under different names as "hedging" (HYLAND, 2005), "evaluation" (HUNSTON, 1994, 2000), "Appraisal" (MARTIN and WHITE, 2005) and "stance" (BIBER& FINEGAN, 1988, 1989). Also, Scholars in cultural studies look for texts that resist and challenge the dominant narrative.

### **1.3. Stance**

Biber and Finegan (1989) employed the term “stance” to express personal feelings and assessments. He presented a list of twelve “stance markers”. They are defined as “the lexical and grammatical expression of attitudes, feelings, judgments, or commitment concerning the propositional content of a message” (BIBER and FINEGAN, 1989, in HUNSTON and THOMPSON, 2000, p. 19). In fact, markers include lexical items selected from particular word classes. Adverbs indicating affect, certainty and doubt, adjectives indicating affect, certainty and doubt, verbs indicating affect, certainty and doubt, hedges realized through “about”, “a sort of”, “a kind of”, emphatics are used through “for sure”, “really”, “certainty”, etc., and modals indicating possibility, necessity and prediction (idem).

### **2. 0 Social media**

Social media has broken down the state’s monopoly over the media and allowed previously marginalized groups like former political prisoners, human rights activists, youth movements like the Tunisian Communist Youth Union Youth Faction of the Labour Party, Renaissance Youth Movement, young bloggers and cyber activists to directly address the public. These groups use new media to talk about their own experiences and their vision of the future.

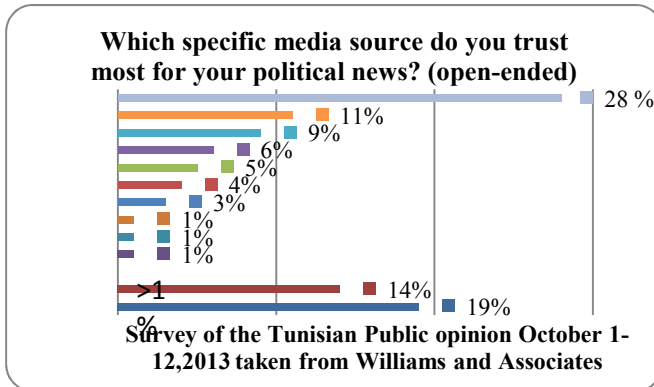
This research examines social media coverage of the political assassinations (BELAID and BRAHMI) which had taken place in 2013. To do so, this paper focuses on the writer’s presentation of the information, comments and description of the crime. It also focuses on the writer’s comments, description and claims of external voices. Building solidarity and entente with readers who share and hold the same vision is also a matter of concern.

To answer these questions, this work examines a prominent Tunisian blog, Nawaat.

## 2.1 Background

The increase of facebook users and bloggers and the emergence of independent electronic magazines increased people's awareness of social, political, environmental and human rights concerns in Tunisia. The number of social media users has increased since the revolution, correlating to an increasing disillusionment amongst youth with both public and private media, both of which have been described as unprofessional and biased. Lotan et al (2011) argues that social media played a major role in the 2011 revolution in Tunisia and Egypt. He states that nonprofessional journalists: 'begin to influence and co-construct the kind of news traditionally produced by mainstream broadcasters'' (LOTAN *et al.* 2011, in WEBB, 2014, p. 12). But the issue of media credibility is debatable and contingent upon various factors including legal restrictions, the influence of corrupt money, lack of professionalism and pressure from political parties. For instance, 3C Etudes conducted a survey in December 2012 in Kairouan, Sidi Bouzid, Ariana and Tunis and asked people on whether they trust media or not. About 65% of the interviewees were satisfied with media and only 31% were unsatisfied.

The graph below shows how internet has become a reliable source and people tend to trust it. According to a survey by the International Republican Institute (IRI) conducted in December 2013, 51% of the Tunisians have access to the internet and among those questioned 35% usually access it at home. Importantly, Tunisians trust the internet as a source for political news: internet is ranked as number 2 in the most trustful media source (National 1 28%, internet 11%, Nesma TV 9%, Hannibal TV 6%, Ettounisia 4%) (Survey of the Tunisian Public Opinion October 1-12 2013).



**Source:** The International Republican Institute (IRI), 2013, p.55.

In May 2013, the High Independent Authority was launched by the government. Although many books and articles have been written on the role of internet in the revolution, scholars did not focus on the notion of dialogism and whether social media users open up or close down the space for external voices. Bakhtin argues that all utterances exist:

“...against a backdrop of other concrete utterances on the same theme, a background made up of contradictory opinions, points of view and value judgments...pregnant with responses and objections” (BAKHTIN, 1981, p. 281).

The debate on the function of social media has continued and the issue is whether Nawaat provides a free, diverse, transparent, pluralist and nationalist alternative to the mainstream? Has social media transformed Tunisian media from a propagandist arm of the tyrannical regime into a pluralist and nationalist media? The present paper evaluates language used in Nawaat after the political assassinations.

Evaluation seems to be a key aspect of this rhetorical and ideological functionality. Evaluation may be used as an analytical tool to identify the nature of attitude, how texts present positive or negative views positioning of its audience and how texts engage dialogistically with previous writers or speakers or with potential addressee. It also helps to identify the stance employed in a particular text (WHITE, 2015, in *the International Encyclopedia of Language and Social Interaction*, 15).

## 2.2 *Nawaat*

*Nawaat.org* is an independent collective blog co-founded by Tunisians Sami Ben Gharbia and Riadh Guerfali in 2004. The goal of *Nawaat*'s founders was to provide a public platform for Tunisian dissident voices and debates. Today *Nawaat* continues to provide independent coverage of Tunisian events, including human rights issues. *Nawaat* philosophy according to Ben Gharbia emphasizes independence from political parties and partisanship: "For digital activism in the Arab world to achieve its noble aspirations, it must remain independent and homegrown, tapping its financial, logistic and moral support [from] the grassroots level" (Ben Gharbia, in *Nawaat*). *Nawaat* pursued its method to present the different versions of the story and it covered the political assassinations. It opens the space for different voices to have a say and express their opinions in key questions in the domestic affair: economy, civil liberty and social policy. *Nawaat.org* was blocked by the government till 13 January 2011 (<http://nawaat.org/portail/>).

## 2.4 Challenges and Guarantees of freedom of expression

### 2.4.1 Challenges

Although the 2014 Tunisian Constitution guarantee freedom of opinion, thought and expression, some regulations still include violation of civil liberties like the anti-terror law, the 1975 Press Code and the the Creation of the Technical Telecommunications Agency.

### 2.4.2 The 1975 Press Code

According to the Penal Code, article 121 (3):

The distribution, putting up for sale, public display, possession with the intent to distribute, sell or display for propaganda purposes, of tracts...that can harm public order or good morals, is prohibited, any infraction...can bring about, in addition to immediate confiscation, a prison term of six months to five years and a fine of 120 to 1200 dinars" (2011 Human Rights Watch)

### 2.4.3 The 2003 Anti-terrorism law

This law presents a vague and broad definition of “terrorism”: The draft law defines in its Article 4 a crime of “terrorism”:

as every crime, regardless of its motives, connected to an individual or collective project aiming at terrorising people and spreading fear, for the purpose of, among other things, influencing state policies and forcing it to carry out a certain act or refraining from doing it, or disturbing public order or international peace and security, or damaging public facilities and transport and infrastructure (2011 *Human Rights Watch*).

After the terrorist attacks in Bardo and Sousse, the Parliament introduced the 2015 anti-terror law which extends detention from 6 days up to 15 days for terrorism suspects. The law gives more power to the security forces broad and vague monitoring and surveillance power. Ayachi Hamami, an activist from the Tunisian League of Human Rights (LTDH):

This law gives investigators the prerogative to detain potentially innocent suspects for 15 days rather than three, without access to a lawyer,” he told me. “This goes against the basic principles of our legal system as well as international standards.” (*Foreign Policy*, August 18 2015). But later, the law has been reformed and enables the lawyers to contact and meet the suspects.

### 2.4.5. Article 6

Article 6 of the anti-terror law was introduced to restrict freedoms of expression and belief: Article 6 of the draft law states that “crimes of incitement to hatred, religious or ethnic fanaticism”, are treated as a crime of “terrorism” (*Amnesty International EU Office* September 30 2003).

## **2.4.6 Corrupt money**

Media is still a venue for manipulation and has been transformed into a platform for personal and political account. For instance, we had two candidates in the 2014 Presidential Election who own private channels, *Hannibal* (Larbi Nara) and *Attounisia* (Slim Riahi). Also, *Zitouna* is biased to the Renaissance Party. *Nessma* is owned by Nabil Karoui, a leader in Nida Tounis Party (*Tunisia-live.net* February 15 2016) and therefore, the Tunisian mainstream media is becoming a central feature of political polarization between the left and the right. Also, another challenge that blocks journalists to do their job properly is the miserable working conditions of most journalists living on a temporary work.

## **2.4.7 The Creation of the Technical Telecommunications Agency**

In 2013 the government introduced the Tunisian Technical Agency Telecommunications to combat cybercrimes (*African manager* November 21 2013). Many NGOs and civil rights activists considered the introduction of the The Creation of the Technical Telecommunications Agency as a threat to freedom of expression. When the “the Net Police Has Been Born” cyber-activist Slim Amamou posted in 2014 on Twitter “The Tunisian Prime Minister has just created the Tunisian NSA by decree.” (*Nawaat*, August 4<sup>th</sup> 2014).

## **2.5.0 Guarantees**

The first challenge is how can we model our system on international standards and meanwhile it should take into consideration our local context. For instance in the Universal Declaration of Human Rights Article 19: “Everyone has the right to freedom of opinion and expression; this right includes freedom to hold opinions without interference and to seek, receive and impart information and ideas throughany media and regardless of frontiers” (*Universal Declaration of Human Rights Article 19*).

## **2.5.1 Tunisian Constitution 2014**

### **Article 31**

‘Freedom of opinion, thought, expression, media and publication shall be guaranteed. These freedoms shall not be subject to prior censorship’ ( *Tunisian Constitution 2014*).

### **Article 32**

The State shall guarantee the right to information and the right to access to information. The State seeks to guarantee the right to access to communication networks ( *Tunisian Constitution 2014*).

## **2.5.2 The High Independent Authority for Audiovisuals HAICA**

The High Independent Authority for Audiovisuals HAICA launched in May 2013 can play a major role in media reforms and mainly social media reforms as it has a regulatory, consultative and judicial powers including the ability to approve or reject applications for new operating licenses.

## **II Theoretical framework**

### **2.0 Theoretical framework**

The focus on writer-reader interaction draws on Bakhtin’s dialogism. Like Bakhtin (1981, 1986), White (2000), (2003), (2005), (2008) and White (2010) state that an utterance is not only personal/monoglossic, but also involves other voices. The present dissertation derives its larger theoretical impetus from Bakhtin’s notion of heteroglossia or the presence of other voices in a text.

## **2.1 Engagement in Martin and White (2005)**

Engagement is the fourth axis within the Appraisal framework. The system of engagement is related to those meanings in which the speaker/writer interact with an addressee. The writer tries to present information, description and comments of his personal ideas and tries to present information and comments to external voices. White (2003), White (2000), Martin and White's (2005) and (2010) argue that the interaction is built on the interplay of two discursive voices, monogloss and heterogloss.

## **2.2 Heteroglossia: dialogic contraction and expansion**

White (2003) makes a distinction between the monoglossic utterance, the undialogized bare assertion and the heteroglossic or dialogistic utterance. The stance is defined as heteroglossic when the text recognizes or engages alternative voices (WHITE, 2003, p. 267). Such a meaning could be conveyed by phrases like “perhaps”, “probably”. However, an utterance is defined as undialogic when the information is seen as commonsensical (WHITE, 2003, p. 269).

The engagement system sets up networks of options for modelling the expansion and contraction of heteroglossic space in a text. As Martin and White (2005) articulate, the engagement network covers ‘all those locutions which provide the means for the authorial voice to position itself with respect to, and hence to “engage” with, the other voices and alternative positions construed as being in play in the current communicative context’ (MARTIN and WHITE, 2005, p. 94). The Figure below shows how the engagement framework is subdivided into two major sub-categories: contract and expand. For the former, although it construes dialogic space for other voices, it is directed towards excluding external voices. Contract is classified into two formulations: Disclaim and proclaim. Disclaim is used to refer to previous utterances or some alternative points of view not to valorize them but rather to reject them and depict them as invalid (WHITE, 2011, p. 31). Disclaim consists of two sub-types: Deny and counter. White (2003) defines a case of Proclaim when the writer presents his point of view explicitly. And meanwhile he refutes a contrary position. Proclaim acts to limit the scope of dialogistic alternatives (WHITE 2003, p. 269). He

identifies three sub-types of proclamation: concur, pronounce and endorse.

For the latter, expand opens up the space for alternative voices. The proposition is shown to be “contingent” and associated with an individualized point of view. It consists of two sub-categories: entertain and attribute. For entertain, the concept is defined as the grammatical constructs employed to show that there is no unique authorial voice in an utterance or text. But rather the given information or comment should be seen as one alternative among others (WHITE, 2011, p. 30). Attribute disassociates the information from the text’s internal authorial voice. It attributes it to the external voice (MARTIN and WHITE, 2005, p. 111). Attribute includes two sub-systems: acknowledge and Distance.

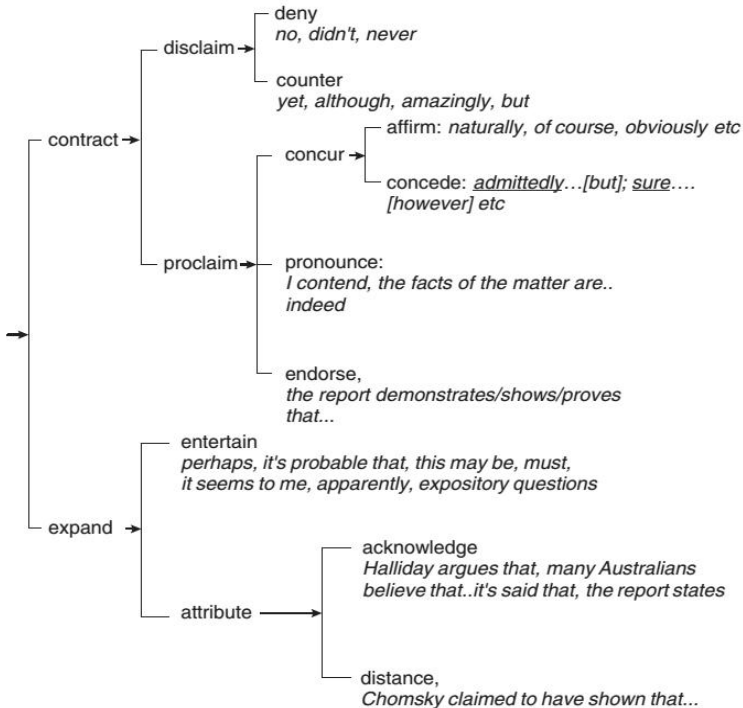


Figure 3.4 The engagement system

Source: Adopted from Martin & White (2005, p. 117)

The engagement framework seems to be an appropriate analytical tool to evaluate language in *Nawaat*. It enables us to investigate whether the authorial voice is involved or detached from the given information.

### III Methodology

#### 3.0 Methodology

The present work employs both quantitative and qualitative analysis of the *corpora*.

To confirm the efficiency of the use of the quantitative analysis in the political discourse, Triki and Baklouti (2002) argue that:

any linguistic unit can be divided into smaller units. A text can be divided into paragraphs, a paragraph into sentences, a sentence into clauses, a clause into phrases, a phrase into words, a word into syllables and a syllable into letters [...] or into sounds [...]. These units can be counted and any text can be translated into a set of quantitative data that can be submitted to statistical tests (TRIKI and BAKLOUTI, 2002, p. 37).

The *corpus* of the present study consists of a corpora made up of articles from Nawaat downloaded from the internet.

#### 3.1 Procedures

The Simple Concordance Program (SCP) is used to count the frequencies of occurrences of engagement contract and expand words. According to Douglas Biber et al (1998), when we study a word, it would be fruitful to consider the different forms of the word collectively. In other words, we need to discuss and measure their frequency as a group. The term “lemma” is used to mean the base form of a word, regardless of the grammatical changes such as tense and plurality (DOUGLAS BIBER *et al.*, 1998, p. 29).

### **3.2 Distribution and function of modals, mental verbs and epithet**

To study the distribution and function of modals, mental verbs and epithet, I analyse their usage in the Nawaat.

### **3.4 Framework**

This work uses Martin and White's Appraisal framework. The first reason that justifies the choice of the system is my adherence to Bakhtin (1982) and Voloninov (1973) notion that all verbal communication is dialogic. In the case of academic writing, there is an evident interplay of discourses in which the author struggles to obtain and maintain room and consensus within the scientific community (HOOD and MARTIN, 2005).

The second reason refers to the highly interactive nature of blogs and their predominantly persuasive communicative goal, by which writers try to persuade readers that they not only present their information, comments, description and their point of views. But they also present external information, comments and pluralist and diverse voices.

## **IV Analysis and Discussion**

### **4.0 The frequency distribution of the engagement Contract and Expand in Nawaat**

The table below describes the frequency distribution of the engagement contract and expand in Nawaat. The engagement contract are the most dominant features in the sample. They are repeated 104 times. However, the engagement expand are less frequent.

**Table 1: Frequency distribution of the engagement expand and contract in Nawaat**

Linguistic Features	Concordance Hits	Percentage
contract	104	54,7
expand	<b>86</b>	45,3
total	<b>190</b>	<b>100</b>

The table 2 shows the frequency distribution of the engagement contract in Nawaat. There are 104 occurrences of Disclaim. Disclaim consists of two sub-categories: deny and counter expectation. Deny/Negations are realized through expressions such as “not”, “fail”, “failure”, “no”, “did not succeed”. Counter are issued by expressions like “but”, “even”, “only”, “still”, “unfortunately” and “just”.

**Table 2: Frequency distribution of the engagement contract in Nawaat**

Linguistic Features	Examples	Concordance Hits	Percentage (%)
Negation	Not, no, fail	56	53,85
Counter	But, yet, even, nly, just	41	39,42
Proclaim:Pronouncement And endorse	Of course, obviously	7	6,73
total	-	104	100

In the example below, the writer presents “the extremists” as responsible for the assassination of the leftist leader Chockri Belaid:

These extremists are the most likely culprits in the murder of this free Muslim citizen whose two young daughters were orphaned

mercilessly. It is not farfetched to argue that whoever committed the murder most likely than not went away hoping the horrendous crime will be counted in his list of good deeds on the side of God” (*Nawaat* 11 February 2013).

The writer presents the reader as a venerable creature who would be easily influenced by the the government “false” vision. The writer is displayed as having a great expertise and he is able to clarify the misunderstanding. Denials play a corrective role rather than confrontational role. In this case, Denials build relationship of solidarity as long as the reader does not resist the proposition (MARTIN and WHITE, 2005, p. 120).

The writer employs the engagement contract via pronouncement formulations. The underlined words are adjuncts “ultimately”, epithet “crucial” and nouns “perpetrators”. They are used against an assumed counter position: “So far there is no progress in the murder investigation. Crucial to embarking on democratic transition and national reconciliation is holding perpetrators accountable for their crimes and ultimately, making justice prevail”. (*Nawaat*, July 31 2013).

These formulations involve authorial emphasis or explicit authorial intervention (Martin and White, 2005, p.127). Pronouncement is dialogic in the sense that the writer acknowledges the presence of the counter position. The accumulation of epithet and adjuncts show that the blogger is aware of the resistance of another third party that may challenge the relationship between the writer and the reader. In contrast, the government states that there is a real progress in the murder investigation. Although the author acknowledges this alternative position, the above mentioned formulations are used to defeat and confront the official statement. The purpose here is to reduce the dialogic space (MARTIN and WHITE, 2005, p. 127).

#### **4.1 Frequency of the engagement expand in Nawaat**

The concept entertain is defined as the grammatical constructs employed to show that there is no unique authorial voice in an

utterance or text. A given information is “one of a number of possible alternative position” (WHITE, 2011, p. 30). Entertain is realized through mental processes like “we believe”, “I know” and the use of ‘deontic’ modality. The example below shows the frequency distribution of the engagement expand in Nawaat. There are 72 occurrences of entertain. The projection of the external voice/Attribution is less frequent in the corpus. Only 14 occurrences of attribute.

**Table 3: Frequency distribution of the engagement expand in Nawaat**

Linguistic features	Examples	Concordance Hits	Percentage
Entertain	Will, would, must,may, might, can, probably, perhaps	72	83,72
Attribute	argue, iew, said	14	16,28
Total	—	86	100

Formulations of entertain are realized through mental verbs like ‘he knows’ and the conjunction ‘or’:

Since then, I have constantly asked myself: What did he want to tell me? Was it to warn me that he knew something was going to happen or was it just to talk to me?” Zouheir El Hamdi’s eyes were foggy with tears. He was one of Mohamed Brahmi’s best friends” (*Nawaat*, July-31, 2013).

The writer presents the proposition as one possibility among others. ‘or’ conveys a message of uncertainty on the part of the writer. Table 3 shows the occurrences of attribute realized via the verb “heard” and the reporting verb “told”:

“The moment we heard the gunshots, I left the house and saw my husband in a pool of blood. There was one person on a motorcycle. Another, on foot, got on behind him. They took flight while I was

trying to tend to my husband.” The body of Mohamed Brahmi was riddled with bullets” (*Nawaat* July 31 2013).

There are two sub-categories within attribution: acknowledge and distance. They are realized through the reporting verbs: announce, say, report, believe and think. In the example below, the writer dissociates the proposition from the internal authorial voice (Martin and White, 2005, 112). The writer quoted Belaid’s wife to recount what had happened during the day of the assassination: “I am not ready to attend the circus today,” he told his wife. She recounts as she lifted herself. These were the hard, but typical, words of a deputy who was not afraid to speak his mind” (*Nawaat* July 31 2013).

Acknowledgements are dialogic since the writer associates the information presented with voices which are external to the text and present the individual voice as engaging interactively with other voices (MARTIN and WHITE, 2005, p. 112).

## V Voices in Nawaat

### 5.1 Self-representation VS external representation

Bakhtin 1986 defines self-representation and external representation as:

Our speech, that is, all our utterances (including creative works), is filled with other words, varying degrees of otherness or varying degrees of “our-own-ness”, varying degrees of awareness and detachment. These words of others carry with them their own expression, their own evaluative tone, which we assimilate, rework and re-accentuate (BAKHTIN, 1986, 89 in SHAW, 2010, p. 4).

Within the engagement framework, White (2002) two major categories of resources: ‘intra-vocalisation’ and ‘extra-vocalisation’. For the former, they are realized through resources of “modality, proclaims and disclaims”. For the latter, it consists of resources in the text that include external resources.

For Vygotsky (1986), inner speech could be defined on an elementary level as “speech for oneself” while “external speech is speech for others” (VYGOTSKY, 1986, p. 225).

This section studies voice in *Nawaat*. It investigates the interplay of the “self” and “otherness” in the coverage of the political assassinations in 2013. During the rule of the Troika: a coalition between an Islamist party and two secular parties, two assassinations occurred. The question is to unveil signs of involvement and engagement or detachment in *Nawaat*.

### 5.1.2 The “Self” as a commentator

The writer uses the engagement contract, realized through Disclaim to convey a negative emotion on the part of the authorial voice. He displays a high degree of commitment to unveil the puzzle of the assassination of Belaid:

For “*awaiting a conclusive investigation into the murder*” does not mean the cancellation of an obvious truth. The murder of Leftist activist Chokri Belaid cannot come from the opposition parties to the current rulers, or opponents of the ideology called ‘Political Islam’, or even enemies of the dogma of puritan ignorant Kharajites (*Nawaat* 11, February 2013).

The writer presents his argument as unproblematic and could be treated as “taken-for-granted” information realized through the monoglossia of ‘epithet “obvious”’. The use of formulation of concur which openly announces the addresser is agreeing with a projected partner (Martin and White 2005, p.122). The addresser and the addressee are presented in a completely alignment. Thus such agreement should be considered as taken for granted. Such formulations “obvious” and of course” are also considered as dialogic in the sense they present the writer in ‘dialogue’ with the reader in general.

The reader is invited to take a negative view of “the political Islam”, although he uses distance formulation “called”. Writer and

reader are construed as standing together against what he called “the political Islam”

### 5.1.3 The “self” as a reporter

The writer employs the engagement expand via attribute formulations to present external voices: ‘Aguilli’ and “Ali Laarayedh”: Taieb Aguilli, the president of the ‘Search for Truth on Assassination of Chokri Belaid Initiative,’ said on radio that Prime Minister Ali Laarayedh blatantly ignored the threat and destroyed the document following the assassination. (*Nawaat* 20 September 2013)

The writer promotes a heteroglossic perspective by introducing different voices. Aguilli accuses the Prime Minister of being complicit in the assassination of Brahmi. The use of acknowledgements allow the writer to remain “aloof” from any relationship of alignment or disalignment. But Later, the writer shows overtly his alignment with Aguilli and disalignment with the Prime Minister via the use of monoglossic word “blatantly”.

## Conclusion

The Engagement framework, a sub-category of the Appraisal framework, enables us to unveil the linguistic choices used by writers in *Nawaat* to construe the “dialogic environment”. One of the key findings is that the engagement contract are the dominant features in its coverage of the political assassinations. Although writers present other external voices, they display their information and description as ‘unproblematic’. Writers tend to align with the putative reader to reveal the puzzle of the political assassinations. Writers attempt to bring readers into discourse to engage them and anticipate possible resistance.

This analysis displays a high frequency of Disclaim which consists of two sub-categories: deny and counter expectation. Occurrences of proclaim (endorsement, pronouncement and concur) in the corpora are less frequent. These formulations involve authorial emphasis or explicit authorial intervention. Although the author acknowledges this alternative position, such formulations are used to

defeat and confront the official statement. The purpose here is to reduce the dialogic space. For the engagement expand, the sub-category entertain is the most dominant feature. Only few occurrences of attribute in the corpus.

Voice is also a question of concern in this paper. It investigates the interplay of the “self” and “otherness” in the coverage of the political assassinations. We have many formulations of entertain, proclaims and disclaims that show the writer inner voice is referred to explicitly. But few occurrences of attribute that show the writers disassociate themselves from the inner voice and stand ‘neutral’. The use of acknowledgements allow the writer to remain “aloof” from any relationship of alignment or disalignment.

Bakhtin’s ideas have been adopted not just to the literary studies, but also in philosophy, in cultural studies and media studies. Engagement is concerned with writer/reader positioning in terms of the interrelated notions of heteroglossia. the heterogloss-monogloss distinction attends to whether the proposition is represented as indialogised, or whether it asserts a proposition as ‘fact’ and undialogised.

Young bloggers who see themselves as disregarded and under-represented in the mainstream media, regard social media as a space to present their own ideas, information and description of the political assassinations. *Nawaat* seems to be a space for young activists to address questions of civil liberty, corruption and regional inequality and resist the anti-terrorism law.

The challenge is how writers in *Nawaat* could write in an impartial style that at once preserve their individuality and at the same time identifies them as members of the academic community (journalism). But, these young writers still need training and financial assistance. The government should give more power to the National Union of Tunisian Journalists and the High Independent Authority of Audiovisual Communication (HAICA), to protect Tunisian journalists and bring to justice those who violate their rights.

## References

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **The dialogic imagination: four essays** by Mikhail Mikhailovich Bakhtin. Austin: University of Texas Press, 1981.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problems of Dostoevsky's poetics**. Minneapolis: University of Minnesota Press (C. Emerson, Trans.), 1984.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Speech genres and other late essays**. Austin: University of Texas Press (V.W. Mc Gee, Trans.), 1986.
- BIBER, Douglas; FINEGAN, Edward. Styles of stance in English: lexical and grammatical marking of evidentiality and affect. **Text 9** (1), 93-124, 1989.
- CONSTITUTION OF THE TUNISIAN REPUBLIC. Unofficial Translation by the Jasmine Foundation. Final edition 26 January 2014. Available in: <[http://www.jasmine-foundation.org/doc/unofficial\\_english\\_translation\\_of\\_tunisian\\_constitution\\_final\\_ed.pdf](http://www.jasmine-foundation.org/doc/unofficial_english_translation_of_tunisian_constitution_final_ed.pdf)>. Accessed on Jun. 30, 2016.
- EL-ISSAWI, Fatima. **Tunisian media in transition**. Washington, Carnegie Endowment for International Peace [2012]. Available in: <<http://www.lse.ac.uk/media@lse/Polis/Files/Tunisian-Media.pdf>>. Accessed on Jun. 30, 2016.
- FARMANFARMAIAN, Roxane. Media in political transition, focus on Tunisia. **The Journal of North African Studies**. v.19, Issue 5, 2014.
- HONWANA, Alacinda. **The time of youth: work, social change, and politic in Africa**. Kumarian Press. Boulder and London, 2012.

HOOD, Susan; MARTIN, James Robert. Invocación de actitudes: El juego de la gradación de la valoración en el discurso. **Signos**, 38 (58), 195-220, 2005.

HUMAN RIGHTS WATCH. **Tunisia 's repressive laws**: the reform agenda [2011]. New York, HRW. Available in: <<https://www.hrw.org/sites/default/files/reports/tunisia1111webwcover.pdf>>. Accessed on Jun. 30, 2016.

HUNSTON, Susan; THOMPSON, Geoff. **Evaluation in text**: authorial stance and the construction of discourse. New York: Oxford University Press, 2000.

HYLAND, Ken. **Metadiscourse**: Exploring Interaction in Writing. London: Continuum, 2005.

LOTAN, Gilad *et al.* The Revolutions Were Tweeted: Information Flows During the 2011 Tunisian and Egyptian Revolutions. **International Journal of Communication** 5, 1375-1405, 2011.

MARTIN, James Robert and WHITE Peter. **The Language of Evaluation**: Appraisal in English. New York: Palgrave Macmillan, 2005.

MARTIN, James. Evolving systemic functional linguistics: beyond the clause. [2014]. **Functional Linguistics a Springer**. 1: 3. Spring Open. Available in: <<http://www.functionallinguistics.com/content/1/1/3>>. Accessed on Jun. 30, 2016.

NAWAAT. Tunisia uphold rights while fighting terrorism. **Nawaat** . 28 April 2016. Available in: <<http://nawaat.org/portail/2016/04/28/tunisia-uphold-rights-while-fighting-terrorism/>>. Accessed on Jun. 30, 2016.

SWALES, John. (1990). **Genre Analysis**: English in academic and research settings. Cambridge : Cambridge University Press.

TRIKI, M. ; BAKLOUTI, A. (2002). **Fundamentals for a course on the pragmatics of discourse**. Faculty of Letters and Humanities, Sfax.

TUNIS. Création de l'Agence technique des télécommunications. **Africanmanager**, November, 21- 2013. Available in: <<http://africanmanager.com/tunis-creation-de-l-agence-technique-des-telecommunications/>>. Accessed on Jun. 30, 2016.

TUNISIA. **New Draft 'anti-terrorism' law will further undermine human rights** (Amnesty International EU Office, September 30 2003). Available in:<<https://www.amnesty.org/download/.../mde300212003en>>. Accessed on Jun. 30, 2016.

VYGOTSKY, Lev. **Thought and Language**. Massachusetts Institute of Technology: London, 1986.

WEBB, Edward. **Media in Egypt and Tunisia**. From control to transition? New York: Palgrave and Macmillan, 2014.

WHITE, Peter R. R. Media objectivity and the rhetoric of news story structure in *Discourse and Community: doing Functional Linguistics*. VENTOLA, E. (ed). **Language in Performance**. v. 21. Tubingen, Gunter Narr Verlag. p. 379-97, 2000.

WHITE, Peter R. R. Beyond Modality and hedging: a dialogic view of the language. **Walter de Gruyter**. *Text* 23 (2) (2003) p. 259-284, 2003.

WHITE, Peter R. R. 'Praising and blaming, applauding and disparaging – solidarity, audience positioning, and the linguistics of evaluative disposition'. In : ANTOS, G ; VENTOLA, E., (eds). **Handbook of Interpersonal Communication**. Mouton de Gruyter, Berlin & New York: pp 542-567, 2008.

WHITE, Peter R. R. Appraisal. In: ZIENKOWSKI, Jan; OLA Ostman-Jan and VERSCHUEREN, Jef. (ed). **Discursive pragmatics**. John Benjamins Publishing Company: Amsterdam, 2011.

WHITE, Peter, R. R. Appraisal Theory. In : TRACEY, Caren; ILIE, Cornelia and SANDEL, Todd. (Eds.) **The International Encyclopedia of Language and Social Interaction**. Wiley-Blackwell: Hoboken, 2015.

WILLIAMS AND ASSOCIATES. **Survey of Tunisian public opinion**. [2013]. Salem, Massachusetts. IRI&ELKA. Available in: <<http://www.iri.org/sites/default/files/2013%20December%203%20Survey%20of%20Tunisian%20Public%20Opinion,%20October%201-12,%202013.pdf>>. Accessed on Jun. 30, 2016.

*Recebido em: 05 de julho de 2016*

*Aceito em: 25 de julho de 2016*



## HISTÓRIA IMAGINADA, LEMBRANÇA REAL<sup>1</sup>

### IMAGINARY STORY, REAL MEMORY

### HISTORIA IMAGINARIA, MEMORIA REAL

*Flávia Cristina Bandeca BIAZETTO\**

**Resumo:** A proposta deste estudo é analisar comparativamente a maneira como Antônio Lobo Antunes e Mia Couto retratam o contexto de guerra em suas crônicas e como os narradores se valem da imaginação para refugiar-se do conflito. Para isso, enfocamos nossas análises nos textos “No fundo do sofrimento uma janela aberta”, publicado em “Livro de Crônicas” do escritor português e “Pescador na ida, herói na chegada” publicado em “Cronicando”, do autor moçambicano. Ao abordarem episódios relacionados à guerra, eles propõem também uma releitura do processo histórico de seus países e incitam seus leitores à criticidade em relação aos fatos retratados. A partir da articulação entre História e Ficção, os autores explicitam os mecanismos de sustentação da guerra e particularizam os efeitos do conflito nas relações humanas, dando-lhes perspectivas divergentes, notadamente, utópica e melancólica.

**Palavras-chave:** Mia Couto. Antônio Lobo Antunes. Imaginação. História. Crônicas

**Abstract:** This work aims at analyzing comparatively the way how Antônio Lobo Antunes and Mia Couto represent the war in their chronicles and how the storytellers deal with the imagination in order to escape from the conflict. The analysis focuses on the short stories “In the depths of suffering there is an open window”, published in “Chronicles Book” by the Portuguese writer and “Fisher on departure, hero on arrival”, published in the “Chonicling” by the Mozambican author. Approaching facts associated with the war, they also propose a new reading of the historic process, by inciting their readers to have a critical point of view of the depicted conflicts. Starting from de articulation between History and Fiction, the two authors explicit the supporting mechanisms of war and particularize the effects of the conflicts in human relations, by giving them divergent perspectives, more notably utopian and melancholic ones.

**Keywords:** Mia Couto. Antônio Lobo Antunes. Imagination. History. Short story

---

<sup>1</sup> Este artigo é um recorte revisto da nossa dissertação de mestrado intitulada **Histórias de guerra: uma leitura de crônicas de Antônio Lobo Antunes e Mia Couto**, defendida na Universidade de São Paulo, São Paulo, em 2009.

\*Doutoranda da Universidade de São Paulo (USP) e Bolsista CNPq. Contato: fla\_bandeca@yahoo.com.br.

**Resumen:** Esta investigación tiene como objetivo analizar comparativamente la forma como António Lobo Antunes y Mia Couto representan la guerra en sus crónicas y cómo los narradores tratan de la imaginación para escapar de la realidad. El análisis se centra en las narrativas “En el fondo del sufrimiento hay una ventana abierta”, publicado en “Livro de Crônicas” escrito por el autor portugués y “Pescador en la marcha, héroe en la llegada”, publicado en la obra “Cronicando” del mozambiqueño. Los autores proponen una nueva interpretación de la Historia oficial cuando tratan de la guerra en sus narrativas y incitan a los lectores a tener un punto de vista crítico de los conflictos representados. A partir de la articulación entre la historia y la ficción, los dos autores hacen explícitos los mecanismos de sustentación de la guerra y particularizan los efectos de los conflictos en las relaciones humanas, dándoles perspectivas divergentes, más notablemente utópicas y melancólicas.

**Palabras Clave:** Mia Couto. António Lobo Antunes. Imaginación. Historia. Crónica

Esta análise comparativa focaliza as crônicas “No fundo do sofrimento uma janela aberta”, de António Lobo Antunes, publicada em “Livro de Crônicas” e “Pescador na ida, herói na chegada”, de Mia Couto, da coletânea “Cronicando”. As tramas se desenvolvem a partir da experiência da guerra de seus narradores e se aproximam na medida em que a imaginação se torna um refúgio diante da realidade da situação de conflito. Deve-se ressaltar que a temática da guerra é um motivo literário recorrente da produção dos autores estudados. Entretanto, seus textos não se referem ao mesmo momento da historiografia oficial.

Na produção antunina, tanto romanesca quanto cronística, a temática da guerra de Independência entre Portugal e Angola é recorrente. Foram 13 anos de guerra, nos quais os angolanos lutavam pelo fim do colonialismo e por sua independência. Em 1969, Lobo Antunes foi convocado a participar do exército português, partindo para Angola em 6 de janeiro de 1971. Em suas próprias palavras: “Todo mundo ia obrigado [à guerra]. Até os militares do Partido comunista não desertavam. Só desertavam os intelectuais que iam fazer as revoluções nas praças de Paris” (BLANCO, 2005, p. 65)<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Trecho extraído da entrevista de António Lobo Antunes concedida à Maria Luísa Blanco: “Sí, toda la gente iba obligada. Hasta los militantes del Partido comunista no desertaban. Sólo desertaban los intelectuales que iban a hacer las revoluciones en las plazas de París” (BLANCO, 2005, p. 65).

Os textos coutianos têm como eixos temáticos centrais: 1. a busca pela identidade em um país fragmentado pela experiência colonial; 2. a Guerra Civil, que durou 15 anos, teve início dois anos após o final da Guerra de Independência contra Portugal e em seu cerne estava a disputa pelo poder de dois partidos políticos - FRELIMO (Frente de Libertação de Moçambique) e RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana).

Na crônica “No fundo do sofrimento uma janela aberta”, de Lobo Antunes, o narrador nos descreve, de maneira monóloga, dois momentos distintos de sua vida – notadamente a infância e os tempos de guerra. Em ambos os períodos, é criada uma atmosfera de tristeza que o imobiliza de modificar as circunstâncias que lhe desagradam. Suas memórias dos tempos descritos são costuradas, construindo uma narrativa em que há momentos de fusão entre os períodos destacados.

A narrativa se inicia com uma tentativa de reconstrução das memórias de sua infância:

Quando eu tinha treze, catorze, quinze anos e lia todos os livros que me vinham à mão, os livros dos meus pais, os livros que roubava e os livros que podia comprar, voltava não sei porquê, como a língua procura sem descanso o dente que lhe falta, a esses versos franceses que copiara num caderno  
há sempre no fundo do sofrimento uma janela aberta uma janela iluminada  
e fechava o caderno e fumava às escondidas debaixo do limoeiro do quintal (ANTUNES, 2002, p. 283).

Na situação inicial da crônica, as lembranças das leituras da infância são evocadas, mostrando que ler era um hábito que perdurou por anos. A releitura de alguns versos específicos promovia um preenchimento da existência do narrador, como é possível interpretar ao criarmos a imagem da língua que reconhece um vazio na arcada dentária. A ordem de seus pensamentos é quebrada pela menção dos versos relidos que apontam para um estado de sofrimento.

A narrativa prossegue com uma retomada das frases iniciais, reiterando a cena do narrador jovem lendo solitário e sentado a observar a paisagem ao redor de sua casa. Diante da tristeza relatada,

ele se refugia nos versos copiados no seu caderno. Aqui, a descrição melancólica tem seu tom rompido por um comentário:

Quando eu tinha treze, catorze, quinze lia os livros que me vinham à mão e como em casa dos meus pais havia uma coisa essencial e simples que se chama bom gosto não posso devolver a certos palermas os mimos com que me presenteiam por a inveja não ser o meu forte, sobretudo a inveja do que desconheço (ANTUNES, 2002, p. 283).

Neste excerto, há a coexistência de um tom agressivo que irá se acentuar no desenrolar da crônica e de um tom irônico, marca da obra de Lobo Antunes. Ambos confluem para reforçar uma atmosfera de estranhamento à realidade indicada pelo narrador, que reforça a imagem de vazio e de melancolia que está presente no texto. A ironia se torna um recurso que viabiliza indicar que certos sentimentos, no caso a esperança, não foram experimentados pelo narrador, que desqualifica aqueles que a sentiram, chamando-os de “palermas”.

As memórias da infância, especificamente as das horas de sofrimento e as das formas de escape desse sentimento, enlaçam-se com as da guerra por meio da dor:

[...] e a janela do senhor Florindo sapateiro, a repetir os versos sem os compreender dado a ignorar o que a palavra sofrimento significava do mesmo modo que mais tarde, no hospital, via os moribundos contemplarem com espanto as próprias mãos, até que perdi o caderno e me esqueci do poema. Ou melhor julgava tê-lo esquecido, uma vez que me reapareceu em Angola, nas Terras do Fim do Mundo, a dez mil quilômetros de Lisboa e a treze mil de Moscovo (como anunciava uma placa pendurada no arame farpado) no meio da morte, da desolação, da miséria e daquele erro formidável de que o Ernesto Melo Antunes me falou numa carta que a censura militar não abriu (ANTUNES, 2002, p. 283).

Neste fragmento, o narrador estabelece uma comparação entre sua própria incapacidade de perceber os sentimentos de seus pacientes e a de um antigo vizinho que não reconhecia o seu sofrimento, ao escutar a recitação dos versos franceses citados ao longo da crônica. A perda do caderno no qual o poema estava transcrito não só possibilita o

esquecimento dos versos, como também a supressão da materialidade dos sofrimentos da juventude. Apesar do registro do poema não mais existir, o narrador toma consciência de que a tristeza o acompanhava, ao entrar em contato com as mazelas da guerra, que invadem a composição do espaço, não permitindo que o narrador fique alheio ao que o circundava.

Vale destacar que, nesta crônica, assim como no conjunto da obra de Lobo Antunes, há a interferência das vivências do autor. Pode-se traçar um paralelo entre a informação que o cronista nos fornece das distâncias entre Angola, Lisboa e Moscovo com uma carta que enviou a sua ex-esposa, Maria José, no dia 8 de março de 1971:

Minha única e formosa jóia  
Mais um longo, triste e quantíssimo dia sem ti. À entrada de Gago Coutinho há uma placa que diz:  
LISBOA – 9600 km  
MOSCOVO – 13500 km  
que serve para medir a horrível distância que nos separa  
(ANTUNES, 2005, p. 83).

É possível perceber que a experiência do autor na guerra em África acrescenta à sua ficção dados que a enriquecem, permitindo descrições detalhadas sobre o espaço em que viveram os soldados durante os anos de guerra. É fato que a confluência entre realidade e ficção é um aspecto destacável na crônica, mas que apesar de ser próprio deste gênero merece ser enfatizado, especificamente nas narrativas de Lobo Antunes, pois se trata de um ponto recorrente também em seus romances.

A respeito do reaparecimento do sofrimento do narrador, podemos notar que ele se vale dos elementos narrativos para enfatizá-lo, ou seja, descrição do tempo e do espaço traz elementos que reforçam a atmosfera de solidão e de morte.

Reapareceu em Angola, nas Terras do Fim do Mundo, ao escurecer,  
estava eu deitado no meu quarto  
(chamemos-lhe quarto)

Quando, de repente, uma voz de ardina lisboeta desatou a apregoar os jornais da tarde e o pântano de espingardas e caixões em que eu vivia se transformou numa rua da Baixa (ANTUNES, 2002, 283).

Na penumbra do anoitecer, o narrador deitado, ou seja, em uma situação de relaxamento/ descanso, ouve uma voz com sotaque familiar, nomeadamente de Lisboa, e é capaz de reavivar os espaços de sua infância, transformando os elementos que presentificam a guerra em sua vida, a saber, espingardas e caixões. É interessante perceber que a reconstrução do espaço da infância se dá quase como um transe, na escuridão de seu “quarto” e no repouso. Na sequência, há a comparação da divulgação da revista “Eva do Natal”, em solo angolano, com a venda de copos e velas durante as procissões de sua infância, em Portugal.

Em meio as suas memórias, o narrador se perde nos diferentes momentos de sua vida, ora percebe-se como uma criança integrante a um coro, ora algum indício da realidade da guerra o faz ter consciência do local em que se encontra. Esse movimento entre o passado recente e o remoto é rompido pela citação dos versos lembrados “há sempre no fundo do sofrimento uma janela aberta uma janela iluminada” (ANTUNES, 2002, p. 284).

O narrador se foca nos tempos de guerra, sintetizando sua rotina e confessando como amenizava seu padecimento:

Nas alturas mais difíceis de África em que tudo se embrulhava cá dentro, sem lágrimas para doer mais, depois das minas, das emboscadas, dos rapazes sem pernas, da comida atirada em caixotes pelo avião que não podia aterrar e que a gente disputava aos cães, chamava o soldadito para trás do paiol, para trás do que restava das colunas do chefe de posto [...]

pedia-lhe

- Os jornais pá. (ANTUNES, 2002, p. 284).

Tanto em sua infância, quanto durante a guerra, em momentos de amargura, o narrador se ampara na leitura. Enquanto era criança buscava os livros, já como um soldado adulto buscava os jornais, em ambas as situações, o mundo das palavras remediava o real.

Aproximando mais uma vez as experiências pessoais do cronista com sua ficção, podemos ressaltar a leitura de periódicos como um tema recorrente nas correspondências de Lobo Antunes com Maria José, nas quais declara que são as revistas e jornais enviados pela família que o ajudavam a aguentar sua estadia em Angola.

A imaginação como refúgio também aparece nas intervenções feitas pelo narrador ao longo da crônica, pois é por meio delas que ele pondera seus comentários e descrições, explicitando a realidade:

[...] de repente a minha cidade na areia do fim do mundo, em Angola, cheguei à porta do quarto  
(chamemos quarto a uma barraca, eu chamava lhe de quarto para fingir que o tinha). (ANTUNES, 2002, p. 284).

Fingir e imaginar permitem a reinvenção da realidade e, também, tornam-se recursos que possibilitam a resistência à situação de guerra, visto que a fuga do real permite que o narrador tenha uma visão crítica e lúcida do conflito, na medida em que o protege da violência ao seu redor e, quiçá, da loucura.

No desfecho da crônica, o emaranhado das memórias se mantém, intensificando o jogo de vai e vem entre a infância no quintal da casa de seus pais e o anoitecer na guerra:

[...] atravessava um pedaço de noite e entrava na sala  
(chamemos sala a tijolos e a capim seco)  
onde os alferes jogavam as cartas numa mesa de tábuas de barrica, estendia-me numa cadeira também de tábuas de barrica e não havia guerra, não havia feridos, não havia tiros, havia um menino do coro, de calderinha de água –benta a descer para Sé, feliz, entre anjinhos de asas bafientas e velhotas em lágrimas (ANTUNES, 2002, p. 284).

A crônica termina no mesmo momento temporal que se inicia – a infância. Contudo, a imagem que temos não é mais a do narrador solitário e sim dele entre outros meninos do coro. É possível inferir que se trata de um delírio e não de uma lembrança, tanto pela ambientação quanto pela coerência com as imagens que reiteram a solidão na infância. A presença do sofrimento se materializa por meio das

lágrimas das velhas, espectadoras de uma procissão na qual a felicidade e o sofrimento estão presentes, metaforizando a vida.

A fabulação como um recurso de sobrevivência à guerra é também uma estratégia presente na crônica coutiana aqui analisada. Em síntese, “Pescador na ida, herói na chegada” aborda um cenário de guerra, no qual o narrador descreve sua viagem entre o continente e a ilha e, também, o resgate de um suposto pescador perdido em alto mar. A ênfase é colocada na história de vida de tal pescador, que revelará sua condição de fugitivo de guerra.

A narrativa se inicia envolvida por um clima de paz e sossego, em que o narrador descreve sua admiração pela natureza e os pensamentos que as águas do mar lhe provocavam:

Entre a ilha e o continente eu seguia de viagem. Sobre as ondas, minhas lembranças se soltavam, circulagando. A água onduliscava ao de leve, a espuma salpingando os passageiros.  
(COUTO, 1993, p. 187).

Neste fragmento é notável uma criação vocabular que destaca a atmosfera de quietude, tranquilidade e harmonia entre homem e natureza, dando ao texto uma poeticidade e um tom de leveza. Essa leitura pode ser feita por meio dos neologismos como “onduliscava” e “circulagando”. Como significado do primeiro, pode-se criar a ideia de que as ondas tocavam de leve a embarcação como se a beliscassem, estabelecendo assim um contato direto entre os tripulantes e a natureza. Já o do segundo, é possível entender que as lembranças do narrador circulam até se misturar com as águas.

A ambientação de calma é rompida quando o barco em que se encontrava o narrador depara-se com uma jangada isolada no mar:

Foi quando se escutou o alarme. A uma distância ilegível, um barco gaivoteava, sem modos de ter rumo. Dentro um homem acenava um pano vermelho, reclamando socorros. Por certo, era um pescador. A sua embarcação dançaricava: o mar lhe dava ondapés, raivecido. Aproximarejamos.  
(COUTO, 1993, p. 187).

O som de alerta quebra a calma do cenário, que passa a ser descrito, mostrando, em certa medida, uma hostilidade e inquietação da natureza. O tom da narrativa passa a ser mais agitado, reproduzindo a perturbação da natureza e do provável pescador. Isso pode ser percebido por neologismo como “ondapés”, que cria a imagem de que o mar chutava o barco encontrado pelo narrador.

A aproximação entre as tripulações das duas embarcações é feita por meio do seguinte diálogo:

- Há algum problema amigo?

O pescador respondeu:

- É a ventania que não funciona.

Houve quem risse no convés e ele, acreditando estar em erro de explicação, rectificou:

- É o vento que hoje não fornece bem.

(COUTO, 1993, p. 187, grifos do autor).

Percebemos, por meio do excerto, que há um desentendimento entre o suposto pescador e os outros navegantes, provocado por visões de mundo diferentes em relação ao acontecimento. Na fala do homem encontrado em alto mar, é possível interpretar uma maneira de apreender a realidade na qual há uma mistura entre tradicionalismo e modernidade. A possibilidade de tal interpretação se dá por meio da construção sintática e lexical, com que o pescador responde. Ao analisarmos sua fala, podemos notar que, em um primeiro momento, ele atribui à ventania - um elemento da natureza - uma ação, o ato de *funcionar*, que seria próprio de máquinas ou qualquer outro item relacionado à mecânica. Posteriormente, após pessoas rirem no convés, o pescador corrige a interlocução, novamente utilizando um verbo que semanticamente está ligado à produção - *fornecer*.

Essas possibilidades de interpretação somadas à ênfase dada aos fenômenos naturais – notadamente a ventania e o vento - permitem ratificar a ideia de coexistência entre tradição e modernidade. Isso porque ao mesmo tempo em que o pescador destaca elementos naturais, ele cria a imagem de uma interferência de um sistema de produção sobre a natureza.

O narrador segue nos contando sobre os seus primeiros contatos com o pescador, destacando a desconfiança deste homem em relação a sua ajuda:

Estendi-lhe o braço para que transferisse para o nosso barco. Aceitou com reserva. Não esperava tanta deferência era um homem habituado a si mesmo. Simpatia demasiada seria para ele motivo de desconfio. Não levei a mal aquela sua quase recusa.  
(COUTO, 1993, p. 188).

A princípio, o narrador compreende os receios do pescador sobre a aproximação e respeita sua postura de manter certa distância. À medida que o narrador o observa, começa a perceber indícios de que algo é estranho na postura de tal pescador:

O pescador sentou-se a meu lado. Tirou de seu bolso a mais idosa beata que vi em minha vida. Acendeu-a e meteu a parte acesa dentro da boca. Fumava às avessas, engolindo o fumo à moda dos candeeiros. [...] via-se que era um homem capaz de paciências compridas. Mas o corpo, de músculo sucessivo, estava tenso. De manso, lhe pedi um pedaço de sua história. Então, ele se contou.  
(COUTO, 1993, p. 188).

A maneira “às avessas” que o pescador fumava chama a atenção do narrador, que passa a se atentar para cada detalhe daquele homem. Não era só o fato de engolir o fumo, ação que é destacada na cena, mas também a contradição entre sua imagem pacata e a tensão expressada pelo seu corpo. A descrição da cena em que o pescador fuma dá indícios de que sua história vai além de complicações para velejar seu barco.

Há na narrativa um ponto de virada em relação aos fatos relatados. Em um primeiro momento, o narrador é uma testemunha dos ocorridos, passando a ser um reprodutor da fala do pescador, como aponta o fragmento: “Então, ele se contou”. O narrador reproduz a seguinte história:

Era um fugitivo da guerra. Os bandidos queimaram-lhe a casa em Machangulo e ele saiu com a família para a ilha. Mas, na aflição,

deixara todas suas coisas no continente. Apertada pela fome, a família decidiu que ele arriscasse caminho e tentasse reaver algumas comidas que haviam deixado na machamba.  
(COUTO, 1993, p. 188).

Em uma tentativa desesperada, o sobrevivente da guerra decide retornar à sua casa em busca de comida. No entanto, nada consegue obter para saciar sua fome e de sua família, pois a correnteza o empurrava para outro lado. Reproduzindo sua fala que revela: “Só ainda levo mais fome, desses dias que não comi” (COUTO, 1993, p. 189).

Ao compartilhar seus problemas e amargura com o narrador, o sobrevivente da guerra permite uma aproximação entre eles, criando uma relativa cumplicidade. Essa postura fica evidente no texto não só pelo tom da narrativa, mas também por uma fusão entre as vozes do pescador e do narrador, como mostra esta passagem da crônica aqui estudada: “Como explicar à família que só o vento tinha culpas? Com o estômago roído, como que estava, não acreditariam em história”. (COUTO, 1993, p. 189). O enlaçamento das vozes mimetiza a autoria coletiva, marca da tradição oral, na medida em que os textos são passados de uma geração, sem atribuição a um autor individual.

Logo em seguida, o narrador muda novamente o tom da narrativa e continua a nos contar o desfecho da história do pescador, descrevendo o desembarque e a espera dos familiares na praia:

Na maioria eram mulheres, envoltas em capulanas, nesse jeito antigo de esperar. O pescador, excitado, apontou:  
- *Olha, é a minha família, essa.*  
Disse-o com desespero, como se fosse aguardado por hienas.  
(COUTO, 1993, p. 189).

Nesse fragmento, o narrador reitera a ideia da sobrevivência da tradição expressada no vestuário, no modo de esperar e, também, na importância familiar. Deve-se ressaltar que em África tradicional prevalece o conceito de família estendida – um sistema ampliado de parentesco, que é composto não apenas por pai, mãe e irmão, mas também por etnia e grupo.

Mais adiante no texto, o narrador afirma:

Tentei adivinhar os sentimentos dos seus. Mas, em chegando perto, fui vendo que aquelas mulheres choravam. Mal que o pescador pisou a praia firme, vários braços se consolaram no abraço do regresso. (COUTO, 1993, p. 189).

A descrição da recepção do pescador nos revela uma compaixão e uma preocupação de sua família, contrapondo com seu desespero, evidente na declaração feita ao avistá-los na praia de que preferia à morte.

Em meio à emoção do reencontro o pescador é questionado por um tio: “-Nós ouvimos que você foi lá e os bandidos lhe atacaram. Foi por isso você desconsigui de trazer as coisas. É verdade, não é?” (COUTO, 1993, p. 189). Esta pergunta inesperada e construída de tal forma que espera uma afirmação leva o pescador a hesitar em sua resposta, mas a dúvida desaparece com a cumplicidade do narrador que o incentiva a concordar com este equívoco:

O pescador, admirado, hesitou em responder. Os olhos gaguejavam no fundo do rosto. Fitou-me, como se buscasse auxílio. Eu, sem dar despacho à voz acenei afirmativamente. O pescador abriu um alívio [...]. (COUTO, 1993, p. 189).

Estabelece-se um vínculo forte de cumplicidade entre o fugitivo de guerra e o narrador, pois este último apoia ao primeiro a reinventar sua trajetória em busca de resgatar alguma comida para si e para sua família. Nesta crônica, notamos que o narrador constrói uma atmosfera que a permite recontar a história sobre as guerras em Moçambique, dando uma perspectiva diferente da exposta pela história oficial.

Segundo Maria Nazareth Fonseca e Maria Zilda Cury,

[...] os textos de Mia Couto inserem-se tanto na releitura da história como na ficcionalização da condição do homem contemporâneo. Muitas vezes, o escritor parte de fatos históricos, de acontecimentos “reais”, para neles inserir voz que a história reprimiu, para reler os acontecimentos reinventando seu contexto, envolvendo-os com uma

aura de fantasia, hipertrofiando o real ao atravessá-lo pelas visões míticas que marcam seu projeto literário (FONSECA; CURY, 2008, p. 84).

À luz deste fragmento, é possível interpretarmos uma tentativa do autor de utilizar sua produção literária com o intuito de colocar ao centro de suas narrativas personagens que a história oficial marginalizou. Em suas crônicas, Mia Couto destaca histórias ficcionais que abrangem a realidade social de personagens que representam uma camada social composta por pessoas simples e que sofreram as mazelas históricas, mas que tentam, diariamente, reconstruir um novo rumo para a sociedade moçambicana.

Sobre este aspecto, nota-se na crônica aqui estudada a presença de um narrador cuidadoso com os fatos históricos narrados, não só pôr colocar em evidência personagens marginalizados, mas também pelo respeito ao elaborar uma história e tentar manter uma fidelidade quanto às origens dos fatos. Para isso, o narrador se vale de recursos que diferenciam fatos por ele presenciados de outros que ele reproduz. Assim, esta crônica se torna um espaço democrático em que personagens das variadas camadas sociais moçambicanas têm voz para contar suas próprias histórias e, também, permite uma relação horizontalizada, em certa medida, entre aqueles que viveram a situação de guerra e se sensibilizaram com suas vítimas.

O narrador de “Pescador na ida, herói na chegada” se mostra consciente diante da reinvenção da história, como ele afirma na seguinte passagem: “Assim, me tornava eu cúmplice daquele herói de inventada batalha”. Ao legitimar em sua ficção de forma simbólica a possibilidade de inventar a História, o cronista reforça um dos papéis da literatura, o de transcender a realidade.

Nos textos analisados, percebemos como ponto de tensão das histórias a necessidade de superação de uma crise, seja inerente ao âmbito social, seja ao individual, oriunda do contexto de guerra. A solução encontrada pelos narradores para transpor o impasse retratado é muito similar: a imaginação.

No texto antunino, o narrador se refugia tanto em um passado remoto quanto em um próximo, em suas leituras de revistas, de poemas ou de romances. A ficção ameniza o estado de sofrimento descrito e

permite-lhe sentir um fio de esperança. Contudo, o narrador não reage contra seus sentimentos e nem tenta desvelar o motivo que lhe provoca a dor; ele se resigna diante de seu padecimento e se isola da realidade, por meio do mundo ficcional das letras.

Na obra estudada de Mia Couto, o narrador aposta em uma reconstrução da história, apontando a possibilidade de criar uma nova, em que a brutalidade da guerra seja excedida. Para isso, ele mostra, por meio da relação narrador-fugitivo, que a solidariedade é um dos alicerces que permite a concretização dos esforços de superar as dificuldades de sobrevivência durante um período de conflito armado.

Essas ideias são reforçadas pelas imagens finais criadas nas narrativas comparadas, pois em “No fundo do sofrimento uma janela aberta” seu desfecho sugere um tempo presente sem expectativas. Isso pode ser inferido por meio da cena inicial e final do texto que descrevem situações similares, em que o sofrimento é enfatizado. O narrador retrata o estado de dor como um ciclo fechado e que improvavelmente será superado, apontando assim para uma falta de esperança de que seu futuro seja mais promissor e para sua sina de um constante sofrer.

Já em “Pescador na ida, herói na chegada”, a cena inicial mostra uma integração entre o meio e o narrador. Essa ordem retratada é quebrada com o resgate do possível pescador, que reflete em seu naufrágio um conflito entre o meio e o homem; assim, o naufrágio serve como elemento desestabilizador da tranquilidade aparente descrita no começo da crônica. A agitação em alto mar será superada quando o fugitivo chegar à terra firme, encontrar sua família e, com a cumplicidade do narrador, recriar suas peripécias. Assim, emblematicamente, se encerra um ciclo em que as mazelas da guerra são notáveis e se inicia outro — no âmbito da fantasia do pescador — que possivelmente seja marcado por glórias e pela superação dos obstáculos vividos.

As crônicas analisadas suscitam a reflexão sobre as diferentes formas que o gênero pode ser configurado. Se atentarmos para o texto de Lobo Antunes, notaremos um acentuado tom memorialístico, no qual o passado do narrador nos é apresentado a partir de sua perspectiva atual. Assim, ele se constrói como um sujeito histórico que

existe no espaço textual e que expressa, por meio de sua narrativa, seus sentimentos e ideias.

Na obra do moçambicano, as crônicas literárias<sup>3</sup> se estruturam de maneira semelhante a pequenos contos, sendo o desenvolvimento do enredo feito a partir dos elementos narrativos, que algumas vezes são omitidos nas crônicas antuninas. As lembranças na produção cronística de Mia Couto são trampolins para o narrador discorrer sobre o assunto efetivamente elegido. A característica de possuir um tema aparentemente descontraído, mas que na realidade serve de mola propulsora para uma reflexão histórico-social, é um dos pontos marcantes do gênero crônica.

Diante desta breve explanação sobre a presença das memórias nas narrativas comparadas, podemos inferir que em ambas as recordações são elementos centrais, por meio dos quais se desenvolverá as crônicas. Em Lobo Antunes, elas são individuais e servem para expurgar as inquietações do narrador. Além disso, podemos atribuir-lhes o papel de elo entre o passado e o presente de quem nos narra, dando ao texto uma fluidez ímpar que se assemelha ao fluxo de pensamento.

Em Mia Couto, as recordações são coletivas, ou seja, compartilhadas entre o narrador e as personagens, sendo, desta maneira, um recurso que busca dar visibilidade a outros ângulos da história nacional e recriar a atmosfera da tradição oral. Segundo Maria Nazareth Fonseca e Maria Zilda Cury, o escritor moçambicano “tece um ‘outro real’, criando uma brecha não para a volta do que ‘já aconteceu’, mas para uma possibilidade em aberto daquilo que “poderia ter sido”, assumindo a literatura um lugar de contradição e de crises do discurso” (FONSECA; CURY, 2008, p. 41). História e ficção são pontos fulcrais que percorrem toda a obra coutiana e, em um exercício de desconstrução e construção delas, o autor explicita suas marcas fluídas. Esse traço é reforçado pelos espaços descritos em seus textos, nos quais há a descrição predominante de uma terra arruinada pela guerra e de um tempo

---

<sup>3</sup> É válido ressaltar que Mia Couto possui uma produção de crônicas jornalísticas, a qual se deu o nome de textos de opinião.

fragmentado. Nesta crônica, notamos que o elemento que serve de unificador dos fragmentos espaciais e temporais é a água. A ligação proposta por Mia Couto se dá por meio de uma fluidez do componente escolhido, possibilitando-nos interpretar como uma tentativa de enfatizar o movimento do ciclo da vida e de suas inconcretudes.

A maneira como os narradores se apropriam do espaço ficcional para resolução de crises e como encaram o deslocamento temporal confirmam suas posturas diante do contexto retratado. Em Lobo Antunes, o narrador melancólico se desloca entre passado e presente, por meio de uma trama cíclica e construída por elipses e por truncamentos, e sem nos dar indícios de um futuro diferente, mostrando que a falta de perspectivas. Já em Mia Couto, o narrador se desloca por entre as águas e permite-se fazer travessias entre passado, presente e futuro e os recria, tanto pelas imagens quanto pelos neologismos, em uma tentativa de transpor a realidade que o incomoda.

Diante das explicações feitas, pode-se inferir que apesar das crônicas terem perspectivas narrativas divergentes, elas recriam as guerras que marcaram o continente africano. Os autores trazem ao centro das histórias protagonistas que incitam, nos leitores, ao desencadeamento de um processo reflexivo que permite a humanização das cenas de guerra. Apesar da semelhança no projeto ideológico dos cronistas, seus projetos estéticos valem-se de recursos literários distintos.

## Referências

ANTUNES, Maria José Lobo; ANTUNES, Joana. **D'este viver aqui neste papel descripto**. Cartas de guerra. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005.

ANTUNES, António Lobo. **Livro de crónicas**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2002.

BLAZETTO, Flávia Cristina Bandeca. **Histórias de guerra: uma leitura de crônicas de Antônio Lobo Antunes e Mia Couto**. 2009. 133 fls. Dissertação (Mestrado em Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

BLANCO, Maria Luísa. **Conversaciones com António Lobo Antunes**. Madrid: Siruela, 2001.

COUTO, Mia. **Cronicando**. Lisboa: Caminho, 1991.

FONSECA, Maria Nazareth Soares; CURY, Maria Zilda Ferreira. **Mia Couto: espaços ficcionais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

*Recebido em: 25 de maio de 2016*

*Aceito em: 30 de junho de 2016*



**A AUSÊNCIA DE UM DISCURSO AMOROSO NAS  
LITERATURAS AFRICANAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: O  
CASO NOÉMIA DE SOUSA**

**THE ABSENCE OF A LOVING SPEECH IN AFRICAN  
LITERATURES IN PORTUGUESE: THE CASE NOÉMIA DE SOUSA**

**LA AUSENCIA DE UN DISCURSO AMOROSO EN LAS  
LITERATURAS AFRICANAS EN LENGUA PORTUGUESA: EL  
CASO NOÉMIA DE SOUSA**

*Roseleine Vitor BONINI\**

**Resumo:** Partindo do pressuposto de que existe uma ausência do discurso amoroso nas literaturas africanas de língua portuguesa, esse texto tem por objetivo refletir sobre quais os aspectos que estariam relacionados com essa não-presença. Para tanto, resolvemos investigar a obra da escritora moçambicana Noémia de Sousa (1926 – 2002) e utilizamos como suporte teórico a obra “Fragmentos de um Discurso Amoroso” (1977), de Roland Barthes. Para a consecução do objetivo, apontamos para o contexto de guerra de libertação, que talvez sugerisse para os autores engajados do período que aquele não seria o momento mais adequado para se proferir uma fala sobre o amor.

**Palavras-chave:** Noémia de Sousa. Moçambique. Discurso amoroso.

**Abstract:** Assuming that there is an absence of love discourse in African literatures in Portuguese, this paper aims to reflect on which aspects are related to this non-presence. Therefore, we decided to investigate the work of the Mozambican writer Noemia de Sousa (1926 - 2002) and used as theoretical support the work “Fragments of a Loving Speech” (1977), by Roland Barthes. To achieve the goal, we point to the liberation war context, which may suggest to the authors engaged that the period would not be the right time to give a speech about love.

**Keywords:** Noémia de Sousa. Mozambique. Loving speech.

**Resumen:** Suponiendo que hay una ausencia de amor en el discurso en las literaturas africanas de lengua portuguesa, este trabajo tiene como objetivo reflexionar sobre qué aspectos se relacionan con esta falta de presencia. Por lo tanto, decidimos investigar la

---

\* Mestra pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade de São Paulo (USP), na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa. Contato: [roseleinevitorbonini@gmail.com](mailto:roseleinevitorbonini@gmail.com).

obra del escritor mozambiqueño Noémia de Sousa (1926 - 2002) y se utiliza como soporte teórico la obra “Fragmentos de um Discurso Amoroso” (1977), de Roland Barthes. Para lograr el objetivo, señalamos para el contexto guerra de liberación, lo que puede sugerir para los autores que se dedicaran en ese período que ese no sería el momento adecuado para dar un discurso sobre el amor.

**Palabras clave:** Noémia de Sousa. Mozambique. Discurso amoroso.

Fazendo um percurso literário através de obras que ajudaram na formação de um imaginário amoroso ocidental e pensando se esse discurso amoroso sofreu transformação ao longo do tempo, chegamos à conclusão que este discurso pouco se modificou, consagrando enunciados e formas que perduram até hoje. Na literatura, que possui o poder de proporcionar outros saberes de mundo e assim o faz em vários sentidos, o discurso amoroso aparece cristalizado.

Porém, nas literaturas africanas de língua portuguesa, notamos não uma modificação deste discurso, mas sim uma ausência, com raríssimas exceções situadas na literatura mais contemporânea. Esse fenômeno, no mínimo curioso, merece ser desdobrado em algumas questões, como pensar com que processos poderia estar relacionados essa não-presença do discurso amoroso.

Roland Barthes em *Fragmentos de um Discurso Amoroso* (1977), fala sobre o que ele chama de “extrema solidão” do discurso amoroso na modernidade em relação a outras formas de discurso. “Trata-se de um discurso proferido por quase todos mas sustentado por ninguém” (BARTHES, 1977) e que não interessa em nenhuma medida ao campo da ciência ou da linguística. É através de recortes de várias obras que o autor fala sobre caminhos possíveis do discurso amoroso, dando suporte à sua hipótese de que o discurso é constituído de fragmentos de um todo. O discurso amoroso surge como discurso cortado de toda ligação com outros discursos, e muitas vezes, até com o real. Dessa forma, é possível suspeitar que a ausência do discurso amoroso nas literaturas africanas de língua portuguesa esteja relacionada com essa falta de contato com a realidade, no caso, com o contexto histórico de guerra de libertação. Vejamos como essa ausência se dá na obra da moçambicana Noémia de Sousa. Para tanto, contextualizemos historicamente o período em que a poeta produziu seus textos.

Carolina Noémia Abranches de Sousa (1926-2002) viveu numa situação histórica de profundas transformações sociais e políticas, não só em Moçambique, como em toda a África e, em maior ou menor grau, em todo o mundo. Em sua obra, Noémia de Sousa tem um projeto literário que se alia a suas militâncias preocupadas em evidenciar o lugar que o negro ocupa no mundo.

Os problemas econômicos mundiais desse período desestabilizaram as políticas tendo como uma das consequências a facilitação de ascensão de governos fascistas em todo o mundo. As nações colonizadoras, numa tentativa de enfrentar a crise econômica, intensificam políticas de extração de riquezas do território africano. Entretanto, empregam uma humilhação e crueldade na realização de seus projetos, que dispõem sentimentos de resistência ao colonialismo em diversos países da África, que desembocaria na guerra de independência de várias colônias. Movimentos mundiais de fundamentação e valorização da identidade negra e africana, como o pan-africanismo e a Negritude, colaboravam na construção de uma identidade nacional nos países africanos, aumentando a resistência. Os movimentos pró-independência que surgiram nas colônias portuguesas, foram duramente reprimidos pela ditadura salazarista. Nesse contexto de luta de libertação, a construção de uma identidade nacional para os países africanos passava necessariamente por uma negação do repertório cultural europeu e a busca de uma outra forma de dizer. Em Moçambique, a luta de libertação também foi travada no campo ideológico, tendo como suporte a arte. Nesse contexto, Noémia de Sousa fez parte de grupos intelectuais de influência marxista que, através de sua arte, pretenderam influir no mundo à sua volta, transformando-o.

O panorama da educação moçambicana, no início do século XX é marcado por um reduzido número de escolas com a maioria da população analfabeta; as escolas, em geral, eram destinadas aos homens, havendo nítidas diferenciações entre os sexos, as etnias, as raças e as divisões entre as classes, causando desigualdade acirrada em termos de oportunidade educacional. Em Moçambique, o fato de as mulheres deixarem muito cedo a escola, devido a diversos fatores como maternidade ou casamentos precoces, compromete a sua presença especialmente nas instituições de formação de professores,

quer como estudante, quer como formadora ou gestora (PEREIRA, 2010, p. 95).

Nesse contexto, Noémia de Sousa é apresentada como uma exceção, uma evidência da presença da mulher negra no surgimento da literatura moçambicana. Foi alfabetizada aos quatro anos pelo pai, que convivia com personalidades animadas por ideias de progresso. Cresceu na cidade, escreveu desde criança jornais com seus irmãos e aos 16 anos começou a fazer o curso de comércio (SAÚTE, 2001, p. 12).

Os poemas de Noémia de Sousa, foram publicados em jornais e reunidos em livro em 2001. A coletânea *Sangue Negro* é composta por 47 poemas organizados em seis sessões: *Nossa Voz*; *Biografia*; *Munhuana*; *Livro de João*; *Sangue Negro*; *Dispersos*. Os poemas, carregados do sentimento de resistência ao colonialismo, foram arranjados nessas sessões de acordo com a temática e não na ordem em que foram publicados nos jornais, porém, estão todos datados, o que permite uma pesquisa partindo da ordem de publicação. O eu-lírico clama por mobilizar a outras vozes (o que caracteriza o eu-lírico expandido dos poemas de Noémia), por meio de um discurso de combate social, denunciador da precariedade socioeconômico e da exploração colonial.

Depois de uma leitura atenta dos poemas, optamos por pensar o poema “Poema para um amor futuro”, que talvez seja o que mais se aproxima, como o próprio nome sugere, de um poema que fale sobre o amor. Esse poema foi colocado na segunda sessão *biografia*, mas foi publicado depois de 34<sup>1</sup> outros poemas, bombásticos para a época, construídos com uma linguagem poética de protesto e de caráter de denúncia.

Depois de tantos poemas engajados, esse é o primeiro e o único poema que carrega a palavra “amor” no título e o único momento que a autora fala sobre a relação amorosa entre duas pessoas. Parece a resposta a um possível questionamento sobre a decisão de não escrever poemas de amor. Nota-se um reconhecimento da existência de

---

<sup>1</sup> Noémia publicou somente 47 poemas em toda a vida, sendo que 45 entre 1948 e 1951.

um discurso amoroso, idealizado, porém constata-se a impossibilidade da prática do dizer esse amor.

Vejamos o poema:

### **POEMA PARA UM AMOR FUTURO**

Um dia

- não sei quando nem onde -

Das névoas cinzentas do futuro,

Ele surgirá, envolto em mistério e magia

- o homem que eu amarei.

Não será herói de livro de fantasia,

Príncipe russo

Actor de cinema

Ou milionário com saldo no Banco.

Não.

O homem que eu amarei

Será tal qual eu, no fundo.

Suas mãos, como as minhas,

Estarão calejadas do dia a dia

E seus olhos terão reflexos de aço

Como os meus.

Sua alma será irmã minha

Com a mesma angústia e o mesmo amor,

Com o mesmo frio ódio e a mesma esperança.

E do seu pescoço estará suspenso, como do meu,

O marfim do mesmo amuleto.

Ah, ele será humano, como eu,

e da mesma seiva generosa.

Completamente humano e verdadeiro

- que só assim eu o poderei amar.

E só será perfeito quanto a nossa condição o permitir,

Para que sajam na vida o que ela nos pedir:

Companheiros,

Juntos na mesma barricada,

Lutando num mesmo ideal.

Ah, sim,

Quando a paz descer sobre o campo de luta,

Poderei enfim  
Dar-me completamente.  
Minha alma, finalmente,  
Poderá encher-se como um búzio, damúsica do luar  
E do murmúrio do mar.  
E meu corpo adubado de ânsias,  
Abrir-se-á à charrua do seu desejo,  
À semente do seu amor.  
Serei então irmã gêmea da Terra,  
Carregando em mim o mistério da vida,  
Machamba aberta à chuva benéfica  
E ao sol fecundo do seu amor.  
E quando em mim se fizer o milagre,  
Quando do meu grito de morte  
Surgir a vitória máxima da vida,]  
Ah, então eu estarei completa.

Mas só depois da paz descer sobre o meu campo de luta,  
Antes disso, não.  
Antes, seremos companheiros da mesma obra,  
Operários construindo o nosso mundo.  
Por isso, amor que não conheço,  
Nada mais me peças enquanto não for terminada a obra.  
Enquanto ela durar,  
Não poderei ser tua completamente,  
Porque me deí, inteira,  
A este sonho que tudo apouca.  
Para ti irão apenas os breves momentos de tréguas,  
O calor que me sobrar da fogueira de todos.

Mas quando da noite desumana  
Surgir a manhã que construímos, lado a lado,  
Quando nossa Mãe África nos estender seus pulsos libertos  
Quando a calma descer sobre a casa que edificamos,  
Então seguiremos, na luz clara desse Sol maravilhoso,  
Nosso destino natural de Homem e Mulher  
E dos seus gritos de morte  
Nossos filhos poderão nascer então,  
Num mundo de justiça.

Para meu amor futuro, que me completará,

Para esse amor distante  
Escrevi este poema.  
Que tu o leias um dia, amor que não conheço,  
Quando me surgires, embrulhado em mistério,  
E minha alma e meu corpo  
Palpitarem de reconhecimento – és tu!  
Que aquele que amarei o leia  
E me leia, neste poema que lhe escrevi.

Neste poema, o eu-lírico admite e reconhece a existência de uma fala sobre o amor, porém assume que existe uma impossibilidade de se proferir esse discurso nesse momento, adiando o surgimento desse dizer para um “futuro” que ainda é envolto em “névoas cinzentas”, ou seja, um futuro onde não se definem contornos ou limites, um futuro incerto.

Podemos pensar que essa incapacidade de enunciação se relaciona ao contexto de guerra, de libertação, que causaram um mal-estar da sociedade colonial não permitindo a presença desse conjunto de enunciados. A poética de Noémia de Sousa e de outros escritores desse período é predominantemente engajada, tratando de questões do coletivo. Não trata de questões subjetivas. As produções desse período, tem como tema exclusivo questões da nação e de valorização da cultura negra. O grupo de intelectuais do qual Noémia faz parte, é um grupo envolvido com a construção de uma identidade nacional e o discurso nacional é um discurso próprio do masculino. Noémia sabe intuitivamente que proferir nesse momento palavras de amor, poderia comprometer a imagem de si mesma diante de seus companheiros de luta e da ideia de nação que se quer construir. Os companheiros deveriam se enxergar como iguais, serem “tal qual eu”, e unidos como “companheiros juntos na mesma barricada, lutando num mesmo ideal”. As temáticas que seriam mais subjetivas foram adiadas para outro momento mais oportuno, talvez quando “nossa Mãe África nos estender seus pulsos libertos”. O que ainda estava muito distante de acontecer, pois a tão ansiada “paz” que deveria “descer sobre o campo de luta”, não veio com a independência e o território de Moçambique se tornou palco de uma violenta guerra civil, adiando ainda mais a possibilidade de emergência de um discurso amoroso.

O eu-lírico dos poemas de Noémia, se recusa a falar de si como o sujeito apaixonado identificado por Barthes. Para Barthes o enamorado é alguém que fala de si, mesmo na presença de um outro (BARTHES, 1977, p. 1). As *figuras* (gestos do apaixonado em ação) contidas em *Fragmentos de um discurso amoroso* não são encontradas na obra de Noémia, nem mesmo no poema que carrega a palavra amor no título.

Noémia, como intelectual do seu tempo e detentora de um saber que não é comum, sabe que não é o momento para falar de amor. Além disso, enunciar um discurso amoroso, significava recorrer as tradições poéticas e culturais ocidentais e metropolitanas. Pois, Segundo Laurent Jenny, os discursos são feitos de vários outros textos anteriores, se cruzando e gerando novos sentidos. É a intertextualidade, fora da qual uma obra se tornaria incompreensível. “Só se apreende o sentido e a estrutura de uma obra literária se a relacionarmos com os seus arquétipos - por sua vez abstraídos de longas séries de textos” (JENNY, 1979, p. 5). Porém, num contexto de guerra de libertação dos países africanos, havia todo um movimento de ruptura com as formas consagradas pela cultura ocidental. E para um outro modo de dizer o amor, nesse momento, não há um repertório que possibilite a similaridade anterior capaz de permitir a enunciação. Noémia parece ter uma percepção intuitiva de que simplesmente ignorar a existência do discurso amoroso não fosse o melhor meio de deslegitimar essa forma. Talvez seria melhor não utilizar-se dessas fontes, de forma consciente, clara, sem deixar de reconhecer a sua existência, porém se recusando a proferi-lo.

Concluindo: Na obra de Noémia de Sousa, em meio a tantos poemas engajados, surge um poema que fala de um amor, mas é um “amor futuro”. Esse discurso não pode ser caracterizado como o discurso amoroso de Barthes. É o momento de outros discursos emergirem com outros espaços. As prioridades nesse momento são outras, relacionadas com a luta de libertação. Adia-se a enunciação desse amor, para quando dize-lo, tentar dizer de outra forma. Esse amor que “não será herói de livro de fantasia, príncipe russo, actor de cinema ou milionário com saldo no banco”, pois ele tem que ser outro. Noémia, demonstra ter a consciência de que um novo discurso, de um novo espaço deve conseguir dizer o amor de uma forma diferente do

discurso imposto pelo colonizador. Pois só assim, só quando se conseguir dizer “eu te amo” de outro modo, se terá conseguido efetivamente a descolonização.

## **Referências**

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. Tradução de Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

JENNY, Laurent. **A estratégia da forma**. In: Intertextualidades. Tradução da revista Poétique número 27. Lisboa: Almedina, 1979.

PEREIRA, Erica Antunes. **De missangas e Catanas: A construção social do sujeito feminino em poemas angolamos, cabo-verdianos, moçambicanos e são-tomenses**. São Paulo: USP, 2010.

SAÚTE, Nelson. Noémia de Sousa: a mãe dos poetas africanos. In: SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. Maputo: AEMO, 2001.

SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. Maputo: AEMO, 2001.

*Recebido em: 31 de maio de 2016*

*Aceito em: 15 de julho de 2016*



## IDENTIFICAÇÃO DE PERFIS LINGÜÍSTICOS NO *FACEBOOK* DURANTE A INVESTIGAÇÃO POLICIAL

### THE IDENTIFICATION OF LINGUISTICS PROFILES ON FACEBOOK DURING THE POLICE INVESTIGATION

### IDENTIFICACIÓN DE LOS PERFILES DE IDIOMAS EN *FACEBOOK* PARA LA INVESTIGACIÓN POLICIAL

Alexandre António *TIMBANE\**

**Resumo:** A linguística é uma ciência importante para a nossa sociedade e pode ser aproveitada nos diversos campos do interesse da nossa sociedade. Sendo assim, a presente pesquisa é uma reflexão sobre a investigação criminal com o uso do *facebook* como ferramenta para a identificação do perfil linguístico dos suspeitos. Segundo Coulthard (1985) a análise do discurso é, sem dúvidas, um meio pelo qual se observa e se analisa a língua com maior incidência na interação conversacional em textos orais e escritos. A pesquisa tem por objetivo (a) discutir os conceitos da oralidade e da escrita em contexto do *facebook*; (b) explicar como o discurso da internet tem características próprias e (c) delimitar as características dos suspeitos investigados com base em exemplos de quatro indivíduos. A pesquisa analisou quatro usuários de *facebook*, todos moçambicanos e observou que a oralidade se mistura no escrito, mas o contrário não ocorre, quer dizer, podemos ver marcas da oralidade num texto escrito, mas no texto oral a escrita não se apresenta de forma evidente. Cada usuário do *facebook* tem o seu estilo conversacional que se demonstra através do léxico, da construção sintática bem como o uso de estrangeirismos e de moçambicanismos. No *facebook*, o respeito pela norma ortográfica tem pouca importância e assim, o uso de abreviaturas, siglas e outros neologismos são aceites pelos usuários. Conclui-se que o *facebook* é um aliado importante que pode ajudar aos policiais na identificação do perfil linguístico dos suspeitos.

**Palavras-chave:** Perfil linguístico. *Facebook*. Investigação Policial.

**Abstract:** Linguistic is an important science to our society and can be availed in various fields of interest of our society. Thus, this research is a reflection on the criminal investigation with the use of Facebook as a tool for identifying the linguistic profile of the suspects. According to Coulthard (1985) discourse analysis is undoubtedly a means by which one observes and analyzes the language with the highest incidence in conversational interaction in oral and written texts. The research

---

\* Pós-Doutor em Linguística Forense, Pós-Doutor em Estudos Ortográficos, Doutor em Linguística e Língua Portuguesa. Professor e Pesquisador Visitante Estrangeiro na Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Contato: alextimbane@gmail.com.

aims to (a) discuss the concepts of orality and writing in the context of Facebook; (b) explain how the discourse of the internet has its own characteristics and (c) delimit the characteristics of investigated suspects based on examples from four individuals. The research analyzed four facebook users, all Mozambicans and observed that orality blends in writing, but the opposite does not occur, ie, we can see marks of orality in written text, but in the oral writing text features is not evident. Each Facebook user has his conversational style that is demonstrated through the lexicon, the syntactic construction and the use of foreign words and mozambicanisms. On Facebook, the respect for standard spelling is minor and therefore the use of abbreviations, acronyms and other neologisms are accepted by users. We conclude that Facebook is an important ally that can assist police in identifying the linguistic profile of suspects.

**Keywords:** Linguistic profile. Facebook. Police Investigation.

**Resumen:** La lingüística es una ciencia importante para nuestra sociedad y puede ser utilizada en diversos campos de interés de nuestra sociedad. Por lo tanto, esta investigación es una reflexión sobre la investigación criminal con el uso de Facebook como una herramienta para identificar el perfil lingüístico de los sospechosos. Según el análisis del discurso Coulthard (1985) es, sin duda, un medio por el cual se observa y analiza el lenguaje con mayor incidencia en la interacción conversacional en textos orales y escritos. La investigación tiene como objetivo (a) discutir los conceptos de la oralidad y la escritura en el contexto de facebook; (b) explicar cómo el discurso de internet tiene sus propias características y (c) para mostrar las características de los sospechosos investigados basado en ejemplos de cuatro individuos. La investigación analizó cuatro usuarios de Facebook, todos mozambiqueños y se observó que la oralidad se mezcla por escrito, pero lo contrario no se produce, es decir, podemos ver las marcas de oralidad en el texto escrito, pero en el texto escrito por vía oral cuenta que no es evidente. Cada usuario del Facebook tiene su estilo de conversación que se demuestra a través del léxico, la construcción sintáctica y el uso de palabras y mozambicanismos extranjeros. En Facebook, el respeto por la norma ortográfica es menor y, por tanto, el uso de abreviaturas, acrónimos y otros neologismos son aceptados por los usuarios. Llegamos a la conclusión de que el Facebook es un aliado importante que puede ayudar a la policía a identificar el perfil lingüístico de los sospechosos.

**Palabras clave:** Perfil lingüístico. Facebook. Investigaciones de la Policía.

## **Introdução**

Desde o surgimento da humanidade a linguagem e a lei sempre estiveram interligados, mas poucos criminalistas deram o seu espaço. Hoje fala-se de Antropologia forense, Psicologia forense, Biologia forense, Sociologia forense, física forense entre muitas outras ciências,

mas a Linguística forense ainda é uma novidade no seio acadêmico em Moçambique e em muitos países. Trabalho relevante e publicado nesse âmbito surge em 1968, com a pesquisa do Professor Jan Svartvik que deu evidências linguísticas num caso judicial que ficou conhecido como “*The Evans Statements: a case for forensic linguistics*”. Este foi o “ponta-pé de saída” (ou melhor, “tiro de meta”, no português brasileiro) de uma ciência, designada **Linguística Forense** ou **Linguagem e Lei** que veio a crescer bastante nos últimos anos. Entendamos por **Linguística Forense (LF)** como uma área da linguística aplicada que se interessa pelo uso de teorias linguísticas em contextos do direito, em situações de investigação criminal, julgamento e processo judicial. A LF é uma ciência que liga a Linguagem e o Direito tentando revelar evidências (linguísticas) em investigações ou em processos judiciais. Os principais interesses dessa disciplina são a atribuição de autoria de textos escritos, na identificação de falantes, na análise de textos ambíguos, nos crimes que são cometidos pela linguagem (calúnia, difamação, ameaças, etc). Nos últimos anos, o crescimento da LF envolve a aplicação de pesquisas linguísticas (análise do discurso, dialetologia, variação linguística, estilística, fonética, morfologia, sintaxe) e temas sociais relacionados com a lei.

Portanto, a busca de provas na investigação criminal não utiliza um só método. Toda a prova, indício, etc precisa ser recolhido e analisado pelos agentes de investigação, por forma a produzir um relatório plausível diante da justiça. A procura de provas para elaboração de um inquérito policial é um caminho tortuoso, espinhoso, árduo que exige várias competências do(s) agente(s) em causa por forma a ultrapassar suas limitações. Um bom investigador quando desenvolve uma investigação não pode a princípio sair com uma só linha de investigação. Deve possuir várias linhas que poderão ser eliminados à medida que a investigação se desenvolve. Na investigação pode se apelar aos recursos tecnológicos do tipo computador (análise linguístico-forense), gravadores (áudio e vídeo), mapas, máquinas fotográficas, máquinas de filmar, telefones, detector de mentiras, de rosto, de impressões digitais entre vários outros.

Estudando casos de investigado na Inglaterra, Coulthard (2002) demonstrou que a polícia precisa (por vezes) gravar certas declarações feitas pelos suspeitos por forma a provar o que foi dito,

porque os policiais são/podem ser acusados de ter fabricado as evidências ou provas de todo tipo. Muitos delegados de polícia e pesquisadores forenses têm utilizados conhecimentos da LF de forma empírica, pois na formação pouco se faz alusão às questões linguístico-teórico e práticos. Hoje é muito frequente o uso de programas computacionais para a produção de provas. Um exemplo atual é o *Facebook* que é um dos meios de interação nas redes sociais e que tem se proliferado nos últimos anos. O *Facebook* pode ser acessado no computador, no telefone, no *tablet*, no *smartphone*, etc. Nele, os intervenientes colocam seus dados pessoais e conversam por escrito. Essas conversas, comentários, críticas ou outras podem ser vistos, acessados por muitos (amigos ou não). Nele se pode encontrar informações pessoais, do grupo de interesse entre outros.

Sendo assim, as anotações ou declarações feitas no *Facebook* podem ajudar a delimitar o comportamento linguístico de suspeito ou acusado e mostrar as evidências num determinado caso. Toda evidência é válida para provar / absorver um suspeito. Não há dúvidas de que o *Facebook* é um grande aliado na investigação criminal em muitos países. No Brasil, vários casos foram solucionados pela polícia utilizando o *Facebook*. Por exemplo,

(ex. 1) O **Jornal UOL**, em São Paulo, de 12/05/2014 anunciou: *Traficante posta foto no facebook com drogas ao lado de viatura e é preso.*

(ex. 2) O site da **Rádio Globo**, Rio de Janeiro de 21/10/2013 anunciou: *Traficante entra na piscina com fuzis e posta foto em rede social.*

(ex. 3) O **Jornal Ibira News Regional**, de 6/12/2012 publicou: *Polícia de Potirendaba utiliza facebook para pegar pedófilo.*

(ex. 4) Em vários canais de TV brasileira se leu: O facebook auxilia na identificação de supeitos de estupro de uma jovem de 16 anos no Rio de Janeiro (30/06/2016)

Estes exemplos mostram que o *Facebook* é um aliado importante para o trabalho investigativo. Hoje, existem muitos pedófilos que usam o *Facebook* para realizar seus crimes. E, se a polícia domina este instrumento pode muito bem desenvolver uma pesquisa mais aprofundada por forma a chegar aos autores (criminosos) e prendê-los rápida e eficientemente. Dados do *site* do *Facebook* apontam que no mundo há mais de um bilhão de usuários,

com uma média de 135 amigos cada um. Isso mostra que quem domina e explora o *Facebook* pode usar os dados e cruzá-los com cerca de milhões de pessoas ao redor do mundo.

Depois desta análise genérica levantam-se as seguintes questões: como se pode delinear o perfil linguístico de um suspeito através do *facebook* e quais as variáveis que podem ser observadas? Levanta-se a hipótese de que cada sujeito tem a sua forma de apresentar o seu discurso, seja de forma oral ou escrita, como é o caso do *facebook*. Se cada um tem o seu traço linguístico próprio, então é possível dizer que esta fala/escrita é/foi do/a fulano/a e não do/a sicrano/a. Daí a intervenção da análise do discurso que tenta compreender as particularidades discursivas de cada indivíduo tendo em conta as variáveis sociolinguísticas, isto porque a estratégia conversacional pode ser evidência criminal na Linguística Forense. (Shuy, 2005).

A pesquisa tem por objetivo (a) discutir os conceitos da oralidade e da escrita em contexto do *Facebook*; (b) explicar como o discurso da internet tem características próprias e (c) delimitar as características dos suspeitos investigados com base em exemplos de quatro internautas. Primeiramente discutimos questões da oralidade e da escrita e a simultaneidade no discurso do *Facebook*. Na verdade, a oralidade se mistura no escrito, mas o contrário não ocorre, quer dizer, podemos ver marcas da oralidade num texto escrito, mas no texto oral a escrita não se apresenta de forma mais aberta. É que na escrita, temos formas gráficas, moções e outros caracteres que não podem ser expressos pela oralidade oral. Mostramos exemplos desse tipo mais adiante. Outro aspecto levantado nesta pesquisa é o fato de que o discurso da *internet* tende a ser específico, ser característico tendo em conta as variáveis sociolinguísticas. Mais adiante se apresentou análise dos dados, sua discussão e termina-se com as considerações finais que resumem a pesquisa. É importante anunciar que a pesquisa é referente ao contexto sociolinguístico moçambicano e no quadro da formação em Ciências Policiais.

## 1 A oralidade e a escrita na *internet*: seus entrelaçamentos

Moçambique é um país africano onde a tradição oral é mais marcante do que a escrita. Entendemos que o processo de passagem de uma sociedade de tradição exclusivamente oral para uma sociedade com uma ou mais variedades linguísticas escritas e com uma escola formal é um processo complexo. É que Moçambique é um país multilíngue onde convivem cerca de vinte línguas bantu, o português, o árabe, o gujarati e o híndi. O contexto sociolinguístico contribui para o insucesso escolar, principalmente nas séries iniciais, numa situação em que o português tem mais vantagem por ser língua oficial, de prestígio e de língua de união.

Segundo dados de Malik (2013), Moçambique está no 185º lugar no *ranking* mundial em desenvolvimento humano com cerca de 56,1% de taxa de analfabetismo de adultos, com uma satisfação de qualidade em 63.3% e com 64.6% de taxa de abandono escolar. Um dos problemas do fraco aproveitamento escolar é o fato de que a criança estuda utilizando uma língua desconhecida. Aliás, está-se numa situação de uma variedade em formação fato que interfere na escrita e na fala dos cidadãos.

Por outro lado, a escrita é adquirida através da educação formal. O acesso às novas tecnologias também está intimamente ligado ao domínio da escrita e ao mesmo tempo do nível de alfabetização. Sendo assim, cidadãos que têm acesso as novas tecnologias são aqueles que pelo menos têm o ensino fundamental, na sua maioria. O acesso à *internet* tem vindo a crescer nos últimos anos, fato que permite os menos escolarizados tenham acesso à esses meios tecnológicos. Aliás, a *internet* não só está no computador, mas também está presente no celular, nos *tablets*, etc. Os principais espaços de interação e de diálogo nas redes sociais são: *orkut*, *facebook*, *twitter*, *google+*, *skype*, *instagram*, *badoo*, *whatsApp*, *ask.fm*, *blogs*, etc.

Esses meios ou formas de comunicação são usados por meio de áudio-vídeo ou simplesmente por mensagens escritas. Para esta pesquisa interessa-nos o texto escrito do *facebook*. Sabendo que um texto escrito é composto por períodos que se desdobram em parágrafos pretende-se analisar como isso se comporta no *facebook* em particular. Num parágrafo composto por um ou mais parágrafos as ideias se

entrelaçam tecendo um conjunto de ideias que relacionadas entre si trazendo uma organização lógica do assunto tratado. Esta sequência não possui um formato padrão, o que significa que depende do estilo e do gênero textual em questão.

Segundo Favero, Andrade e Aquino (2000, p. 29) a “construção de um parágrafo bem estruturado exige que este apresente unidade, coerência, concisão e clareza, visto que não há possibilidade de participação direta e imediata do interlocutor, como ocorre no texto oral”. Os textos do *Facebook* não seguem esta proposta acima apresentada porque os interlocutores se sentem mais próximos e com consequência, estão comunicando face a face. As redes sociais são um espaço aberto, sem avaliação da escrita, o que significa que poucos se preocupam em escrever corretamente as frases, razão pela qual se usa marcas discursivas da oralidade com mais frequência. Para além de siglas, acrônimos e abreviaturas também se usam ícones especiais presentes em cada rede social. Por exemplo, usa-se ☺ para dizer que está feliz e 🎵 para dizer que está escutando música.

O destinatário das mensagens pode ser um indivíduo (conhecido ou não), para um grupo de pessoas ou ainda para um número indeterminado de pessoas (internautas no geral). É por isso que o *Facebook* possui três opções para determinar quem deve ver a imagem/informação ou recado: As três opções são: “público”, “amigos” e “somente eu”.

O internetês ou *netspeak* tem características que se aproximam mais da oralidade do que da escrita. Tal como Vanoye (1987), Favero, Andrade e Aquino (2000) e Marcuschi (2012) mostram, a fala exige uma interação presencial face a face, embora acreditamos que possa ser a distância (como é o caso de telefone, *skype*) ou em tempo disperso (como é o caso de recado gravado no telefone ou celular). Na fala há um planejamento simultâneo, sem condições de consulta e com impossibilidade de apagamento. Predomina a reformulação e o texto oral mostra todo seu **processo de criação**. Entendemos como processo de criação as hesitações, as pausas, as repetições, os gaguejos, as reformulações e outros que fazem parte da construção do discurso falado.

O internetês, segundo Cristal (2005) e Rajagopalan (2013) confere a uma variedade linguística usada por internautas em suas

comunicações mediadas por computador. Entendemos que o internetês seria a linguagem (geralmente escrita) ou o linguajar característico dos internautas em situação de comunicação em redes sociais onde predomina siglas, acrônimos, abreviações, redução da grafia das palavras, sinais de pontuação e moções etc. Neste tipo de comunicação não se exige a ortografia (no sentido literal), mas se exige a compreensão (decodificação) da informação dada.

É um campo em que a “boa escrita” e a organização textual são menos ou quase nunca exigidos pelo fato de ser mais informal do que formal. O internetês modifica os hábitos de comunicação mais comuns considerados politicamente corretos. É que “os possíveis erros de digitação não levam a concluir, como na escrita convencional, que houve erro e desconhecimento de regras da ortografia. Os textos são produtos da prensa e logo detectados e são passageiros e voláteis” (CARVALHO; KRAMER, 2013, p. 79). É frequente o uso de estrangeirismos e empréstimos linguísticos vindos do inglês, com maior incidência nos termos da informática. Cerca de 67% dos empréstimos do Português de Moçambique provêm da língua inglesa (TIMBANE, 2013).

Chomsky (2009, p. 63) falando sobre “Linguagem e mente” sustenta a ideia de que “a pessoa que adquiriu conhecimento de uma língua interiorizou um sistema de regras que relaciona som e significado de determinada maneira”. Isso é o que se espera dos internautas que se comunicam pelo *facebook*. Mas, o que se verifica na prática é que os internautas criam novos vocábulos (neologismos de todo tipo), criam grafias específicas, introduzem novas abreviaturas com intuito de economizar o espaço, o tempo da escrita. Surge, o que Stubbs (1989, p. 33-35) designa por “conversação natural”. Nesta comunicação não há planejamento (tal como acontece em outros gêneros textuais escritos), não há tempo para correções ortográficas e gramaticais, de sentido, ou melhor, não há revisão do texto antes do envio. O que importa é a comunicação, porque como se sabe “a língua sempre ocorre num contexto, a língua é sensível no contexto, a língua é sempre comunicativa e a língua é designada para a comunicação” (SCHIFFRIN, 1996, p. 3).

Segundo Cristal (2003, p. 7-8) há cinco tipos principais da língua escrita:

1. **Características gráficas:** a apresentação da língua escrita é definida em termos de fatores tais como, tipografia distintiva, *design* de página, espaçamento, uso de ilustrações e cor e outras formatações. Por exemplo, a variedade de jornal seria identificado principalmente através do uso de manchetes, colunas e legendas.
2. **Características ortográficas (ou grafológica):** o sistema de escrita de uma linguagem individual é definido em termos de fatores como uso distintivo do alfabeto, maiúsculas, ortografia, pontuação, e maneiras de expressar ênfase (itálico, negrito, etc). Para além disso, o tipo de vocabulário utilizado pode ser um a marca individual.
3. **Características gramaticais:** as muitas possibilidades de sintaxe e morfologia, definido em termos de fatores tais como o uso distintivo da estrutura da frase, a ordem das palavras, inflexões da palavra.
4. **Características lexicais:** o vocabulário de uma língua é definida em termos do conjunto de palavras e de expressões idiomáticas dadas no uso distinto dentro de uma variedade. O português de Moçambique, segundo Timbane (2013) tem características lexicais próprias que distingue das outras variedades usadas na Comunidade de Países de Língua Oficial Portuguesa. Por exemplo, as unidades lexicais *lobolar* ou *anelar* (ato de entregar dote), *sograria* (casa dos sogros), *descamisar* (ato de tirar a camisa), *mukhero* (negócio ilícito fronteiriço) *macuaela*, *mapico* (tipos de dança moçambicanas), *deixa-sofrer* (minissaia), *bichar* (fazer fila) ocorrem exclusivamente na variedade do Português de Moçambique.
5. **Características discursivas:** a organização estrutural de um texto é definida em termos de fatores tais como a coerência, a relevância, estrutura de parágrafo, e a progressão lógica das ideias; por exemplo, entre artigo de jornal e um artigo científico de uma revista tipicamente consiste na sua sequência fixa de secções incluindo o resumo, introdução, metodologia, resultados, discussão e conclusão.

Desta forma é importante observar que a escrita exige uma organização, um planeamento fato que não ocorre na oralidade. O diálogo, segundo Mattos (1998, p. 2), “seria, então, uma produção bem pouco ou mesmo nada planejada; além do mais, tenderia a explicitar os procedimentos envolvidos em sua formação a fim de facilitar a compreensão e garantir a compreensão e garantir a interação comunicativa.” Nessa comunicação existe uma auto-regulação, o que

significa que é o próprio ato de conversar que vai provocar um certo tipo de conversa. O Quadro 1 ilustra como a dimensão escrita e fala se relacionam ou se distinguem.

**Quadro 1:** Dimensões da língua falada e escrita

Dimensões	Ocorrendo naturalmente	Planejado
Língua oral / Ex. conversação diária	+	-
Língua escrita / Ex. artigo do jornal	+	+
Dados introspectivos	-	+

**Fonte:** Traduzido e adaptado de Stubbs (1989, p. 34)

É importante sublinhar que a ideia de Stubbs (1989) é válida em textos monitorados, ou melhor, planejados como é o caso de teses, dissertações, artigos de jornal e científicos, cartas, etc. Na linguagem do *Facebook*, o que acontece é simplesmente uma transposição do oral para o escrito. Talvez possamos definir como a oralização na escrita. Desta forma, a oralidade e a escrita na *internet* se entrelaçam na comunicação dos internautas. Há momentos em que não se percebe os seus limites, isto porque, a oralidade está presente na forma escrita. Em outras palavras, pretendemos dizer que há uma tendência de apresentar traços na oralidade na escrita internáutica.

Com relação aos sistemas de escrita, é preciso sempre partir da idéia de que eles foram criados para permitir a leitura. Todas as outras funções e usos são derivados daquela idéia inicial e fundamental. Ora, se o sistema de escrita permite a leitura, ele é uma representação da linguagem oral e só faz sentido se associado à linguagem oral; não é uma linguagem independente, não vale por si. A escrita é uma representação direta do pensamento, porque este só existe na linguagem oral (CAGLIARI, 2009, p. 18).

Já que a escrita é uma representação do pensamento, os internautas vão exprimindo o seu pensamento nas redes sociais sem mesmo padronizar a escrita das abreviaturas, siglas e ícones utilizados. Não se pode negar que há um esforço empreendido pelo leitor dessas

mensagens, recados, etc para a sua compreensão. Às vezes a compreensão se limita ao contexto do diálogo e não pela sequência lógica do texto escrito.

## **2 O discurso da *internet* e suas complexidades**

O discurso da internet apresenta características próprias e se distingue de outros gêneros textuais, o que significa que a passagem de um discurso para o outro é acompanhado de uma mudança dentro da estrutura e é o funcionamento do grupo que gera esses discursos. (MAINGUENEAU, 1984). É na linguagem em situação que pessoas estabelecem relações de comunicativas. Segundo Vanoye (1987), a situação de comunicação reflete-se na forma e no conteúdo da mensagem. Sendo assim, o diálogo escrito repete um discurso real ou representado como real e suas características exigem recursos, procedimentos especiais, imagens e ícones, etc. O importante a remarcar é que

o texto forma uma rede em várias dimensões e se dá como um complexo processo de mapeamento cognitivo de fatores a serem considerados na sua produção e recepção. O texto não é o resultado automático de uma série finita de passos em que se usaram algumas regras recorrentes observando a boa formação frasal de todas as relações na sequência, ao qual se aplicaria algum componente interpretativo (MARCUSCHI, 2012, p. 30).

Apesar de a linguagem da *internet* ser mais ou menos informal é regido por certas regras discursivas. Por exemplo: há interdição de vocábulos obscenos e palavrões. Segundo Preti, o palavrão tem “parecido a alguns um importante elemento catártico para aliviar a crescente tensão social e, nesse sentido, o vemos extrapolar das chamadas classes baixas para todos os níveis sociais da comunidade” (PRETI, 1982, p. 64). No círculo do *Facebook*, qualquer indivíduo denunciado por conduta irregular pode ser excluído do grupo, dos amigos ou até mesmo pode ser desativado o seu registro/cadastro. Sendo assim, a linguagem grosseira é produto do gosto pelo obsceno, inerente à alma do povo e assim, pode ser uma marca que caracteriza o perfil linguístico do indivíduo. É um dado importante a ser observado e

a ser tido em conta por forma a traçar o perfil linguístico do suspeito, do acusado, do réu etc.

Entendemos que o uso ou não de termos grosseiros e obscenos num elo comunicativo dá informação ou atitude do falante tendo em conta o meio em que vive. Pode-se entender que este não é um fato empírico, porque há obviamente muitos casos de pequenas pausas e sobreposições curtas duma norma orientada para a conversação. Em outras palavras, é uma regra utilizada pelos próprios conversadores. Segundo Dijk

a escrita e a fala parecem desempenhar um papel crucial no exercício do poder. Por isso, o discurso pode exercer poder direta e coercivamente, por meio de atos discursivos diretivos e por meio de modalidades de texto tais como as leis, as regulamentações ou as instruções (DIJK, 2012, p. 84).

O discurso é perigoso, pode incriminar o suspeito se não tiver atenção nos seus argumentos. Identificando as estratégias da conversação Shuy (2002) explica que: a) uma estratégia comum é secreta quando camufla algo ilegal ou importante, fazendo com que pareça legal ou sem importância; b) outra estratégia é o que se chama de princípio da contaminação. Ouvintes posteriores a conversas gravadas podem obter informações gerais e ter ideia geral do que se passou. “A formação discursiva não define somente um universo do sentido próprio, ela define igualmente o seu modo de coexistência com os outros discursos.” (MAINGUENEAU, 1984, p.118).

Mas há também uma outra análise linguística disponível para o advogado de defesa: as estratégias de conversação usadas pelo agente. Uma das coisas que os advogados gostam de fazer é deslocar a questão longe de seu cliente e para o Ministério Público, colocando-os a julgamento em seu lugar (SHUY, 2002). Explicar o significado de uma sentença é dar uma representação abstrata da estrutura semântica dessa sentença, mas também o significado de uma sentença é dar uma representação abstrata de sua estrutura semântica. Segundo Kempson (1980, p. 104) os universais semânticos seguem três componentes essenciais: **(a)** todas as linguagens demandam o mesmo conjunto de componentes semânticos; **(b)** todas as linguagens podem ser descritas por um conjunto universal de componentes semânticos, dos quais cada

linguagem exige um subconjunto e (c) a descrição de todas as linguagens envolve um certo conjunto de componentes semânticos, mas que , além destes, vários outros têm de ser criados para a descrição de linguagens individuais.

### **3 Características linguísticas de sujeitos e as variáveis sociais na investigação policial**

A linguagem é uma atividade de interação social, quer dizer, a linguagem se manifesta através da competência comunicativa, definida como a capacidade de manter a interação social. A língua é indissociável da sua cultura, o que significa que sempre que nos comunicamos manifestamos ao mesmo tempo, a realidade sociocultural da comunidade linguística a que pertencemos. Sendo assim, Labov (2008) define a língua como um fato social, razão pela qual seria injusto estudá-la fora do seu contexto sociocultural. Ao estudarmos o comportamento linguístico do indivíduo pertencente a uma comunidade linguística estamos estudando ao mesmo tempo as manifestações linguísticas dessa mesma comunidade. Temos que compreender as variáveis socioculturais que o falante carrega. Através da fala/escrita podemos perceber qual são as variáveis sociais que carrega: nível de escolaridade, nível social, sexo, idade, profissão, classe social entre outras.

Shuy (2005, p. 13) falando sobre a “a estratégia conversacional usada para criar crimes” mostra que as estratégias conversacionais ocorrem de forma natural em todos falantes. Mas quando estes são observados, gravados, filmados, etc estes podem fazer escolha de estratégias discursivas específicas. Segundo Shuy (2005) se essas estratégias são usadas de forma consciente ou inconsciente, o resultado pode ser chamado de uma estratégia e podem ser identificadas linguisticamente, mas também podem ser padronizados e quando são repetidos.

Quando as estratégias de conversação são identificadas e classificadas, elas têm uma existência que pode ser observada, especialmente em casos criminais em que as estacas de liberdade pessoal são muito elevados. Com isso pretende-se mostrar que a partir da análise discursiva da fala/escrita de um indivíduo é possível traçar

algumas características sociais do indivíduo, o que significa que o policial precisa estar atento, pois existe uma diferença na fala/escrita em situação familiar, profissional e comercial. Na fala/escrita familiar, por exemplo, há muito assentimento, contestação, enumeração e narração e pouca pergunta-resposta; no profissional, há convite, cumprimento, desculpa, comentário, explicação, narração e, no comercial há muito cumprimento, agradecimento, ordem, exclamação, explicação, convite, despedida e risada (MATTOS, 1998, p.44).

#### **4 Características sociais dos internautas**

O *Facebook* apresenta dados importantes sobre os usuários: a data de nascimento, o gênero (masculino/feminino), o interesse (música, filmes, jogos, livros, programas preferidos, tipo de dança, etc), o *status* de relacionamento (estado civil), os idiomas, a religião, a preferência política, as informações sobre contato (nº telefone, email), local de trabalho, local onde estudou, locais onde morou/mora (fornecido pelo sistema), amigos (nº), onde vivem, e a localização exata no mapa *Google* da cidade onde o usuário acessou o *Facebook*.

O *Facebook* fornece informações importantes sobre o investigado. É verdade que nem sempre as informações apresentadas são verdadeiras porque os criminosos da *internet* podem falsificar. Vejamos a seguir, algumas informações que o investigador pode-se valer para traçar o perfil social. Senão vejamos: (a) podemos encontrar o nome completo do usuário da conta; (b) as fotos do perfil, onde se pode reconhecer o rosto do dono da conta, dos seus amigos e familiares; (c) a opção de redes de ajuda, onde se pode ver com quem o usuário compartilhou informações; sexo (d) nome e número de identificação de usuário. Este dado permite que o usuário forneça um link personalizado para a sua linha do tempo ou página, por forma a receber e-mail em seu endereço de e-mail do *Facebook*.

Uma investigação policial constitui um conjunto de peças do jogo “quebra-cabeça” onde é preciso encontrar peças correspondentes espalhadas na mesa. Então, com estes dados em mão, o investigador já tem uma parte do “quebra cabeça” da sua investigação. É claro que a estes dados se acrescentarão muitos outros incluindo a análise discursiva que daremos como exemplo na seção a seguir.

## 5 Metodologia, análise e discussão

Como se viu nos debates acima apresentados, a presença de muitas marcas da oralidade na linguagem das redes sociais vem comprovar o domínio da oralidade sobre a escrita. Daí que a língua falada recorre mais às onomatopeias, às exclamações, as repetições ou ainda frases ou pensamentos inacabados/as (que se manifesta através de reticências).

A pesquisa se baseia na análise das postagens de usuários de *facebook*, escolhidos de forma aleatória no *site*. Sendo assim, selecionamos quatro usuários sendo dois homens e duas mulheres, todos de nacionalidade moçambicana, maiores de idade e tendo aberto a conta do *Facebook* há mais de dois anos. Não separamos pelo nível de escolaridade, nem por local de residência porque achamos irrelevantes. Ao separar as mensagens e postagens organizamos o corpus em formato *Word* onde mantivemos as grafias originais e preservamos a sua identidade dando-lhes um código. A escolha de indivíduos que tenham o *Facebook* há pela menos dois anos se justifica pelo fato de que acreditamos que essas pessoas já têm um domínio suficiente do uso da ferramenta. A garantia de que são maiores de idade e que são moçambicanos se baseia nos dados fornecidos por eles mesmos no cadastro do *site*.

Consideramos a amostra representativa uma vez que o *Facebook* é um espaço aberto para todo mundo e esses casos podem ser encontrados em qualquer internauta no contexto de Moçambique. Preferimos estudar caso de Moçambique porque a Polícia ainda precisa de subsídios teóricos para melhor ser incentivada a pesquisar usando as redes sociais. Nesta pesquisa, usamos o termo “informante” para referir aos indivíduos que serviram de amostra, ou melhor, cujas escritas serviram de objeto de estudo. Desde já passaremos a usar códigos para nos referirmos aos informantes, tal como mostra o Quadro 2:

**Quadro 2:** Variáveis sociais

INFORMANTE	SEXO	IDADE	MORADA (cidade)	ANO DO CADASTRO	ESCOLARIDADE
A	Fem.	23	Xai-Xai	2011	Fundamental
B	Masc.	38	Rio de Janeiro	2009	Superior
C	Fem.	33	Maputo	2010	Médio
D	Masc.	18	Matola	2012	Fundamental

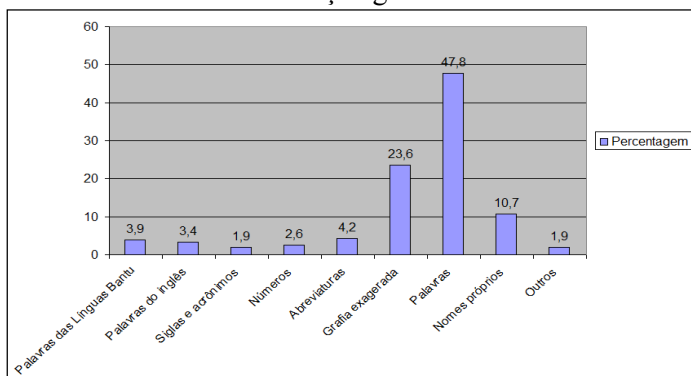
**Fonte:** Elaboração própria

Como se pode ver, todos os informantes têm o cadastro do *Facebook* há mais de dois anos, o significa que eles têm uma experiência no uso do aplicativo. Outro dado importante é a propósito do informante “B” que é moçambicano, mas que mora no Brasil há 2 anos. É interessante como ele apresenta traços característicos do léxico do Português de Moçambique embora esteja fora de Moçambique há mais de dois anos. Os dados coletados são referentes a abril 2013 e até abril 2014. Na apresentação dos dados indicamos o exemplo, com o número da linha da frase, tal como aparece no *corpus* que estudamos. Portanto, as linhas dos números vão de 1 a 614.

Nesta análise discutimos aspetos linguísticos da cada informante de forma separada e posteriormente cruzamos as análises dos diferentes informantes. Este cruzamento permitiu traçar de forma conducente as particularidades linguísticas dos informantes.

O texto final do *corpus* apresenta 8327 itens lexicais que foram distribuídos em 9 itens por forma a detalhar as características linguísticas. Assim, foram demarcados os seguintes itens (a): palavras provenientes das línguas bantu, (b) palavras provenientes do inglês, (c) siglas e acrônimos mais comuns, (d) algarismos arábicos, (e) grafia exagerada que serve para chamar atenção aos leitores, (f) palavras do português com escrita acertada ou não, (g) nomes próprios e (e) outros casos que não se enquadram nos casos citados anteriormente. Os dados se distribuem segundo o Gráfico 1, que se segue:

**Gráfico 1:** Distribuição geral dos fenômenos



**Fonte:** Elaboração própria

No *corpus* geral, a presença dos nomes próprios é constante dado que nos leva a concluir que é os internautas se conhecem e partilham alguns interesses. Esse dado é importante para investigação policial porque podemos ficar sabendo quais ou quem são os amigos que fazem parte do grupo de amigos e provavelmente se saberá quais os temas discutidos nas conversas. Palavras do inglês e de línguas bantu moçambicanas possuem 3,9% e 3,4% respectivamente o que significa que o inglês vem ganhando espaço na comunicação dos internautas. Esse dado comprova estudos que mostram o crescimento dos falantes do inglês impulsionado pelas novas tecnologias.

Os dados gerais mostram cerca de 23,6% de palavras cuja a grafia da palavra está exagerada e que reflete o exagero da voz que é característico da língua oral. É como se fosse um grito ou grito em voz alta. São exemplos de:

(ex. 4) “...voce pah.este Rio não é assim tão graaaaaaaaaaannnnnnnnnde...” (linha 93).

(ex. 5) “...Catia Torres Abu por uns mesinhos chás doces naooooooooooooooooo...”(linha 138).

(ex. 6) “...Tomaaaaaaaaa...(linha 144).

(ex. 7) “...Da muiiiiiiiiito tempooOo...” (linha 267).

Este tipo de grafia serve para dar mais realce ou mesmo para chamar atenção sobre uma unidade lexical mais importante. Neste caso, são as palavras **grande** (ex. 4), **não** (ex. 5), **toma** (ex. 6), **muito** e

**tempo** (ex. 7). Esta característica não ocorre com todos os informantes. Por exemplo, a informante “A” nunca faz alusão a este estilo nos seus textos. A informante “A” é a única que não apresentou nenhum caso de palavras com grafia exagerada, o que significa que pode ser uma pessoa mais pontual se comparação com os outros. Logo, podemos concluir que a informante “A” no seu texto não exagera a escrita para dar realce ao sentido das palavras. Ela não pode ser confundida com os restantes três. Os textos da informante “A” são sucintos, resumidos, sem detalhes se compararmos com a informante “C”, por exemplo.

Outro aspecto que nos chamou atenção é o uso do inglês em suas conversas. No corpus observa-se os seguintes exemplos:

(ex. 8) “...*I can't stop thinking about you...*” (linha 14)

(ex. 9) “... *The thought of your nipples is driving me crazy...*” (linha 18)

(ex. 10) “...*Don't worry i'll be back ...*” (linha 44)

(ex. 11) “...*Who loves never feel afraid to tell his secret who knows if vain hurt...*” (linha 58)

Estes exemplos ocorrem em 43,4% dos textos (da informante “A”), o que significa que ela se comunica com pessoas que falam ou pelos menos conhecem inglês como ela. Uma questão importante a remarcar é as frases são espontâneas, o que significa que ela não colou e copiou, são simplesmente frases elaboradas por ela. Ao dialogar com os outros mostra o domínio do inglês escrito chegando mesmo a descrever fases de uma viagem efetuada em 2013.

A informante “A” demonstra intimidade com os seus “amigos” de tal forma que passa números de telefone celular, de endereço, do local onde mora, do certificado que ganhou no curso e muitos outros detalhes sobre a vida particular dela sem medir as consequências que isso pode acarretar. Esses dados pessoais podem ajudar aos criminosos a se aproximar dela ou ainda, podem a ajudar a polícia a chegar até a ela caso seja procurada pela polícia. Em muitas ocasiões, internautas não têm noção do que é colocar dados pessoais no *Facebook*. Analisando os textos percebe-se o uso recorrente do pronome pessoal “eu” para passar qualquer informação. Os tempos verbais mais usados são o frequentes são o passado, pois a informante tende a relatar o que fez.

O informante “B” tem uma larga experiência no uso do *Facebook*. Contrariamente a informante “A” este usa *Facebook* para divertimento, passa-tempo ou mesmo discutir alguns assuntos da política moçambicana. O informante apresenta de forma aberta os seus sentimentos do tipo riso:

(ex. 12) “...Nada lições da vida somente....kkkkkkkk...” (linha 72).

(ex.13) “...HEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHEHE SHNO  
REALIZADO.....”(linha 224).

(ex.14) “...KAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKAKA  
TRSTIANO E MORTINHO ESTAO MAL PAH....” (linha 276).

Colocamos estas três opções gráficas do riso deste informante para provar que ele tem versatilidade para apresentar o riso. Usa o “k”, por vezes “ka” e ainda o “he” para representar p mesmo sentimento. A tristeza é representada por ícones ou moções nos textos deste falante. Cruzando o informante “B” com a informante “A” nota-se uma diferença considerável, isto porque o “A” não demonstra o seu estado de espírito nos seus textos. Em nenhuma ocasião a informante “A” demonstrou sentimentos do tipo riso, tristeza, etc.

Analisando as mensagens do informante “B” nota-se o uso frequente de letras maiúsculas para mostrar a importância dos assuntos. Nota-se o uso de maiúsculas para marcar o realce e mostrar a relevância da mensagem contida aos seus “amigos”. Mesmo tendo nível de escolaridade superior nenhuma frase apareceu em inglês ou numa língua bantu. Na sua comunicação usa simplesmente o português evitando sempre abreviaturas. Quer dizer, o texto do informante “B” escreve corretamente para os seus “amigos”, tendo cuidado com a acentuação como se pode ver no exemplo 15.

(ex. 15) “...Hoje quero dizer **um um** especial OBRIGADO a duas MAEZONAS. A Augusta da Luz Vitoria, essa MULHER por quem eu tenho orgulho de ser filho, essa MULHER que sempre me protegeu, que não se cansa de ligar para mim só para perguntar as coisas que para mim parecem as **mais mais** banais, mas que deixam sentir que tenho alguém que me ama e que esta comigo incondicionalmente....” (linha 96).

Neste exemplo observa-se o uso das maiúsculas dar ênfase e em alguns casos aparecem repetições de palavras (em negrito) que são falhas normais que ocorrem na escrita. As mensagens postadas por este informante mostram que o seu perfil linguístico condiz com o nível acadêmico dele. Logo, o texto corresponde ao seu nível acadêmico. Um dos problemas que chamam atenção é o fato de não aparecer nenhuma palavra das línguas bantu moçambicanas. Entendemos que e tenha português como sua língua materna, isto porque na maioria dos moçambicanos que têm o português como segunda língua é frequente vermos a interferência das suas línguas maternas. Pesquisas de Timbane (2013) mostraram as interferências constantes das línguas bantu moçambicanas na fala/escrita dos moçambicanos que possuem o português como segunda língua. O informante “B” discute assuntos da:

**(a) Assuntos da política**

(ex. 16) “...Não creio eu que o discurso da Excia Verónica Macamo tenha sido sob orientação do PR. Em hipótese levanto a possibilidade do Presidente da FRELIMO ter dito temos que dar o sangue para recuperar Quelimane. Não acredito que a FIR seja a mando do PR, mas acredito que os comandantes da FIR tenham dito que deviam defender a FRELIMO...” (linhas 187, 188).

**(b) Assuntos familiares**

(ex. 17) “...Te amo minha linda, acordei logo cedo para antes de ir ao colégio puder dizer quanto te amoooo e tou morrendo de saudades...” (linha 229).

**(c) Assuntos sociedade**

(ex. 18) “...Nos dias de hoje, devido ao degradante comportamento que a sociedade opta por trilhar, o CASAMENTO acaba tornando-se num CANSAMENTO...” (linha 218).

**(d) Assuntos acadêmicos**

(ex. 19) “...disse que o conhecia e ela me diz foi meu orientador e lhe devo muito do que sou. Conversamos convidou me para duas palestras e para possível pôs doutoramento na UNB. Porquê devia se ir ao sambódromo nos separamos...” (linhas 132 e 133).

**(e) assuntos de esporte**

(ex. 20) “...AVANTE BARCA... ACHO QUE JA TERMINOU O CAMPEONATO. [...] AGORA ATAQUEMOS A TACA DO REI E POR FIM A LIGA DOS CAMPOES...” (linhas 274 e 275).

Então, os conteúdos das mensagens e postagens do informante “B” de nada indicam um comportamento mau ou duvidoso. Nenhuma expressão de insulto, de calúnia ou de difamação foi evidenciada, o que significa que é um sujeito de bom caráter e de boas relações com os outros. O informante não apresenta nenhum dado pessoal nas suas postagens a ser os dados fornecidos no momento do cadastramento.

Com relação a informante “C” é importante sublinhar que é o mais comunicativo de todos. Escreve muito (misturando abreviaturas, siglas e palavras) e apresenta seus sentimentos ao público. Para além das formas do riso apresentados pelo informante “B” (repetições do “k”, “ka” e ainda o “he”) ela acrescenta as formas “rsrsrssi”, “bwakaka”, “haaaaa” e “ihihihih”. Estas formas tentam passar a oralidade para a escrita. Uma das características linguísticas mais marcantes nos textos é o uso do pronome “tu”. Quase sempre, a informante usa este pronome para conversar com os seus “amigos”. Nota-se a falta de concordância em sete frases, indício do fraco domínio da concordância verbal. Nas mensagens e postagens da informante “B” encontramos um pouco de tudo:

- (a) a escrita correta. (Ex. 21) “...Nem sempre quem cala consente, por vezes o silêncio significa estar cansada de discutir idiotices! ...”(linha 324)
- (b) expressões e frases em inglês. (Ex. 22) “... I am trying, but its not easy...” (linha 309).
- (c) expressões das línguas bantu moçambicanas. (ex. 23a) “...**helêlêlê**...” (linha 410);  
(ex. 23b) “...**Hozaaaaaaa** gosto quando você abre a boca, você diz coisas...” (linha 368).  
(ex. 23c) “...muita carne de cabrito e tomar sumo de **canhú** nessa vida...” (linha 328)
- (d) repetições de ênfase: (ex. 24) “...ufff dizer que mas **euuuuuuuuuu**...” (linha 425)

Ela produz um texto misto que não seguem um só estilo chegando a se confundir com o informante “B” e “A”. Pode-se concluir que a escrita da informante “C” é diversificada e depende do momento. Ela é versátil e pode mudar do seu estilo a cada momento.

O informante “D” não foge à regra dos restantes usuários do *Facebook* embora tenha algumas características específicas do seu perfil. Não coloca nenhuma acentuação nas palavras. Todas as frases as frases produzidas nas mensagens terminam com ponto de exclamação ou com ponto de interrogação. Apresenta erros ortográficos graves mesmo em palavras tão simples. Demonstra deficiência na escrita de palavras. As marcas de oralidade estão presentes por meio de junção de duas ou mais palavras formando uma só. É o caso de:

(ex. 25) “... come malta!...” (linha 604).

(ex. 26) “...mborala...” (linhas 543, 546).

(ex. 27) “...desejovox muita forxa 2014 sucessox na voxax careira! (linha 555).

(ex. 28) “... bom dia mozamigox, tow comexando o dia na companhia d hip-hop TV! (linha 493).

O ex. 25 significa “como é que é malta!” E “malta” significa “galera”, no português do Brasil. É uma expressão usada por jovens, tal como mostram as pesquisas de Timbane (2013). No ex. 26, a palavra significa “vamos embora para lá” também usada por jovens moçambicanos. No ex.27, a frase significa “desejo-vos muita força em 2014, sucessos na vossa carreira”. O importante a observar é a forma verbal “desejo-vos”. No ex. 28, a frase significa “bom dia amigos moçambicanos, estou começando o dia na companhia da televisão Hip-Hop”. Este perfil linguístico do informante “D” não foi observado nos restantes informantes o que significa que é uma característica do grupo social e de amigos a que ele pertence. A ele não pode ser atribuído características linguísticas a não ser do seu grupo sociolinguisticamente definido: jovem, morando na região urbana ou suburbana, gosta de hip-hop, etc.

Nas mensagens do informante “D” registamos neologismos que sustentam a idéia de que os jovens são os mais demonstram a criatividade lexical de qualquer que seja a língua. Senão vejamos, temos casos de **facebookeiros** (linha 531, 534) que significa aqueles que têm *Facebook*; **guiguito** (linhas 484, 486) que significa sexo, **futebóis** (linha 296) que significa dois ou mais jogos que ocorrem em campos diferentes ao mesmo tempo e **mozamigos** (linha 493) que

significa amigos moçambicanos. É um fenômeno frequente nas redes sociais e há vários estudos que mostram a criatividade lexical. Exemplos de Carvalho e Kramer (2013) dão exemplos no contexto da variedade do português brasileiro.

É interessante discutir questões de moçambicanos que são, na verdade mais recorrentes no informante “D”. Entendamos por moçambicanismos como o conjunto de marcas linguístico-discursivas (lexicais, morfológicas, sintáticas, fonéticas etc.) que ocorrem na fala/escrita de moçambicanos e que refletem a realidade sociolinguística local. (Timbane, 2013). As criações lexicais e semânticas que o informante “D” produz ilustram como é a fala da camada juvenil moçambicana. Vejamos alguns exemplos:

(ex. 29) “...Entao hoje em dia si elas acertam um tipo **fixi** e pha for eva!...” (linha 584)

(ex. 30) “...Malta tou cm **bradax** d escola ha batermx umax litex...” (linha 605)

(ex. 31) “...quando xtao cm uma mulher tem muito **filling** pha tirar a roupa...”(linha 584 )

(ex. 32) “...tabus: eu reconhexo **nigas** da money music sao bons bem memo!....”(linha 554)

(ex. 33) “...**djima** mais pra vir lutar comigo!...” (linha 521)

As palavras **fixi** (ex. 29) significa “bom/legal”, **bradax** (ex. 30) significa “amigo/ irmão/ companheiro), **filling** (ex.31) que significa vontade/desejo, **nigas** (ex. 32) que significa “galera” e **djima** (ex.33) que significa “malhar/ fazer ginástica” ocorrem no contexto do Português de Moçambique e ocorre na fala/escrita nos jovens das região urbana e suburbana. É um perfil linguístico característico que não pode ser atribuído ao informante “B”, por exemplo, por que ele não usa esses termos, expressões ou palavras. Pertence a um outro grupo social com perfil linguístico diferente.

Sabe-se que a língua está intimamente ligada à cultura e é impossível dissociar, pois existe uma interdependência entre elas. Desta forma é possível observar traços linguísticos do Português de Moçambique sobretudo ao nível de escolhas lexicais. O léxico é o mais visível na identidade cultural de falantes de uma língua. A escolha de palavras como “fixi”, “bradax”, “nigas”, “djimar” é um indício de que se trata da fala de um Moçambique. É essas palavras são usadas no

contexto de jovens moçambicanos e jamais se pode confundir com jovens brasileiros, por exemplo, pois estes utilizam outro vocabulário. A identificação lexical permite compreender a identidade, a nacionalidade e o grupo social a que pertence o indivíduo. E isso é visível no Facebook desde que o investigador saiba ou conheça esses traços linguísticos.

A presença de empréstimos e estrangeirismos moçambicanos é outro traço linguístico que pode ser observado nos utilizadores do Facebook. O pesquisador que possui conceitos teóricos sobre neologismos, concretamente os neologismos de matriz externa certamente que compreenderá e identificará na escrita dos utilizadores de Facebook. A partir desses dados é possível imputar a pertença linguística ou não de um suspeito que seja objeto de investigação.

## Conclusão

Se a ortografia existe para neutralizar a variação linguística; se os sistemas ideográficos usam a ortografia para neutralizar a atribuição semântica que a escrita representa; se os sistemas fonográficos fazem com que a ortografia neutralize a variação fonética que caracteriza os diferentes dialetos da língua (CAGLIARI, 2009, p. 38-39), então a ortografia do *Facebook* vai no sentido contrário, pois como vimos com base em exemplos, ele cria as suas formas específicas que em muitos casos tentam imitar a linguagem escrita. Nota-se que cada indivíduo tem o seu estilo linguístico que o particulariza. O estilo é resultado da experiência do indivíduo, da sua formação académica, de influências da rede de amigos, no nível social.

O perfil linguístico abrange a gramática (o tipo de formas verbais utilizados, as concordâncias nominais e verbais, etc), o léxico (os estrangeirismos e os empréstimos das línguas bantu e do inglês, do árabe), da semântica (que os valores semânticos dependem variam de cultura para cultura) e porque não da fonética e fonologia que influencia na escrita. É o caso da informante “A” que coloca /x/ em todas as palavras que têm o som [ʃ]. Por exemplo, escreve \*xtou para dizer **estou**; escreve \*parabnx para dizer **parabéns**; \*mexmo para dizer **mesmo**, \*xupar para **chupar**. Outro exemplo é do “que”, “ca” que são substituídos por “k” nas palavras \*pork (porque), \*kem

(quem); \*loku (louco), \*kenti (quente), etc. Esta adoção, ou melhor, adaptação da escrita apareceu com os informantes “A” e “D”. É um traço do perfil linguístico que ocorreu nos dois e talvez seja motivado pelo nível de escolaridade se compararmos com o nível de escolaridade dos informantes “B”, “C”.

Entendamos a análise do discurso como o espaço da constituição de identidade dos sujeitos pertencentes a uma determinada comunidade linguística. É no discurso onde se analisa a argumentação, a mediação e a troca de informação. As marcas de oralidade estão presentes no texto de *Facebook* e elas são diferentes dependendo da idade, da profissão, do nível de escolaridade e do sexo. Stubbs (1989) em seu livro *Discourse analysis: the sociolinguistics analysis of natural language* mostra a importância das variáveis sociais na análise do discurso. O autor aponta a necessidade de se observar as variáveis etnográficas que devem ser cruzadas com as variáveis linguísticas (p.7-9). Todos estes aspetos entram na análise conversacional tanto na conversação oral ou escrita como é o caso do *Facebook*, do *Skype* e outros. Analisando a conversação, Coulthard (1985, p. 59-69) mostrou que o papel do falante e do ouvinte são essenciais no estabelecimento da conversação. Neste caso que estamos falando do escritor e do leitor ocorre a mesma situação. Primeiro, os internautas sabem ou pelo menos imaginam quem será o leitor. Por isso que o informante “B” (da nossa pesquisa) procura escrever corretamente porque deseja passar boa imagem de si ao público, enquanto que o informante “C” usa termos que são compreendidos com facilidade pelo seu grupo de interesse.

Nesta pesquisa tentamos mostrar que a linguística forense é uma ciência que pode ser aproveitada na área policial para o esclarecimento ou investigação criminal. Tentamos mostrar como o conhecimento linguístico pode ajudar na identificação do perfil de suspeitos através do *Facebook*. De maneira alguma dissemos que só o *Facebook* resolve os problemas, mas sim o *Facebook* pode ajudar a reforçar as teses, ou melhor, a linha de investigação que está sendo seguida. O *Facebook*, por ser espaço de conversa, de debates, etc pode ser usado para demonstrar se uma determina determinada carta ou mensagem (no telefone ou na *internet*) pode ser de autoria do sujeito fulano e não sicrano. Defendemos o uso do *Facebook* como ferramenta

importante para a investigação criminal de sujeitos por forma a traçar um perfil linguístico ou psicológico dos sujeitos em causa. Sabe-se que a escrita se processa no cérebro e ninguém pensa igual ao outro. Isso significa que se pode aproveitar o Facebook como aliado importante na identificação do perfil linguístico de suspeitos.

## Referências

CAGLIARI, Luiz Carlos. Aspectos teóricos da ortografia. In: SILVA, Maurício. (org.). **Ortografia da língua portuguesa**: história, discurso, representações. São Paulo: Contexto, 2009. p. 17-52.

CARVALHO, Nelly; KRAMER, Rita. A linguagem no facebook. In SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. (orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 77-92.

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e mente**. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.

COULTHARD, Malcom R. **An introduction to discourse analysis**. London: Longman, 1985.

\_\_\_\_\_. Whose voice is it? invented and concealed dialogue in written records of verbal evidence produced by the police. In COTTERILL, Janet (ed.). **Language in the legal process**. New York: Palgrave, 2002. p. 19-34.

CRISTAL, David. **A revolução da linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

\_\_\_\_\_. **Language and the internet**. Cambridge: CUP, 2003.

DIJK, Teun A. van. **Discurso e poder**. trad. Judith Hoffnagel, Karina Falcone e outros. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FAVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia; AQUINO, Zilda G.O. **Oralidade e escrita**: perspectivas para o ensino de língua materna. São Paulo: Cortez, 2000.

IBIRA NEWS REGIONAL, de 6/12/2012 publica “Polícia de Potirendaba utiliza *facebook* para pegar pedófilo”. Disponível em: <[http://ibiranews.com.br/wa\\_files/Policia\\_20de\\_20Potirendaba\\_20Utiliza\\_20Facebook\\_20para\\_20Pegar\\_20Ped\\_C3\\_B3filo.pdf](http://ibiranews.com.br/wa_files/Policia_20de_20Potirendaba_20Utiliza_20Facebook_20para_20Pegar_20Ped_C3_B3filo.pdf)>. Acesso em: 25 mai 2014.

JORNAL UOL, em São Paulo de 12/05/2014 anunciou “Traficante posta foto no facebook com drogas ao lado de viatura e é preso”. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/redacao/2014/05/12/traficante-posta-foto-no-facebook-com-drogas-ao-lado-de-viatura-e-e-preso.htm>>. Acesso em: 25 mai 2014.

KEMPSON, Ruth. **Teoria semântica**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1980.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso São Paulo: Parábola editorial, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Genèses du discours**. 2. ed. Bruxelles: Pierre Mardaga, 1984.

MALIK, Khalid. **Relatório do Desenvolvimento Humano**. New York: PNUD, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Linguística de texto**: o que é e como se faz. São Paulo: Parábola, 2012.

MATTOS, Maria Augusta Bastos de. **Dispersão e memória no cotidiano**. São Paulo: Fontes, 1998.

PRETI, Dino. **A linguagem proibida**: um estudo sobre a linguagem erótica. São Paulo: T. A. Queiroz, 1982.

RÁDIO GLOBO, Rio de Janeiro de 21/10/2013 anunciou “Traficante entra na piscina com fuzis e posta foto em rede social” disponível em: <<http://radioglobo.globoradio.globo.com/noticias-do-rio-de-janeiro/2013/10/21/TRAFIGANTE-ENTRA-NA-PISCINA-COM-FUZIS-E-POSTA-FOTO-EM-REDE-SOCIAL.htm>>. Acesso em: 25 mai. 2014.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. Como o internetês desafia a linguística. In: SHEPHERD, Tânia G.; SALIÉS, Tânia G. (orgs.). **Linguística da internet**. São Paulo: Contexto, 2013.

SCHIFFRIN, Deborah. **Discours markers**. Cambridge: CUP, 1996.

SHUY, Roger. To testify or not to testify? In: COTTERILL, Janet (ed.). **Language in the legal process**. New York: Palgrave, 2002. p. 3-18.

\_\_\_\_\_. **Creating language crimes**: how law enforcement uses (and misuses) language. New York: OUP, 2005.

STUBBS, Michael. **Discourse analysis**: the sociolinguistics analysis of natural language. Oxford: Basil Blackwell, 1989.

TIMBANE, Alexandre António. **A variação e a mudança lexical da língua portuguesa em Moçambique**. 2013. 318 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2013.

VANOYE, Francis. **Usos da linguagem**: problemas e técnicas na produção oral e escrita. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

*Recebido em: 03 de julho de 2016*

*Aceito em: 25 de julho de 2016*

**ESSA TERRA: MITO E TELURISMO NO UNIVERSO  
FICCIONAL DE ANTÔNIO TORRES**

**THIS LAND, MYTH AND TELLURISM IN THE FICTIONAL  
UNIVERSE OF ANTONIO TORRES**

**ESTA TIERRA, EL MITO Y TELURISMO EN EL UNIVERSO  
FICTICIO DE ANTONIO TORRES**

*Roseane Oliveira de Araújo FÉLIX\**  
*João Batista CARDOSO\*\**

**Resumo:** O estudo ora apresentado tematiza a formação, adaptação e transformação da identidade do homem, tornado retirante e forasteiro nas terras para onde vai. O escopo da pesquisa é identificar a importância do telurismo e sua permanência na literatura brasileira; explicitar sua influência na formação de identidades culturais, servindo-nos da obra de Antônio Torres, “Essa Terra” (1988), de modo a explicitar os elementos identitários e culturais decorrentes da relação do personagem com a paisagem, uma paisagem que o exotou lançando-o numa trajetória ininterrupta para o Sul. Como suporte histórico-crítico, empregamos Barroso (2013), Cardoso (2009) Gagnebin (2006), e Bachelard (1989), dentre outros. O *corpus* e o suporte dão azo a que se persigam temas como terra vista como um paraíso, construção de identidades a partir da relação entre homem e espaço e o sujeito e suas formações ideológicas.

**Palavras-chave:** Telurismo. Essa terra. Identidade e sobrevivência.

**Abstract:** the study presented here studies the formation, adaptation and transformation of man identity, turned into migrant and stranger in the land where he/she goes. The scope of the research is therefore identifying the importance of tellurism and its permanence in Brazilian literature; explain its influence on the formation of cultural identities, using Antonio Torres’s work, “This Land” (1988), in order to clarify the identity and cultural elements resulting from the character relationship with the landscape, a landscape that casted him leading him in an uninterrupted path to the south. As historical-critical support, we employ Barroso

---

\* Graduada em Letras Português pela Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Contato: roseane.catalao@gmail.com.

\*\* Pós-doutor com o estudo intitulado “Um mapa da história sobre o mapa da ficção: história e hibridismo cultural na ficção latino-americana”. Pós-doutor com o estudo “História e mito na ficção latino-americana”. Doutor em Literatura. É docente da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, onde atua no Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Contato: jbccard@gmail.com.

(2013), Cardoso (2009) Gagnebin (2006), and Bachelard (1989), among others. The corpus and support give rise to that pursue issues such as land seen as a paradise, construction of identities from the relationship between man and space and the subject and its ideological formations.

**Keywords:** Tellurism. This Earth. Identity and survival.

**Resumen:** El estudio que se presenta ahora tiene como tema la formación, la adaptación y la transformación de la identidad del hombre, y se convirtió en migrante extranjero en la tierra donde va. Por consiguiente, el alcance de la investigación es identificar la importancia del telurismo y su permanencia en la literatura brasileña; explicar su influencia en la formación de las identidades culturales, sirviendo en la obra de Antonio Torres, “Essa Terra” (1988), con el fin de aclarar la identidad y los elementos culturales que resultan de la relación del personaje con el paisaje, un paisaje que echó haciendo un lanzamiento en un camino ininterrumpido hacia el sur. Como soporte histórico-crítico, empleamos Barroso (2013), Cardoso (2009) Gagnebin (2006), y Bachelard (1989), entre otros. El corpus y el apoyo dan lugar que persigan cuestiones tales como la tierra visto como un paraíso, la construcción de las identidades a partir de la relación entre el hombre y el espacio y la materia y sus formaciones ideológicas.

**Palabras clave:** Telurismo. Essa Terra. La identidad y la supervivencia.

Sempre houve em todo o mundo a questão da exploração do homem e da terra. Com o surgimento das novas ideologias do século XIX, abriu-se um campo novo para a arte, o da arte combate, da arte que serve ao mesmo tempo para clamar por um novo estado de coisas; clamar, enfim, por um mundo melhor. Um estudo que enfatiza, no âmbito da literatura, uma questão tornada problema na cena histórica brasileira; isto é, a questão dos retirantes que, saindo do nordeste, buscam uma terra onde possam sobreviver adentra os limites da relação entre ficção e historiografia.

Qualquer discussão sobre a historiografia adentra os limites do conceito de verdade. Esse conceito, no que tange à sua aplicabilidade à história, preocupa, sobremaneira, Gagnebin, quando ela assevera que “o historiador vive no relativo” (GAGNEBIN, 2006, p. 42). Essa relatividade remete a uma limitação de todo historiador, caracterizada pelo fato de ele não poder referir-se a tudo; dessa forma, “sua luta não pode ter por fim o estabelecimento de uma verdade indiscutível e exaustiva” (GAGNEBIN, 2006, p. 42), mas a fixação de verdades

parciais capazes de satisfazer a descrição de partes da realidade. Entretanto, a explicação de parte de um todo pode ser suficiente para o entendimento do universo onde essa parte se insere. Neste caso, a verdade aplicada à historiografia não pode ser vista com a mesma assertividade da verdade em outros contextos. Na historiografia, a verdade sofre ruptura de seu significado nos dicionários. Essa constatação levou Gagnebin a afirmar que “o conceito de verdade não se esgota nos procedimentos de adequação e verificação, procedimentos esses cuja impossibilidade prática no caso da historiografia [...] fornece, justamente, seus ‘argumentos’ aos revisionistas” (GAGNEBIN, 2006, p. 42).

A propósito, Barroso adverte que à história cabe “abdicar de seu poder de enunciação de uma intenção de verdade” (BARROSO, 2013, p. 58). Tal assertiva casa-se com a afirmação supra de Gagnebin. Afinal, quando a história recorre à literatura para explicar certos axiomas ela está se servindo de uma ação humana que é tão competente quanto consegue explicar o mundo a partir de uma expressividade que prescinde de documentos. A realidade, neste caso, é para ser imitada (Aristóteles), não para ser desnudada.

A relatividade da ação do historiador, no aspecto da pressuposição de verdade resulta de vários aspectos que vão desde a postura do pensador da história em termos de sua visão ideológica da realidade até as limitações oferecidas pela inexistência de fontes documentais que possam conceder, de forma incontestável, a certeza de que o relato seja íntegro. Essa constatação se torna mais contundente, quando se remete a Walter Benjamin (1940) que, citado por Gagnebin, assevera que uma articulação histórica do passado é uma operação epistemológica que não resulta em “conhecê-lo ‘tal como ele propriamente foi’”. Significa apoderar-se de uma lembrança tal como ela cintila num instante de perigo” (GAGNEBIN, 2006, p. 40). Tais considerações nos levam a concluir, ainda que provisoriamente, que a história não pode prescindir da literatura, afinal os “romances, as crônicas, as poesias e os contos ao falarem da cidade, permitem ao historiador outras formas para pensá-la”. Entretanto, é necessário ter em mente que, segundo Barroso (2013, p. 69), “a literatura como fonte de pesquisa da história é uma forma peculiar de buscar compreender a realidade objetivada”. Mas essa compreensão da

realidade por meio da literatura só ocorre porque a ficção apresenta a expressividade, a sensibilidade e carrega, por meio da ação, vestes e fala dos personagens o espírito predominante em certo período, o que contribui para o historiador esclarecer pontos que os documentos deixam obscuros em sua pesquisa para a análise do que aconteceu dessa forma e não de outra.

A literatura vem contribuindo para o entendimento das formas historiográficas e antropológicas do universo latino-americano “desde o século XIX, quando as palavras literárias transcenderam os limites da fantasia e da invenção e passaram a conjugar o elemento imagético a um referente identificável na realidade concreta” (CARDOSO, 2009, p. 22). Esse processo resulta de um fato já tornado lugar comum nos estudos da relação entre história e ficção; isto é, o universo histórico-social é único. Não há um contexto para a literatura e outro para a historiografia, pois ambas têm na realidade social a fonte onde “buscam seu alimento mútuo e se condicionam. A objetivação da história se dá por meio da concretude da vida que analisa, conceitua e transporta para o texto historiográfico. A literatura, ao contrário, privilegia a subjetividade e o mito” (CARDOSO, 2009, p. 21). Certamente é devido a essa circunstância que Cardoso (2009, p. 23) assevera que a “forma como os elementos do mundo surgem no texto literário e no texto historiográfico é a mesma, variando apenas o modo de recriação desses elementos nos textos”. Num caso, a realidade surge como sucessão de fatos identificáveis em documentos, na literatura essa sucessão remete à memória e aparece como mito.

A literatura como fato vivo e dinâmico tem sua importância, mas é necessário enfatizar o momento em que se deu esse fato. É por isso que uma pesquisa sobre a relação entre literatura e história torna-se urgente: é necessário mostrar como ocorreram, suas fontes de referência, influências e aspectos imanentes.

O resgate de memórias – individuais ou coletivas – também é outro fator importante na vida do indivíduo e na constituição de sua identidade, sendo que através dela há estímulo para a motivação da comunidade no sentido de participar ativamente na construção da história de cada indivíduo ou de uma sociedade em geral. O telurismo é um aspecto qualitativo que tem demarcado e diferenciado a literatura brasileira desde suas origens. Uma pesquisa cujo tema volta-se à

questão do telurismo como mito ficcional em uma obra oferece condições para se inserir na literatura a terra, não somente como espaço de vida e travessia de personagens, como também em termos de sua influência na constituição de identidades. O telurismo aparece como tema, quando se discute a relação afetiva do personagem com a terra. Esse aspecto tem sido um marco na literatura brasileira desde os relatórios dos viajantes nos primeiros tempos da colonização até os dias de hoje, tendo conhecido momentos de maior envergadura no romantismo nativista e na segunda fase do Modernismo.

O telurismo é um fenômeno propício para se estudar, no âmbito da literatura os aspectos relacionados à antropologia, em particular, e à cultura, em geral, pois ele faz parte da constituição dos sujeitos em sua relação com seu mundo imediato, onde vivem e estão enterrados seus entes queridos e onde a fala, os cantos, as rezas e as festas são eventos que igualam os indivíduos pelos mesmos costumes; havendo, portanto, elementos de uma antropologia associados à formação cultural. Sendo parte da antropologia e da cultura, o telurismo é uma área propícia para o entendimento da identidade e da forma como esta evolui e se transforma.

A obra “Essa terra”, principalmente por seu caráter literário, é um instrumento propício para se entender as questões relacionadas ao telurismo e a inserção deste na construção da identidade. Os personagens da obra citada, após sua chegada ao Sul veem seu sonho telúrico frustrado por diversos fatores, dentre eles, o de não estarem adaptados à vida na cidade, como pondera um personagem quando desabafa, após sua chegada à cidade grande, que “não conhecia ninguém, nenhum de seus compadres estavam nestas ruas, nestas casas, trabalho para carpinteiro ninguém sabia onde tinha, todos ali trabalhavam em oficinas mecânicas e postos de gasolina” (TORRES, 1988, p. 55).

Além disso, há as questões relativas à escassez de trabalho, ao inchaço das cidades que, ao receberem grande quantidade de migrantes, não têm meios para suprir o espaço com os recursos que possibilitam oferecer um adequado atendimento básico. A frustração e o desespero tornam-se uma constante na vida dos personagens, como exemplo, citamos a fala de um deles: “aqui vivi e morri um pouco todos os dias. No meio da fumaça, no meio do dinheiro. Não sei se fico

ou se volto. Não sei se estou em São Paulo ou no Junco<sup>1</sup>” (TORRES, 1988, p. 47). Problemas como esse levaram Barroso (2013, p. 63) a referir-se ao desenvolvimento urbano como uma série de paradoxos, haja vista que, nos processos de urbanização, há uma articulação entre “desenvolvimento urbano e esperança, duas coisas essenciais para a reatualização da dinâmica social no processo de composição urbana”. Esses dois processos, isto é, *desenvolvimento urbano e esperança* culminam por mudar sua direção quando aplicado aos retirantes do Junco, apresentados como personagens em “Essa terra”, pois no caso desses personagens a convivência com o desenvolvimento urbano, nas cidades do Sul para onde imigram torna-se desesperança que pode ser percebida no romance em estudo, haja vista que nele sentimos “de perto o drama dos retirantes, expresso na voz dos personagens [...] o narrador [conta] a ida e a volta do irmão Nelo para São Paulo, fracassado e ‘engolido’ pela cidade grande” (SILVA, 2010, p. 99).

Eis porque a obra “Essa terra”, que é objeto de estudo neste artigo culmina por ser um texto que contribui para esclarecer a forma como a vida se fazia e acontecia no nordeste brasileiro em certo momento de sua história. Não que Antônio Torres tivesse a pretensão de documentar um período da história, mas porque ao transformar pessoas da realidade concreta em personagens da ficção, levou para o texto literário o homem com seus dilemas, suas dúvidas, seus medos e as incertezas de um porvir longe do Junco. O personagem de “Essa terra” repetiu, portanto, em sua saga o jeito como a vida se fazia e como ele reagia em face dessa vida no contexto do Junco e do Sul.

Quando se toma a verdade como critério para a validação do discurso científico, todas as outras fontes para a historiografia devem ser excluídas do processo de conhecimento da história. Ora, a literatura não tem a verdade como critério de validação dos dramas que apresenta, ao contrário, a arte (qualquer que seja a arte) tem na subversão da realidade sua maneira de se produzir. Entretanto, Barroso (2013, p. 73) pontua que a literatura “possui obras que podem ser tomadas como emblema da reflexão da modernidade”. No nosso

---

<sup>1</sup> Pequeno povoado do interior do Estado da Bahia, hoje conhecido como a cidade de Sátiro Dias.

entendimento, a obra “Essa terra” é literária porque responde positivamente a essa postulação de Barroso.

A linguagem da literatura é plurissignificativa, haja vista que é formada por símbolos que se metamorfoseiam semanticamente, de acordo com a sequência frasal ou textual em que se insere. Isso decorre, sobretudo, de sua construção por meio de figuras de linguagem que têm o apanágio de conceder à matéria em desenvolvimento textual uma riqueza de significados que o texto com finalidade prática jamais consegue atingir. Barroso (2013, p. 69) concorda com essa postulação, quando argumenta que a “

complexidade de reconstrução das relações estabelecidas pelo viés da linguagem metaforizada é o que permite captar a formação da ordem social [...], bem como os processos relacionais inscritos no espaço e no tempo que são redefinidos cotidianamente pelas práticas sociais.

A obra “Essa terra” é uma representação metafórica de uma travessia que tem o homem como centro. O ponto de partida é o campo, lugar de onde homens (no sentido masculino do termo) são expulsos pelas forças do capitalismo abençoado, na obra, pela igreja e capitaneado pelo Banco que empresta dinheiro aos agricultores e depois lhes toma as terras para saldar as dívidas, haja vista que o clima árido e seco não possibilitou as colheitas prometidas pelos que, no Junco, representavam o governo. Temos aqui uma problemática na qual o indivíduo – sertanejo que adquire o empréstimo para melhorar de vida – torna-se vítima de uma sociedade injusta, num contexto econômico em que as terras eram divididas entre grandes fazendas, contribuindo para que a riqueza se concentrasse nas mãos de poucas pessoas, enquanto em sua maioria a pobreza reinava deixando os provedores das famílias sem meios para sobreviver e cada vez mais submissos aos seus superiores.

No que tange à travessia, como representação de uma metáfora das relações humanas tensas, Barroso (2013, p. 63) indica que as “metáforas do texto literário adquirem diversos significados”. Em nossa opinião, esses significados, na obra “Essa terra”, representam a opressão e, a partir dessa, todos os elementos que lhe são conexos, começando pela identidade que se torna um problema quando posta em

contato com a vida em cidades mais distantes, atingidas pela diáspora que é outro tema apenso à metáfora. Desta forma, ao ser baiano paulista ou paulista baiano, a ideia é de um hibridismo cultural, um hibridismo que, de acordo com Silva (2009, p. 87)

tem sido analisado, sobretudo, em relação com o processo de produção das identidades nacionais, raciais e étnicas [...] a mistura entre diferentes nacionalidades coloca em xeque aqueles processos que tendem a conceber as identidades como fundamentalmente separadas.

Ou seja, o personagem parte com suas características, sua fala, sua música, sua dança, mas no lugar para onde vai encontra outra fala, outra música e outra dança e busca adotar esses elementos como meio de ser aceito na nova comunidade. Esses aspectos borram, ou mancham a identidade do personagem.

A opressão, transformada em tema literário, a partir de uma memória coletiva qualificada pelo sofrimento, torna-se ficção que, por seu turno, sendo “parte da cultura geral de um povo assume o desafio de repensar historicamente as relações humanas em sociedades marcadas pela [ruptura da justiça], como é o caso da América Latina” (CARDOSO, 2009, p. 23-24). Essa postulação aplicada à obra “Essa terra”, demonstra que os personagens da obra em questão, que num primeiro momento representam a si mesmos lavrando a terra para prover a família de alimento, terminam como entes de uma diáspora em direção ao Sul. O viés imagético que aparece nesse primeiro momento é o do romantismo, mas no momento seguinte em que se dá a diáspora, as imagens são realistas e representam metaforicamente entes que, em grupo, atravessam o país e as dificuldades em busca de um eldorado, onde acreditam que encontrarão a dignidade e a segurança representadas pelo trabalho e pelo pão. A partir daí transformam-se em figuras que tipificam o homem marcado pela desesperança e pela incerteza.

Em “Essa terra” o problema não é o campo. Dessa forma, o campo e a vida rural não aparecem como contradição, mas como lugares de construção de uma identidade e, no caso do campo, como um eldorado, pois uma vez longe de seu lugar de origem, o sertanejo

percebe que o paraíso sempre fora aquela paisagem que um dia ficou para traz: um espaço telúrico em que o homem em comunhão com uma natureza que conhece e respeita encontra espaço para realizar-se como filho, marido e pai, é ali o seu centro de força, sua zona de proteção maior.

O problema aparece quando o espaço se transfere para a cidade que é uma fonte geradora de conflitos. No caso de “Essa terra”, o conflito privilegia uma contradição demarcada pela “ruptura do mito [e] pela racionalização do mundo como fator subjacente à coisificação do homem” (CARDOSO, 2009, p. 21). Essa assertiva de Cardoso aponta para o fato de que, nessa obra, a perda da identidade é fator da transformação do homem em coisa. Mesmo assim, em meio às dificuldades encontradas pelo caminho, o mesmo homem — ora coisificado — se vê numa batalha frenética à procura de meios que derrubem os obstáculos, superem as limitações interpostas à sua caminhada rumo ao renovo ou simplesmente, como diz Bachelard (1989, p. 48), “desejam viver em outro local, longe das preocupações citadinas” seus pensamentos fazem com que procurem refúgio dos problemas cotidianos.

A memória e a imaginação são elementos constantes dos sentimentos modeladores do telurismo. “Três pastos, uma casa, uma roça de mandioca, arado, carro de bois, cavalo, gado e cachorro. Uma mulher, doze filhos. O baque da cancela era um adeus a tudo isso” (TORRES, 1988, p. 49) Isto é, a memória dos espaços que ficaram para trás e a imaginação como esperança da reconquista desses espaços: “Papai, tomara que tudo melhore, eu penso nisso o tempo todo. Preciso mandar um dinheiro para o senhor comprar de novo a nossa roça” (TORRES, 1988, p. 46). Essa constatação leva ao entendimento de que a questão dos deslocamentos humanos tipificados na trajetória de personagens de obras ficcionais como aspectos reveladores dos contrastes entre centro e periferia é bidirecional; isto é, aponta para a terra alheia como espaço de esperança e para a terra ancestral como espaço de retorno. Essa via de mão dupla se dá pela troca constante entre o espaço urbano onde o personagem transita em seu presente e o espaço sertanejo, pertencente aos relatos do passado.

Em certos momentos, ao procurar refúgio, quando já se encontra no Sul, o indivíduo busca as lembranças que permanecem na

memória e acaba deixando-se seduzir pelo devaneio; no romance em análise, por exemplo, o personagem Nelo, que migrou do Junco (Bahia) para o Sul de São Paulo encontra-se em estado de devaneios com a terra ancestral ao ser surrado e humilhado por um grupo de soldados em plena marginal, “eles estão mijando na minha cara e eu estou tomando um banho no riacho lá de casa [...] seguro um tronco de mulungu para não me afogar, o tronco escapole, estou me afogando: — socorro” (TORRES, 1988, p. 45).

Enquanto passa por provações num espaço que não condiz com sua origem, sua cultura, sua filosofia de vida, o personagem, por meio de *flash-back* tenta minimizar a humilhação sofrida numa terra de estranhos, para isso os fatos que remetem à sua memória estão relacionados a um espaço de outrora, no qual viveu momentos felizes ao lado do pai, espaço este considerado pelo personagem, um espaço acolhedor. “O mijo escorre quente e fedido, é a chuva que Deus mandou na hora certa, viram como foi bom plantar no dia de São José?” (TORRES, 1988, p. 46). Para Nelo, o xixi que aliviavam sobre si era considerado a chuva chegada em boa hora porque no momento em que os soldados o faziam, as pancadas destinadas a ele cessavam, pois não podiam fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Esse comportamento do personagem, de buscar refúgio através de devaneios, não é único e não se restringe aos limites da obra de Antônio Torres, pois há em Bachelard (1989, p. 45) uma situação semelhante, “quando o barulho dos carros se torna mais agressivos, esforço-me para ver nele a voz do trovão, de um trovão que me fala, que ralha comigo”.

O discurso literário realiza-se a partir de vários pontos de ancoragem. Há os discursos que se ancoram no eu e representam a luta do indivíduo que, solitário, busca vencer as forças que o dominam no mundo da realidade. Neste caso, o elemento representado é o homem destacado do meio social e histórico em que se insere. Eis aqui a forma de representação que encontramos no texto romântico; já ao situar-se “no espaço da representação, ele faz da realidade o seu ponto de partida, o mundo referido então se abre para ser investido de sentidos para que a realidade então passe a carregar dentro de si outros significados” (BARROSO, 2013, p. 62). O personagem de “Essa terra”, o eu ressignificado pela cidade compõe-se da soma dos

elementos com que se depara em sua realidade imediata (a realidade de empréstimo) do Sul com a realidade que sobrevive como memória dos tempos do Junco. A propósito, do Junco ao sul, Antônio Torres traz ao lume o drama do retirante e

Ao tematizar o movimento, a migração, o deslocamento e as fronteiras, a obra de Torres constata abismos. No entanto, esses abismos e o modo como essa posição intermediária das personagens ficcionais é figurativizada pelo escritor é um ponto de partida, a partir do qual é possível discutir e problematizar semelhanças e diferenças culturais em nosso mundo contemporâneo, em âmbito local, regional, nacional e também global (SEIDEL, 2010, p. 13).

O personagem, num momento tenso de sua travessia, exclama: “— Hei de te amar até morrer. Essa é a terra que me pariu.” (TORRES, 1988, p.19). Este trecho da obra em estudo guarda um tom afetivo da relação entre o homem e seu espaço de origem, indicando que tal relação permanece arraigada mesmo que o indivíduo seja enxotado para outros lugares, tendo em vista que sua terra atrai e repulsa ao mesmo tempo. A repulsão ocorre naqueles casos em que parte da população migra para outras localidades, quando a terra ancestral não oferece os meios de sobrevivência.

Essas considerações qualificam a relação entre o homem e seu lugar de origem desde os tempos bíblicos, quando Moisés guiou os israelitas, na condição de nação eleita para a terra onde mana leite e mel. Ela aparece como tema e problema refletido na literatura desde sempre, como exemplificam os textos românticos da vertente nativista. A busca de um eldorado é, portanto, fato antigo na história de todo homem e comunidade em cujo espaço de moradia não encontra condições de sobrevivência. Repete-se, por exemplo, no nordeste brasileiro, como constata Fioravanti, ao afirmar que

o desejo de fuga para as terras do Centro-Sul habitava o universo mítico do nordestino: o sonho mítico de habitar uma terra onde ‘corresse leite e mel’ não foi apenas prerrogativa do povo hebreu na gênese bíblica, mas fora difundido por todos aqueles que sofriam com a extrema pobreza da natureza (FIORAVANTI 2010, p. 95).

A situação de penúria na história do povo de Israel e entre os moradores do Junco leva ambos os povos a fugirem de seus opressores. No primeiro caso, a opressão era representada pela figura do faraó que, sendo aquele que detinha o poder sobre os demais, mantinha o povo israelita sob seu controle, enquanto no segundo caso, o vilão da história era a própria terra que oprimia os moradores por sua improdutividade de alimentos.

É nessa partida para espaços desconhecidos que o telurismo vem à tona, pois lançado, de chofre, no meio da cidade grande entre a vibração das ruas e das máquinas, o homem, outrora habitante dos campos, percebe que a volta para a terra que abriga seus mortos é seu único caminho de reencontro com sua identidade.

Voltando à questão da identidade, este estudo concluiu que ela é construída na relação do homem com a terra, pois esta guarda histórias, mitos e sabores que contribuem para levá-lo a uma identificação mútua, ou como assevera Bachelard (1989, p. 34), “mais que um centro de moradia, a casa natal é um centro de sonhos”, quando os homens passam a vislumbrar em cada um a projeção do mundo material e espiritual que lhes conferiu o jeito de ser e viver. “Se voltarmos à velha casa depois de décadas de odisséia, ficaremos muito surpresos de que os gestos mais delicados, os gestos iniciais, subitamente estejam vivos, ainda perfeitos” (BACHELARD, 1989, p. 34). A relação com a terra somada à identidade leva a uma experiência amorosa, formada pela impossibilidade de se viver distante dos espaços de origem. Afinal, continua Bachelard (1989, p. 35), “habitar oniricamente a casa natal é mais que habitá-la pela lembrança; é viver na casa desaparecida tal como ali sonhamos um dia”.

No caso do Brasil em geral e, sobretudo, quando se considera o Nordeste em particular, o problema é adensado pela seca e seus problemas conexos, como as dificuldades para se conseguir o pão. Tais fatos levam o homem a se afastar de suas origens, o que amplia em seu consciente as relações telúricas que antes mantém com a terra. A saída para terras desconhecidas se dá mesmo sem saber, de antemão, sobre as possibilidades de sobrevivência nesse outro mundo. De qualquer maneira, os personagens não encontram outro modo de sobrevivência que não seja a lida com a terra; neste caso, não se dá uma retirada para

lugares distantes, mas uma travessia pelo próprio espaço de origem em busca de outros espaços.

## Referências

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARROSO, Eloísa Pereira. História e literatura: um percurso metodológico no estudo da cidade. **Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social**. Assis, v. 13 jan.-jun. 2013, p. 57-75.

CARDOSO, João Batista. **Um mapa da história sobre o mapa da ficção**. Goiânia: Ed. da UCG, 2009.

FIORAVANTI, Solange Araújo. Totonhim — marcas emblemáticas de um migrante sertanejo em *O cachorro e o lobo*, de Antônio Torres. In: NOVAES, Cláudio Cledson; SEIDEL, Roberto Henrique (Org.). **Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010. p. 89-97.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Lembrar, escrever, esquecer. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Verdade e memória do passado**. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 39-47.

SEIDEL, Roberto H. Deslocamentos marcam a vida e a criação literária de Antônio Torres. In: NOVAES, Cláudio Cledson; SEIDEL, Roberto Henrique (Org.). **Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010. p. 11-14.

SILVA, Amanda da. São Paulo não é o que se pensa: uma leitura da trilogia torresiana. In: NOVAES, Cláudio Cledson; SEIDEL, Roberto Henrique (Org.). **Espaço nacional, fronteiras e deslocamentos na obra de Antônio Torres**. Feira de Santana: UEFS Editora, 2010. p. 99-110.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009. p. 73-102.

TORRES, Antônio. **Essa terra.** 8. ed. São Paulo: Ática, 1988.

*Recebido em: 15 de junho de 2016*

*Aceito em: 20 de julho de 2016*

# INFERNO EM DIGESTÃO: A TERRA SONÂMBULA DE MIA COUTO E DE OUTROS MOÇAMBICANOS

## HELL IN DIGESTION: A SLEEPWALKER LAND MIA COUTO AND OTHER MOZAMBICANS

## INFIERNO EN LA DIGESTIÓN: UNA TIERRA SONÁMBULA MIA COUTO Y OTROS MOZAMBIQUEÑOS

*Renato Alessandro dos SANTOS\**

*“Aqui nadie se queda inmóvel. Mi pueblo es  
movimiento. Mi pátria es um camino.”*

(Pablo Neruda)

*“Do rio que tudo arrasta*

*Se diz que é violento*

*Ninguém diz violentas*

*Às margens que o cerceiam”*

(Bertolt Brecht, *apud* Tuleski, 2010)

Olhando para trás, lá se vão 24 anos. “Terra sonâmbula”, romance de Mia Couto, tem essa idade – praticamente o mesmo número de anos que sinalizam o fim da guerra civil de Moçambique, em 1992. Vida difícil a dos moçambicanos. Não bastasse a independência tardia (1975), encerrando a fase de guerra anticolonial, o país entrou em outra batalha, interna, a guerra civil que, de 1976 a 1992, deixou o chão e a vida esburacados. Luta necessária, amplamente mortífera, e que assinala um período em que um tardio império decadente não mais estenderia suas mãos para pilhar e para fazer sofrer aqueles que, além-mar, viram-se enredados numa máquina lusitana que perdeu a sincronia com a máquina do mundo. Duro é compreender que finda a luta pela independência, de 1965 a 1975, contra aqueles que vieram com a língua de fora, começaria outra contra aqueles que, do lado de dentro, não se compreendiam nação uma,

---

\* Professor do curso de Letras do Centro Universitário Moura Lacerda, de Ribeirão Preto, SP. Fez doutorado em estudos literários na UNESP, de Araraquara, SP. É editor do site *Tertúlia*, onde uma primeira versão desta resenha foi publicada. Contato: [realess72@gmail.com](mailto:realess72@gmail.com).

surdos que estavam à diversidade de línguas que demarcam territórios e que expuseram uma cizânia, uma ferida que indicava que o ódio e a intolerância ainda tinham muito a dizer a Moçambique.

E a literatura, o que tinha ela a falar sobre tudo isso?

Uma boa resposta está em "Terra sonâmbula", um dos 12 livros africanos mais admirados do século 20. "Nele", afirma a professora Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco, "as estórias entrançadas constituem-se como uma rede poética que dá a resposta da literatura à crise político-social por que passa Moçambique" (2000, p. 277).

E que resposta: política e literatura de mãos dadas, levantadas do chão.

Primeiro, repleta de sinais de uma guerra recente, a estrada por onde passam dois personagens que levam o leitor travessia adentro. Os sinais: carros incendiados e retorcidos, pessoas mortas e carcomidas a servir de pasto a aves de rapina; sem comida, sem futuro, sem sonhos. A terra está sonâmbula.

Depois, esses personagens que, no romance, fazem a diferença e indicam o desenrolar do enredo. Dois. Um velho e um menino: Tuahir e Muidinga. Duas gerações a abrir a estrada para seguir adiante. A tradição e o porvir. O menino perdeu voz, dignidade, esperança, mas o velho ajuda-o a reencontrá-las, e partem, até porque não há outra coisa a fazer a não ser manter-se em movimento. Caminham os dois e, de repente, veem um machimbombo abandonado, uma espécie de micro-ônibus que servirá como uma âncora aos dois, âncora para regressar, âncora temporária a amortecer as agruras da estrada. Mas o que é aquilo ali? Ali está o que restou de um homem e, anexado a ele, uma mala. É preciso enterrar o corpo, e eles assim o fazem; é preciso ver o que há dentro daquela velha mala e, ao abri-la, o que o menino encontra são onze cadernos, escritos por Kindzu, terceiro personagem que, fugitivo também, será uma espécie de bálsamo para a travessia de Tuahir e Muidinga, porque nesses apontamentos os dois encontrarão o sonho que parece inexistir na terra sonâmbula.

E vai assim, um livro dentro do outro, em abismo. Muidinga descobre que sabe ler, algo que julgava perdido, e, levantando a voz, narra para Tuahir, cego para as miçangas das letras, a biografia

misteriosa de Kindzu, cuja vida também é marcada pelo movimento pícaro da estrada e pelas investigações oníricas que engendra.

Kindzu é filho de um pescador, o velho Taímo. O pai não compreende que o filho tem de ir embora de sua terra, e o menino não entende o porquê da ojeriza do patriarca. Conflito de gerações – conflito marcado por duas visões contrastantes: o filho acredita que a resposta está lá fora, enquanto o pai não o perdoa por fugir e escapar de onde nascera. Eis o sal da terra. Kindzu parte, bem como o pai, que resolve ir para o além-mar que separa o mundo dos vivos e dos mortos. Longe de casa, o rapaz espera encontrar os naparamas, guerreiros que estão mais para lá do que pra cá, isto é, que têm lá seu quinhão no mundos dos mortos e, por isso, representam a tradição de heróis que podem recuperar a grandeza da terra para seu povo.

Parte Kindzu, e seu pai, vez ou outra, surge para lhe iluminar ou apagar o caminho, pois o velho – no mundo dos mortos – ainda não o perdoou. E estrada afora, o passado do país é reacendido pela voz do filho, que, estrada adentro, reencontra ancestrais capazes de resgatar o fio da memória tão severamente obliterado pela assimilação lusitana, isto é, pela borracha que os portugueses esforçaram-se em usar a fim de apagar a memória popular. Assim, emergem estórias capazes de ilustrar a cisão entre o mundo real e o mundo dos sonhos, espelhados pela narração em primeira pessoa de Kindzu e contrastados pela terceira pessoa do narrador, que apresenta a realidade em ruínas, em carcaças, em destroços que povoam a estrada de Muadinga e Tuahir.

É essa voz de Kindzu – aliada à narração onisciente – que resgata o saber africano dos anciãos, bem como a identidade perdida durante o processo de colonização português. Em seus cadernos, a poesia resgata os laços do passado, trazendo ao encontro do leitor a memória do tempo perdido: o canto do galo mimético e independente de Vinticinco de Junho, ou Junho ou Junhito; a perseguição de Nhamataca por rios, à espera de vê-los brotar da terra; as velhas em transe que em busca de gafanhotos parecem ecoar um canto ranzinza de cigarras; o velho português Romão Pinto e sua esposa, a africana Virgínia, personagens que carregam no nome o fardo da colonização; a mulher que em busca do filho ocupa a carcaça de um velho navio ancorado, repleto de mantimentos que apodrecem à revelia de uma população faminta; o discurso contrário ao etnocentrismo europeu, do

indiano Surendra Valá, em que denuncia o preconceito a outras raças (“O indiano mais sua nação sonhada: o oceano sem nenhum fim”, 2007, p. 200). Essas e outras estórias são costuradas na narrativa, enquanto do outro lado do espelho os dois personagens servem-se delas como aqueles que, na oração, encontram força para escapular de uma vida rasteira e seca.

É assim, nesse diálogo entre o passado e o presente, entre o imaginário e a realidade, que “Terra sonâmbula” encontra, por meio da literatura, o caminho por onde os moçambicanos têm de seguir adiante, estrada afora, vida adentro, como um metrônomo que regressa ao passado para, no presente, parafraseando Brecht, seguir como o rio que vai engolindo tudo pela frente, a despeito das margens que o oprimem.

## Referências

TULESKI, Silvana. Editorial. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 15, n. 2, p. 233-234, abr./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v15n2/a01v15n2.pdf>>. Acesso em: 09 jul. 2016.

COUTO, Mia. **Terra sonâmbula**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NERUDA, Pablo. Disponível em: <[http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth\\_panorama.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf)>. Acesso em: 09 jul. 2016.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. Mia Couto e a incurável doença de sonhar. In: SALGADO, M. T.; SEPÚLVEDA, M. do C. (Org.). **África e Brasil: letras em laços**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2000.

*Recebido em: 11 de julho de 2016*

*Aceito em: 31 de julho de 2016*

## NORMAS PARA O ENVIO DE ARTIGOS

1. Todos os trabalhos encaminhados à revista **LINGUAGEM – estudos e pesquisas** se submeterão à apreciação dos Conselhos Editorial e Consultivo. O(s) autor(es) será(ão) comunicado(s) sobre a apreciação.
2. Os artigos serão avaliados por dois pareceristas membros do Conselho Consultivo, após apreciação do Conselho Editorial e, caso haja um parecer contrário à publicação, encaminhados a um terceiro avaliador.
3. Os artigos deverão ser digitados em espaço simples, no Programa Word 6.0 (ou equivalente), fonte Times New Roman (tamanho 11), e deverão conter entre 15 e 20 páginas, em papel tamanho A5. O encaminhamento dos artigos deverá ser feito em duas (02) vias (uma com identificação e outra sem identificação do autor) para o endereço [revistalinguagem@gmail.com](mailto:revistalinguagem@gmail.com). O(s) autor(es) deverá(o) encaminhar ainda uma rápida biografia e o contato eletrônico.
4. O título do artigo deverá vir em letras maiúsculas (caixa alta), negrito, centralizado no alto da primeira linha, em português, inglês e espanhol, seguido, logo abaixo, à direita, do(s) nome(es) do(s) autor(es), com letras minúsculas e em itálico. A identificação da Instituição deverá, seguido do endereço eletrônico do(s) autor(es), vir em forma de nota de rodapé no final da primeira página e marcada com o símbolo personalizado (\*).
5. O texto deve ser antecedido por um Resumo de cinco (05) linhas ou até cento e cinquenta (150) palavras, em português, inglês e espanhol. Após o Resumo, deverão vir até quatro palavras-chave em português, inglês e espanhol.
6. As notas explicativas deverão ser enumeradas automaticamente em algarismos arábicos no final da página, como nota de rodapé. As citações no interior do texto deverão vir em fonte menor que a utilizada no texto (fonte 10), obedecendo à mesma paragrafação (1,25 cm de recuo), com recuo total de toda a citação e sem itálico. Recomenda-se, para as citações, o sistema de chamada autor-data. Ex.: (SILVA, 2005, p. 35).
7. Ilustrações deverão ser originais ou cópias nítidas passíveis de reprodução e as fotografias em branco e preto, com a devida autorização.
8. Todas as citações do texto, documentais e bibliográficas, deverão ser elencadas nas “referências”, em ordem alfabética, com dados completos (sem abreviação do nome do autor), de acordo com as normas da ABNT – Associação Brasileira de Normas e Técnicas (cf. NBR 6023).
9. As normas tipográficas são de responsabilidade da revista.
10. São de responsabilidade do (s) autor(es) a correção gramatical do texto e a exatidão das referências bibliográficas. Os editores, porém, podem fazer ligeiras adaptações nos textos que, aprovadas pelos autores, serão incorporadas à versão final.
11. Maiores informações, acessar: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/lep>, em “Submissões”, “diretrizes para Autores”.